



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HUMANIDADES, DIREITOS E**  
**OUTRAS LEGITIMIDADES**



**Manosergio Felix da Silva**

**Espelhos Inversos:  
os Constructos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima  
Sob os Olhos da Diversidade Social**

**São Paulo**

**2023**

**Manosergio Felix da Silva**

**Espelhos Inversos:  
os Constructos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima  
Sob os Olhos da Diversidade Social**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles

**São Paulo**

**2023**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELÉTRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Manosergio Felix da.

Espelhos Inversos: os Constructos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima Sob os Olhos da Diversidade Social.

/ Manosergio Felix da Silva – São Paulo, 2023. 176 p.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Reinaldo Mirando de Sá Teles

1. Diversidade Social. 2. Autoimagem. 3. Autoconceito. 4. Autoestima.

Nome: Manosergio Felix da Silva

Título: Espelhos Inversos: os Constructos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima Sob os Olhos da Diversidade Social.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ pela comissão julgadora constituída pelos doutores:

**Banca Examinadora**

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais,  
Que com suas desconcordâncias verbais  
Riscaram a linha da vida  
Na palma da minha mão.*

## AGRADECIMENTOS

Este estudo foi feito por um ser coletivo com um milhão de mãos visíveis e invisíveis que se ajuntaram numa expressão de vida e de viver. Para todes, o meu mais profundo agradecimento, incluindo aqueles que a minha vista não alcança. Todes foram e são partes indispensáveis desta construção que não poderia ser de outra maneira, senão assim com todo o sentido que há para ter. E por ser um trabalho inteiro, é também incompleto. Para que exista sempre um espaço aberto para que chegue mais alguém...

Meu intraduzível agradecimento ao Professor Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles, Orientador desta jornada, que com a sua vasta sabedoria e inefável generosidade conduziu-nos com a mais absoluta maestria pelas alamedas da alma do conhecimento. Sinto-me honrado por compartilhar da sua grandiosa presença e vê-lo irradiar bênçãos libertárias nesse mundo de injustiças.

Ao Alex Sartorel, que com sua gentil e amorosa dedicação ensina-nos a substância fundamental para o caminho da parceria e do companheirismo.

À Gal Botês e Jeff Costa, pela prontidão, competência e sensibilidade artística na condução do documentário.

À Nathaly Matsuda, pela sua contribuição, alegria e participação valorosa neste trabalho.

Aos Colaboradores Josina Maria, T´Angel, Rô Vicente e César Trevisan, pela imensurável bondade de ter participado dos encontros, trazendo a grandeza das suas histórias de vida.

Aos meus amigos do Solar Espaço Terapêutico, companheiros de jornada, cuidadores, amigos, meus mestres espirituais.

A todes que de alguma forma possam ser beneficiados com a leitura desta obra, aos leitores sob qualquer situação.

A todos os seres da vida, pulsantes e inanimados, concretos e etéreos, que de modo direto e indireto se envolveram com a construção de cada palavra escrita, cada pensamento formulado. A todos os mestres da vida, da terra, do sol, da água, do ar, do universo. Aos Mestres do conhecimento e da Cura. Gratidão!

Minha alma se sente honrada!

- \_ Esta é uma ação sobre os sentidos.*
- \_ De que ela é feita?*
- \_ De olhos, ouvidos, peles, narizes e línguas.*
- \_ A que serve isso?*
- \_ Ao amor. Tudo o que existe é fruto do caso de amor entre o sim e o não.*
- \_ Mas, onde está o amor?*
- \_ No espaço vazio entre as letras.*
- \_ Então para que servem as letras?*
- \_ Para os amantes brincarem de esconde-esconde.*

*Sérgio Felix (ago/23)*

Silva, MF. Espelhos Inversos: os Constructos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima Sob os Olhos da Diversidade Social [Dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2023.

## RESUMO

O processo de colonização instalada pelos europeus que impôs domínio territorial aos povos originários das Américas, Ásia e África, incluiu a hegemonia do seu modelo de pensar o mundo, soterrando antigos saberes e a pluralidade de expressões humanas. Esse fenômeno se traduz na sociedade atual em formas de desigualdade socioeconômica, preconceitos e exclusões de pessoas que compõem o espectro da diversidade social. Esse trabalho se propôs a dialogar com essas pessoas na tentativa de identificar a propagação subjetiva dessas condições na constituição dos constructos da sua autoimagem – elemento descritivo, do seu autoconceito – significado implícito, e da sua autoestima – valor atribuído. Para tanto, utilizou-se do método de História Oral Temática, por meio do recurso de quatro entrevistas que foram gravadas em áudio e vídeo e produzida no formato documentário. O conteúdo das entrevistas revelou que a temática da diversidade se apresenta de forma imperativa na trajetória dos colaboradores e influencia significativamente a constituição da sua autoimagem, autoconceito e autoestima, acionando o desenvolvimento de estruturas psíquicas de adaptação, reestruturação, superação e redenção.

**Palavras-chaves:** Diversidade Social. Autoimagem. Autoconceito. Autoestima.



Silva, MF. Espelhos Inversos: os Constructos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima Sob os Olhos da Diversidade Social [Dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2023.

## **ABSTRACT**

The colonization process installed by Europeans, which imposed territorial dominance on the original peoples of the Americas, Asia and Africa, included the hegemony of their model of thinking about the world, burying ancient knowledge and the plurality of human expressions. This phenomenon translates into forms of socioeconomic inequality, prejudice and exclusion of people who make up the spectrum of social diversity in today's society. This work proposed to dialogue with these people in an attempt to identify the subjective propagation of these conditions in the constitution of the constructs of their self-image – descriptive element, their self-concept – implicit meaning, and their self-esteem – attributed value. Therefore, the Thematic Oral History method was used, using four interviews that were recorded in audio and video for a Documentary production. The content of the interviews revealed that the thematic of diversity is imperative in the trajectory of the collaborators and significantly influences the constitution of their self-image, self-concept and self-esteem, triggering the development of psychic structures of adaptation, restructuring, overcoming and redemption.

**Keywords:** Social diversity. Self image. Self-concept. Self esteem.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Dimensões de Análise	p. 69
Quadro 02 – Referências de Análise e Constructos	p. 70
Quadro 03 – Dimensão da Autopercepção Autobiográfica - Josina	p. 73
Quadro 04 – Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - Josina	p. 74
Quadro 05 – Dimensão da Autopercepção Interpessoal - Josina	p. 76
Quadro 06 – Dimensão da Autopercepção Intersocial - Josina	p. 77
Quadro 07 – Síntese das Dimensões Correlacionadas aos Constructos – Josina	p. 79
Quadro 08 – Dimensão da Autopercepção Autobiográfica - Rô Vicente	p. 80
Quadro 09 – Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - Rô Vicente	p. 82
Quadro 10 – Dimensão da Autopercepção Interpessoal - Rô Vicente	p. 83
Quadro 11 – Dimensão da Autopercepção Intersocial - Rô Vicente	p. 84
Quadro 12 – Síntese das Dimensões Correlacionadas aos Constructos – Rô Vicente	p. 85
Quadro 13 – Dimensão da Autopercepção Autobiográfica – T´Angel	p. 86
Quadro 14 – Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - T´Angel	p. 89
Quadro 15 – Dimensão da Autopercepção Interpessoal - T´Angel	p. 90
Quadro 16 – Dimensão da Autopercepção Intersocial - T´Angel	p. 91
Quadro 17 – Síntese das Dimensões Correlacionadas aos Constructos – T´Angel	p. 93
Quadro 18 – Dimensão da Autopercepção Autobiográfica –César Trevisan	p. 95
Quadro 19 – Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - César Trevisan	p. 96
Quadro 20 – Dimensão da Autopercepção Interpessoal - César Trevisan	p. 97
Quadro 21 – Dimensão da Autopercepção Intersocial - César Trevisan	p. 99
Quadro 22 – Síntese das Dimensões Correlacionadas aos Constructos – César Trevisan	p. 100
Quadro 23 – Síntese Geral das Dimensões Correlacionadas aos Constructos.	p.102



## ESPELHOS



*Não, nunca entendi certo o lado direito das coisas.*

*Não é que sou errado, sou distraído por opção do destino.  
E, por isso, toda manhã costumo vestir meu corpo às avessas.*

*E então só dou conta de mim  
Quando o inverso do espelho revela minha cara oblíqua.  
Mas, aí já sou perdido do primeiro caminho.  
E, por ter nascido de olhos enviesados, só sei olhar fazendo curva,  
E só digo que fui quando estou voltando.*

*Daí em diante é uma desocupação que me inunda.  
Entretido fácil com o inverso da pele,  
Ocupo-me dela e do oculto das suas dobras quando devia guardá-las.*

*E quando amanhece lá fora, já é para mim noite adentro,  
Pois vejo tudo pelo vazio do que inexistente e a vida no que lhe falta.  
O que é, é em mim uma travessia pela saudade do tempo.  
Por isso resolvi dormir nas águas,  
Lá onde o seu reflexo difuso assanha o rascunho das minhas linhas e eu  
posso me reescrever como eu quiser.*

*Não queria dizer e, por isso mesmo é que digo:  
Há tanta força na minha fraqueza que me confundo com os seus sinônimos.*

*O que sei, é o que eu não entendo.  
E o mistério sobre mim traduz-se numa língua de contrários.  
O que sou é uma verdade rotatória de pontos estrangeiros  
Que vem quando vão e vão quando vem.*

*Não, nunca entendi direito o lado certo das coisas.*

*Sergio Felix, (28/05/13)*

## INTRODUÇÃO

O colonialismo foi um período histórico marcado pelas grandes navegações marítimas europeias em direção a outros continentes como América, Ásia e África, para fins de exploração de riquezas e de ampliação do poder econômico. Esse processo, que se configura como a dominação de um país sobre outro em amplos sentidos, inclui-se a imposição do modelo de pensar do colonizador sobre toda a construção cultural, de costumes, saberes e comportamentos dos povos colonizados.

Na historiografia que trata da formação do território brasileiro é corrente associar a ampla miscigenação da sua população considerando o encontro entre os três povos: indígenas, habitantes originários destas terras; o branco-europeu, que aqui chegou pelo processo de expansão colonizadora; e o negro, escravizado para compor a mão de obra. Acrescente-se a chegada de outros povos imigrantes oriundos de diversos países em distintos períodos históricos.

No entanto, apesar da sua origem de pluralidade multicultural, em tempos atuais, a desigualdade de renda e diferenças de acesso à escolarização e aos meios de consumo no Brasil, é flagrantemente discrepante quando se trata de determinadas populações. Inclui-se nos grupos de menor poder social pessoas que estão localizadas fora dos padrões hegemônicos e dentro do espectro da diversidade social humana: negros, homossexuais, indígenas, transexuais, pessoas com deficiência, entre outros. Estes grupos, reiteradamente, são alvo de condutas preconceituosas e de discriminações que afetam diretamente o seu desenvolvimento nas instâncias sociais e impacta no seu universo psicoemocional.

Os debates em torno das desigualdades sociais, em seus vários âmbitos, tem tomado cada vez mais espaço na busca de fomentar compreensões que levem às ações e medidas sociais com saídas mais justas e igualitárias. Porém, em paralelo aos aspectos objetivos, os elementos que permeiam a subjetividade coletiva também requerem atenção e relevância por se tratar da dimensão que organiza a unidade psíquica e de onde advém todo o comportamento manifesto.

Nesse contexto, os efeitos da condição da diversidade social frente a si mesma, ou seja, a sua autoimagem, ganha notória importância por se constituir como repertório descritivo que caracteriza cada pessoa em sua singularidade. O autoconceito, por sua vez, dispõe do significado implícito no interior das imagens, enquanto que a autoestima é o resultado da atribuição de valor pontuado de afeição a si mesmo. A tríade dos constructos da autoimagem (AI), autoconceito (AC) e autoestima (AE) formam um composto inseparável que nasce subjacente às movimentações intrapsíquicas, sob influência da natureza das relações interpessoais e das forças que imperam no contexto social.

A partir disso, considerando o cenário social pautado por estereótipos e exclusões para com a diversidade, convém indagar quais os possíveis efeitos destas condições recaem e se relacionam na subjetividade destes grupos, quanto às suas próprias percepções dos constructos da autoimagem, do autoconceito e da autoestima.

Na tentativa de esboçar respostas a este questionamento, foi elaborada uma proposição de estudos visando identificar os principais aspectos que estão presentes na constituição do grupo de interlocução dessa pesquisa, que contribuem na composição psíquica da tríade dos seus constructos. E a partir disso, analisar seus atributos internos, fatores correlacionados e influências que preponderam na forma como se veem, se relacionam e se posicionam no mundo.

Este estudo tem como natureza intrínseca o caminho inverso do olhar estrangeiro que nomeia, determina e sobrepuja as impressões de mundo da pluralidade humana. Portanto, o trabalho se dirigiu para a edificação de paredes de espelhos cujos reflexos se debruçaram especialmente as faces da diversidade, dialogando com os próprios olhos.

No encaixo dessa (des)construção, o espelho inicial buscou ampliar a compreensão em torno dos temas que se relacionam com a diversidade social no Brasil, traçando um recorte panorâmico entre a colonização europeia e seus desdobramentos atuais na forma de desigualdade social, estereótipos, preconceitos e exclusões de parte da população. Foram levantados os principais termos que fundamentam a urgência de tratarmos da pluralidade cultural, tendo em vista a

implantação de um Estado de direitos e igualdade. Para tanto, foram convidados ao debate os autores que apresentam reflexões a partir da perspectiva contrária ao modelo vigente. Para citar alguns: Fanon (2018; 2020); Santos (2003); Mbembe (2018); Carneiro (2011); Ballestrin (2013); Krenak (2017); Gonzáles (1986);Ribeiro (2017); Werá (2011); Kopenawa (2015); Jesus (2014); Haraway (2003); Leite (2009); Preciado (2014); Butler (2003), entre outros.

Depois de mapear o contexto histórico-social, o próximo espelho pretendeu mergulhar no universo da subjetividade pessoal, a fim de encontrar aparatos de sustentação quanto a constituição do eu-psíquico em suas várias interlocuções. A Psicanálise e as abordagens humanistas foram chamadas a contribuir com as respectivas concepções de ser humano e suas acepções de desenvolvimento pessoal.

O espelho dos constructos percorreu propriamente da compilação de alguns conceitos encontrados em diferentes pesquisas e autores que tratam de forma mais direta ou se aproximam do objeto aqui estudado: autoimagem, autoconceito e autoestima.

Seguindo à lógica aqui defendida, - de oferecer espelho aos seus protagonistas, - acrescentaram-se as análises empíricas do pesquisador que, no exercício da psicologia clínica e no contato com outras fontes heterodoxas do conhecimento humano, permitiram compor fragmentos de ideias quanto ao tema dos constructos.

Quanto à escolha do método de pesquisa, buscou-se apoio nos pensadores que vem questionando a epistemologia científica clássica em sua perspectiva única e restritiva quanto à obtenção do conhecimento, como Latour (2012) e Law (2004). Assim, optou-se pelo recurso da História Oral no gênero Temática, pois que tal modalidade localiza-se no espaço da contrageneralização dos conceitos que universalizam as experiências humanas. Assim, através da estratégia de entrevistas gravadas em áudios e vídeos, procurou-se identificar como as narrativas de quatro colaboradores foram construídas historicamente em termos de significados, experiências e memórias em intersecção com os constructos estudados.

Com relação aos conteúdos apresentados pelos colaboradores, percebeu-se que a temática de vida circula preponderantemente ao redor da sua característica “diversa”, recebida em geral pelos familiares com afeto e estranhamento e no meio social com violência e exclusões. Essa condição influencia expressivamente a constituição da tríade autoimagem, autoconceito e autoestima. A autoimagem é descrita como pessoas fortes e guerreiras, o que revela o caráter da trajetória empreendida. Aponta para o autoconceito de alguém capaz de resistir, superar e replicar seus conhecimentos para a coletividade através de ações sociais ou de cunho ideológico. Por conseguinte, a autoestima resulta em constantes desconstruções-reconstruções de reconhecimentos e significados. Destaca-se ainda, os mecanismos intrapsíquicos que são acionados na forma de adoecimentos, forçadas adaptações, busca de autoconhecimento, resiliência e tarefas redentoras. No âmbito relacional, reforça-se a importância do grupo social que lhe oferece espaço de escuta, pertencimento e legitimação.

Por fim, este trabalho acompanha produção cinematográfica das entrevistas no formato Documentário, como forma de demonstrar outra linguagem e expressão do mesmo fenômeno.



## ESPELHO 1: REFLEXOS NA DIVERSIDADE SOCIAL

*“Ehhh! Meu filho!  
Difícil não é matar o dragão,  
Difícil é rebocar o corpo.”  
(Senhor de 93 anos me disse, quando eu tinha 19)*

Diversidade vem do latim (*diversitas*), substantivo feminino, significando "tudo aquilo que é diverso, que tem multiplicidade"; ou então, é tudo aquilo que não é homogêneo e que apresenta pluralidade.

Social vem do latim (*socialis*), adjetivo de dois gêneros, significando “companheiro/a, união com outros”. Originalmente relacionado ao verbo *sequi*: “seguir, ir junto, acompanhar”.

Cultura vem do latim (*culturae*), que significa “tratar, cuidar, cultivar e crescer”. Na antropologia: "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".

A Diversidade Social e Cultural diz respeito ao conjunto de diferenças observadas numa sociedade em sua pluralidade de aspectos: artísticos, políticos, religiosos, étnicos, etários, econômicos, éticos, identitários, de crença, de condição física, de tradição, de gênero, de orientação sexual, de língua etc.

A esse respeito, assim se expressa a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, da UNESCO (2002) em seu Artigo 1º e 2º:

### IDENTIDADE, DIVERSIDADE E PLURALISMO

Artigo 1º – A diversidade cultural, património comum da humanidade. A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o género humano como a diversidade biológica o é para a natureza. Neste sentido, constitui o património comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Artigo 2º – Da diversidade cultural ao pluralismo cultural Nas nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir a interação harmoniosa e a vontade de viver em conjunto de pessoas e grupos com identidades culturais plurais, variadas e dinâmicas. As políticas que favorecem a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta forma, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que nutrem a vida pública.

Sendo assim, ao tratar da diversidade em termos pragmáticos, pressupõem-se medidas e esforços de todas as instâncias da sociedade, no debate permanente e conciliatório das diferenças e igualdades. Esses diálogos não devem abdicar do respeito e da dignidade da individualidade e da harmonia da coletividade. Em panorama, compreende-se que todas as pessoas são diferentes em características individuais de valores, culturas, personalidades e também iguais em humanidades e direitos fundamentais.

A interlocução necessária entre igualdades e diferenças no debate social, se mostra bem definida no pensamento do Professor Boaventura de Souza Santos:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003 p. 53).

É importante considerar que ao se reportar aos diferentes aspectos que compõem os agentes de uma sociedade, coloca-se em referência, por anterioridade, o seu componente histórico. Em mais palavras, para cada característica singular, está presente todo o processo histórico e de construção pelo qual aquele aspecto foi validado. Portanto, ao olhar para um ponto de diferença, está ali também inserida uma trajetória anônima de sentidos e significados.

No sentido de assegurar os direitos das populações historicamente excluídas como negros, homossexuais, pessoas com deficiência; discute-se em vários setores da sociedade civil medidas de inclusão social. Tal conceito abrange as ações que objetivam construir condições justas e igualitárias, em todos os espaços sociais,

para a inserção e integração da diversidade social e cultural. As chamadas “Ações Afirmativas” são expressões práticas desse pensamento.

Na direção oposta aos pressupostos da Diversidade Social está a construção de uma sociedade hegemônica, de valores fechados e restritivos, calcados em posturas autoritárias e repletas de condutas preconceituosas e discriminatórias. Como manifestação flagrante dessas condutas, é possível destacar: a intolerância religiosa, xenofobia, homofobia, transfobia, racismo, gordofobia, dentre outros.

Nessa circunstância é pertinente conceituar os termos que envolvem esses debates que são objetos de largo interesse, notadamente nas ciências sociais e psicologia social.

## **1.1 – NO ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E SEGREGAÇÃO**

Os fenômenos relacionados aos estereótipos fazem parte de toda a história humana e chegam até os dias atuais percorrendo uma trajetória com diferentes ênfases. Porém, foi a partir da segunda década do século XX que os estudos de definição dos estereótipos de Walter Lippman ganharam uma evidenciação cada vez mais sistemática (LIMA; PEREIRA, 2004).

Os estereótipos são crenças acerca de características ou comportamentos atribuídos a uma determinada pessoa ou grupo social. É uma forma de pensar simplificada e reduzida que produz arbitrariamente rótulos e generalizações, muitas vezes sem nenhum fundamento realístico ou baseado em algumas repetições. O estereótipo é um processo de categorização que serve para dar às pessoas orientação rápida e de fácil adaptação ao meio social.

O preconceito é uma atitude baseada no estereótipo negativo de um grupo em que foi colocado um estigma genérico. Ele carrega um componente emocional coadjuvante e envolve um pré-julgamento ou avaliação.

Os fatores que integram o preconceito com relação a uma pessoa ou grupo podem ser divididos em três componentes: cognitivo, correspondente às ideias

negativas e generalizadas que foram formuladas; afetivo, referente aos aspectos emocionais experimentados diante de quem sofre o preconceito; e comportamental, quanto às orientações das atitudes dirigidas a essas pessoas.

A discriminação ocorre na ação do preconceito. Ela está diretamente relacionada com a natureza do preconceito. Tomando como exemplo, o preconceito racial vai gerar comportamentos de exclusão das pessoas originárias de outras etnias; o preconceito religioso leva ao tratamento discriminatório de profítes de religiões diferentes etc.

A segregação social, por sua vez, impõe fronteiras sociais, institucionais, geográficas e ideológicas calcadas, muitas vezes, na elaboração de leis que apoiam essas ações e justificam ideias de supremacia de um grupo em detrimento de outros com menor poder social. Os casos mais emblemáticos da história recente mundial de ações segregacionistas de um governo sobre uma população estão: a criação do regime Apartheid na África do Sul em 1948 que visava separar brancos e negros; a ascensão do Nazismo que durante a 2ª Guerra Mundial criou campos de concentração para extermínio dos judeus e opositores.

Entretanto, a segregação não está presente apenas no passado em acontecimentos de grande visibilidade de massas. Atualmente a segregação pode ser vista nas periferias e favelas das grandes cidades onde o Estado não atua como agente equalizador da justiça social, como visto na ausência de promoção de estruturas dignas de moradia, saneamento e educação. Ou então, quando se constata que nas universidades públicas apenas uma parcela ínfima de indígenas, negros, transexuais e moradores da periferia compõem o seu quadro docente e discente.

A segregação objetiva excluir ou negar direitos a determinados grupos que apresentam traços, fenótipos ou quaisquer características diferentes do padrão vigente e consideradas de natureza inferior. A segregação é uma estratégia de prática da eugenia.

A segregação pode levar a condições de vulnerabilidade e violência extrema para certos grupos. Nesse seguimento, o filósofo camaronês Achille Mbembe propõe a discussão em torno do termo “necropolítica” para designar o direito do Estado de

matar e de expor à morte outras pessoas, incluindo o direito de impor morte civil, escravizar e outras formas de violência política seguindo critérios econômicos. Na economia do necropoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possível as funções assassinas do Estado (MBEMBE, 2018). O que nos leva a inferir que as estruturas de poder impactam a vida e a liberdade das pessoas, e que a partir da política assumida e propagada na sociedade é possível invisibilizar a presença e apagar os direitos de determinados grupos.

## **1.2 – NOS NÚMEROS DA DESIGUALDADE SOCIAL DO BRASIL**

Os números que avaliam a sociedade brasileira, levantados pelos institutos de pesquisa e de opinião pública, escancaram a desigualdade socioeconômica e expõem o preconceito e a discriminação como condição subjacente às relações de poder. Segue abaixo alguns desses indicadores que reiteram o debate.

Em estudo no campo da diversidade da educação sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar de 2009, realizada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), ligada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e executada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), apontou que 99,3% dos funcionários, professores e alunos apresentam algum tipo de preconceito (BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2009).

A pesquisa que foi realizada a pedido do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), foi aplicada em 501 escolas públicas de todo o país e baseou-se em entrevistas com mais de 18,5 mil alunos, pais e mães, diretores, professores e funcionários.

De acordo com o estudo, as atitudes preconceituosas relacionadas às pessoas com deficiência são as mais frequentes, citadas por 96,5% dos entrevistados; enquanto 94,2% têm preconceito étnico-racial; 93,5%, de gênero;

91%, de geração; 87,5%, socioeconômico; 87,3% com relação à orientação sexual e 75,95% têm preconceito territorial.

Com relação ao conceito de distanciamento social, segundo os dados obtidos 99,9% dos entrevistados desejam manter distância de algum grupo social. De forma detalhada: 98,9% deles citaram que os deficientes mentais são do grupo o qual mais se quer distância, seguidos pelos homossexuais (98,9%), ciganos (97,3%), deficientes físicos (96,2%), indígenas (95,3%), pobres (94,9%), moradores da periferia ou de favelas (94,6%), moradores da área rural (91,1%) e negros (90,9%).

Em dados do IBGE no estudo “Síntese de Indicadores Sociais de 2020”, no Brasil, em média, a população ocupada branca em 2020 tinha um rendimento médio real 73,3% maior que dos trabalhadores pretos ou pardos. Quanto ao recorte de gênero: o rendimento dos homens era 28,1% maior que o das mulheres.

A proporção de pretos e pardos abaixo da linha de pobreza (37,7%) é praticamente o dobro da proporção de brancos (18,6%). O percentual de jovens de 15 a 29 anos pobres (33,2%) é o triplo dos idosos (10,4%). Ainda em 2021, cerca de 62,8% das pessoas que vivem em domicílios chefiados por mulheres sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos, estavam abaixo da linha de pobreza (BRASIL - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021).

Comentando acerca dos indicadores de pobreza no Brasil e do Censo Étnico-Racial realizado pela Universidade de São Paulo que aponta um *déficit* de estudantes negros em seu quadro discente, assim expressou a filósofa Sueli Carneiro:

A defesa intransigente das políticas universalistas no Brasil guarda, por identidade de propósitos, parentesco com o mito da democracia racial. Ambas realizam a façanha de cobrir com um manto “democrático e igualitário” processos de exclusão racial e social que perpetuam privilégios. Postergam, igualmente, o enfrentamento das desigualdades que conformam a pobreza e a exclusão social. (CARNEIRO, 2011 p. 99).

No Brasil os números revelam o aspecto mais palpável de uma estrutura que tem raízes históricas que partem da fundação do país como nação e se adentram

ainda hoje na subjetividade coletiva, contribuindo para constituir as múltiplas formas de relações e de poder. Muitos estereótipos tem origem na representação de muitos séculos atrás e ainda permanecem presentes nos tempos atuais.

### 1.3 – NO ESPAÇO ENTRE O COLONIALISMO E A DECOLONIALIDADE

*“Nos deram espelhos,  
E vimos um mundo doente.”  
Renato Russo (música: Índios)*

Decorrente do processo de expansão marítima europeia instalada em terras ameríndias a partir do final do século XV, que marcou a colonização dos povos originários e a exploração dos recursos naturais para fins de enriquecimento das nações dominantes, com ele também aportou toda a construção de valores e modo de pensar branco-europeu que aqui se impôs como estrutura que modela universalmente a forma de olhar para o mundo e de se relacionar com a vida.

Nesse processo inclui-se o soterramento de todo conhecimento construído ao longo dos milênios pelos colonizados em seus saberes, que foram considerados subalternos ou abissais. O conceito de “epistemicídio” difundido por Boaventura de Souza Santos coloca-nos em contato com o gradativo e contínuo impacto que o colonialismo e a colonialidade geraram no imaginário coletivo, tanto quanto a cultura e costumes, “à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 183).

Nesse contexto, o caminho do movimento da decolonialidade se apresenta como uma tentativa de desconstrução das perspectivas e dos conceitos impostos pelo modelo hegemônico, ao tempo que também se mostra como um projeto de libertação social, cultural e econômica, dando visibilidade e voz às populações historicamente oprimidas.

Entende-se que o colonialismo impõe seus tentáculos até os dias atuais na modernidade e permanece presente, enquanto conceito, na forma de colonialidade, compreendida como a continuidade e propagação do pensamento colonial.

Colonialidade foi um conceito que surgiu a partir do ano de 1998 através dos estudos de revisão da epistemologia do coletivo de intelectuais latino-americanos do Grupo MCD – Modernidade, Colonialidade, Decolonialidade. Tal movimento decolonial refere-se então à oposição contra os efeitos epistêmicos e simbólicos da colonialidade expressos em diferentes maneiras de poder, saber e ser (BALLESTRIN, 2013).

Na busca de transposição de olhares para outras perspectivas de realidade além daquelas trazidas pelo pensar branco-eurocêntrico, encontra-se o conceito de Diversidade Cultural trazido pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, ao propor que cada povo deve ser analisado dentro de processos separados de investigação e relativos a si mesmos. Deve-se olhar para esses povos dentro da sua própria ótica e modo de pensar, isento de quaisquer hierarquizações. A crítica deste autor ao modelo etnocêntrico europeu, que compreende as demais culturas através da imposição da hegemonia universal e das suas oposições ao chamado evolucionismo social, aponta para a compreensão que “a humanidade está constantemente em luta com dois processos contraditórios, para instaurar a unificação, enquanto que o outro visa manter ou restabelecer a diversificação” (LEVI-STRAUSS, 1973, p. 23).

Propondo trazer reflexões a respeito da concepção de ser humano dos indígenas brasileiros, Seeger, Da Matta e Viveiros De Castro (1979), apontam que toda a sociedade humana é composta de indivíduos, no entanto, nem todos os grupos humanos se apropriam do mesmo modelo para construir a sua noção de pessoa. Nas sociedades ocidentais, em linhas gerais, a noção de indivíduo nasce na exaltação da vertente interna. Nas sociedades tribais, a noção de indivíduo é tomada a partir da coletividade, como instrumento das relações complementares com a realidade social. O corpo físico não delimita a totalidade de corpo e nem o corpo a totalidade da pessoa. A corporalidade é, portanto, simultaneamente individual e coletiva.

Para Le Breton (2011) em muitas sociedades tradicionais, o corpo não está separado da pessoa como no dualismo comumente verificado nas concepções ocidentais. As matérias originais que compõem o humano são as mesmas que constituem toda a natureza.



As representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição da pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si. Donde a miríade de representações que procuram conferir-lhe um sentido, e seu caráter heteróclito, insólito, contraditório, de uma sociedade a outra. (p. 18).

O indígena então, não se constitui em uma unidade em si mesma, ela é criada a partir da relação com outras vidas. E todos os seus compostos são feitos por aspectos de natureza humana e não humanas que se complementam e formam um sistema de interdependência. Seu corpo faz parte da totalidade universal de uma natureza que ao mesmo tempo lhes assimila e permeia a sua existência.

Ailton Krenak, líder indígena da Etnia Krenak, anteriormente chamados de Botocudos, explica as diferenças implicadas na forma de se relacionar com a natureza dos homens brancos e dos indígenas. Segundo a sua visão, o homem branco se posiciona como um ser à parte da natureza. Desde a chegada dos europeus há 500 anos, o homem branco vem empreendendo um modelo de contínua exploração às florestas de onde retira exaustivamente os seus recursos como se estivesse num *Shopping Center*. O universo indígena por sua vez, se integra à natureza numa forma de pensar o mundo e suas relações que inclui e dá lugar legítimo a todos os seres que nele habita, respeitando suas particularidades e diversidades (KRENAK, 2019).

Para ilustrar essa relação mais profunda com a natureza e seus diferentes elementos, no documentário “Ailton Krenak e o Sonho da Pedra”, o autor, além de apresentar o seu livre pensamento e sua trajetória de defesa dos direitos dos indígenas no Brasil, refere-se à morte do Rio Doce em 2015, quando foi soterrado com rejeitos de minério de ferro pelas mineradoras. Para o povo Krenak, esse evento significou uma real orfandade, pois o Rio era chamado Watu - um Avô, que agora está em “coma”, e não um recurso a ser apropriado. A sua despersonalização, assim como a de outros elementos da natureza, abre espaço para que a terra seja indefinidamente exaurida (KRENAK, 2017).

Kaká Werá, referindo-se aos ensinamentos do seu povo Tupi, conta-nos que seus ancestrais diziam que a expansão da vida que conhecemos hoje só é possível graças às diferenças de formas, cores e corpos que a natureza produziu. A riqueza

da vida está na diversidade com a qual ela se apresenta e quando é reconhecido que uma coisa depende da outra, e elas devem se relacionar entre si de modo respeitoso e profundo. Cada vida apresenta um elemento relacional que unem suas existências (WERÁ, 2011).

Adriano Boro Makuda, representante do povo Bororo (Boé em sua autodenominação), explica-nos que a estrutura da sua tribo é matrilinear, não patriarcal. E, por isso, o sistema de relações é redondo, circular. Dentro dessa forma de pensar e se relacionar a vida é cíclica, a morte é o recomeço. E ferir a natureza é ferir aos próprios Boés (MAKUDA, 2021).

Davi Kopenawa, líder indígena e xamã em seu livro “A Queda do Céu”, apresenta-nos o universo yanomami com a sua cosmogonia e organização social, à medida que também nos alerta para os desastres que se avizinham na vida do planeta por conta da ação desmedida do homem branco. Kopenawa, iniciado como xamã pelo seu sogro, recebia desde criança as visitas dos Xapiris – espíritos da floresta que sustentam o céu, através de sonhos assustadores. Os sonhos xamânicos são pontes entre os mortos e os vivos e por eles transitam ensinamentos que sustentam o equilíbrio do Hutukara (mundo ou universo). Hutukara é um ser vivo, é um *corpo* unido que não pode ser separado e que serve a todos. (KOPENAWA, 2015).

Para as populações ameríndias os vivos não estão separados dos mortos. E é o xamã o mediador responsável por trafegar entre outros corpos, o que lhe permite a capacidade de empreender a sua jornada por outros reinos. E então, ao mudar de corpo, é possível mudar de perspectiva. Segundo a sua medicina transcendente, elementos como doença, saúde e morte não estão diretamente relacionadas aos corpos e às causas visíveis e sim aos aspectos espirituais como feitiços, espíritos, eventos etéreos ou maldições.

Pode-se afirmar então, que o modo como o habitante originário das terras ameríndias se vê, está diretamente implicada na relação estabelecida entre ele e a natureza. Seus corpos estão integrados às matas, aos animais, aos rios, montanhas, pedras, nuvens, céu, cosmos e também ao mundo mítico e transcendente das divindades.

Além dos indígenas, o Brasil, país com um longo histórico de escravização de povos originários da África, se apresenta como um grande cenário de discussões acerca do racismo e do lugar ocupado pelas pessoas negras na sociedade atual.

Frantz Fanon (2020) em sua obra – *Peles Negras, Máscaras Brancas* de 1952, representa um marco no estudo da desalienação do negro frente ao processo de colonização. Pela sua formação em psiquiatria e estudos em psicologia, percebeu o quanto que essas áreas do conhecimento estavam pautadas na ideia de homem universal. Ele chama a atenção para a linguagem como instrumento de dominação e poder dos países colonizadores.

Esse autor expõe em sua intervenção *Racismo e Cultura*, no I Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris em 1956, o quanto que o colonialismo deixa agonizante a cultura local, destruindo a forma de seus saberes ancestrais, seus valores e tradições. Ele questiona a hierarquização entre culturas imposta pelo colonizador e aponta para a necessidade de criticar essa lógica. Afirma especialmente que não existem sociedades mais ou menos racistas; ou a sociedade é racista ou não é racista. Nessa condição se faz ainda mais importante a necessidade de transformação e de luta política. Em suas palavras:

Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. Assim, há culturas com racismo e culturas sem racismo (FANON, 2018, p. 78).

O Advogado e Filósofo Silvio de Almeida, alerta que as expressões do racismo cotidiano, seja nas relações interpessoais ou nas instituições, fazem parte de uma estrutura ainda mais profunda. Pois que todo racismo é estrutural, ou seja, está integrado socialmente à organização política e econômica, e serve como sentido para a reprodução das formas de desigualdades e violências que conformam a contemporaneidade (ALMEIDA, 2019).

Lélia Gonzalez - Historiadora, Antropóloga, Filósofa e Professora, desponta no Brasil como uma das primeiras vozes a questionar a relação do racismo e do sexismo. Ela atuou de modo decisivo na organização do movimento negro feminista,

contribuindo significativamente nos debates das relações entre raça, classe e gênero. Dedicou-se a desconstruir o mito da democracia racial no Brasil, ao tempo em que revelou as representações estereotipadas que a negra e os negros estão submetidos na sociedade brasileira.

Até hoje os brancos falaram por nós. Temos que assumir a nossa própria voz. É aquele velho papo, temos que ser sujeitos do nosso próprio discurso, das nossas próprias práticas (GONZÁLEZ, 1986).

Na intersecção das exclusões apontada por Lélia Gonzalez: Maria Carolina de Jesus - mulher, negra, catadora de papel, mãe solteira, favelada da favela do Canindé em São Paulo e escritora. Ela expõe as dores da pobreza pelo lado de dentro da fome em seu livro Quarto de Despejo – diário de uma favelada, escrito na década de 50.

14 de junho... Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo. (...) Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida (JESUS, 2014, p. 61).

A autora utiliza os seus cadernos como espelhos por onde relata a exclusão e o lugar social reservado para pessoas em suas condições. É uma obra de denúncia social da fome, sexo e miséria.

28 de maio... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (JESUS, 2014, p. 167).

Djamila Ribeiro, uma das mais expoentes pensadoras do feminismo negro da atualidade, discorre a respeito do conceito de “lugar de fala” segundo a ótica do contexto dos movimentos sociais quanto ao debate do discurso feminista negro. Nesse sentido, o “lugar de fala” é decorrente do “lugar social” de onde partem os

diferentes atores sociais, com as suas respectivas designações de poder social. Esse fator é determinante para compreender a construção das experiências de cada indivíduo no âmbito coletivo e de localizar os elementos que se combinam para a formação de um determinado discurso. Os lugares de fala também revelam os “lugares de silêncio”, de quem não tem direito ao discurso. No entanto, é importante explicar que o lugar de fala não é um elemento que proíbe o debate de um tema por outros membros da sociedade fora da população de origem, e sim um dado analítico que ajuda a lançar compreensões sobre o ponto de partida de determinada concepção.

Quando falamos do direito à existência digna, à voz, estamos falando do *locus social*, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo.

(RIBEIRO, 2017, p. 64).

Ademais, é possível afirmar que o conceito de “lugar de fala”, contextualizado para o desenvolvimento do atual estudo, reflete de modo imperativo e cabal, a sua real natureza intrínseca.

No campo da sexualidade, a partir de debates dos estudos de feminismos e gêneros nos anos 80 e dialogando com os estudos sobre a história da sexualidade do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), Donna Haraway, filósofa e bióloga estadunidense em seu livro *Manifesto Ciborgue* (1985), utiliza a figura impura do ciborgue para repensar a natureza humana e tecnologia. Ela questiona os limites entre organismo humano e máquina e propõe o híbrido ciborgue como a condição humana atual:

O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem”, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia “final”, uma vez que o ciborgue é também o *telos* apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência – um homem no espaço.

(HARAWAY, 2003, p. 38)

Nessa mesma construção, a teoria *queer* proposta pela filósofa Judith Butler (2003) lançada no final de 1989, ganha ampla disseminação na década de 90 e chega ao Brasil em 2003. A palavra *queer* foi primeiramente usada pelo escritor homossexual inglês Oscar Wilder para designar a si próprio e significa em inglês “estranho”, “desviante da norma”, “corpo estranho”. Butler, questiona a expectativa da *performance* heteronormativa à medida que aponta para o binarismo essencial de homem e mulher como uma construção imposta pela sociedade.

Paul Preciado em seu livro *Manifesto Contrassexual* (2014) questiona os lugares de naturalização do gênero, do sexo e da sexualidade correlacionando-os com os processos de manutenção de poder do estado-nação através da família, o que ele chamou de sistema “heterossexocrata”.

O mesmo autor em seu livro *Testo Junkie* (2018), relata a sua transição para homem trans ao narrar os efeitos da testosterona em seu corpo, o que ele chamou de “protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona”, ou ainda como “uma ficção autopolítica ou uma autoteoria” (p. 13). Em sua jornada, fora de um protocolo médico, ele demonstra que o gênero não é uma classificação da natureza.

Ainda no terreno da sexualidade, Gabriela Leite, ex-estudante de Ciências Sociais na USP, em seu livro “Filha, Mãe, Avó e Puta: a história de uma mulher que resolveu ser prostituta” - revela ao mundo a sua vocação de ser prostituta em contraposição a ideia de que a escolha pela prostituição se configure como falta de opção. Questiona a hipocrisia do preconceito que está envolvido no campo da sexualidade e na “venda do corpo” da prostituta, quando todos os trabalhadores de alguma maneira “vendem” o seu corpo e a sua mente para a função do trabalho organizacional (LEITE, 2009).

Além desses autores, outros tantos se juntam no sentido de questionar a plataforma do pensamento atual e a de legitimar as perspectivas plurais da diversidade social.

A trajetória acima percorrida que abrange desde o período da colonização das terras ameríndias às discussões atuais acerca de corpo e sexualidade, procurou traçar breve panorama teórico em diferentes matizes de manifestação do

conhecimento que evidenciam o movimento de transposição do olhar hegemônico em vigor, para outras formas de conceber o mundo.

Pode-se pensar o quanto que as representações simbólicas preponderantes, que fundamentam o imaginário coletivo e constroem os estereótipos, preconceitos, discriminações e segregações, podem atingir o âmbito individual implicando decisivamente na forma como cada pessoa vê a si mesma - sua autoimagem, na qualificação que lhe é atribuída - o autoconceito, e a direção que baliza a sua presença na sociedade - autoestima.

Porém, depois de situar o lugar social de referência, cabe-nos indagar de quem exatamente estamos falando? Qual é o ser presente sob as influências mesológicas dessa sociedade diversa? Para aprofundar então esse debate sobre as representações simbólicas sociais em ressonância com as teorias da psique humana, recorreremos a alguns recortes das variadas abordagens psicológicas que possam indicar trilhas concernentes de significados.

## ESPELHO 2: REFLEXOS DAS TEORIAS PSICOLÓGICAS

*“Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos,  
 captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto,  
 e o senhor crê-se com aspecto próprio e  
 praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel.  
 Mas — que espelho? Há-os «bons» e «maus», os  
 que favorecem e os que detraem; e os que são  
 apenas honestos, pois não.”*  
 João Guimarães Rosa (Conto: O Espelho)

### 2.1 – NAS ÁGUAS DE NARCISO

O poeta latino Ovídio em seu poema “Metamorfoses” nos ofereceu a versão mais conhecida e completa do mito de Narciso e a ninfa Eco. Tal poema narrativo veio a público por volta do ano VIII, sendo considerada a sua *Magnum Opus*.

Narciso era um jovem belo e orgulhoso que quando criança seus pais o levaram ao oráculo de Tirésias para saber sobre o seu destino. O oráculo então aconselhou aos seus pais que Narciso teria vida longa e auspiciosa, desde que não contemplasse o próprio reflexo. Quando Narciso se encontrou com as ninfas que acompanhavam o cortejo da deusa Ártemis, elas prontamente se apaixonaram pelo rapaz, mas são imediatamente rejeitadas por ele. As ninfas contrariadas pedem a Nêmesis, a deusa da vingança, a punição para o rapaz. Eco, a ninfa castigada pela deusa Hera a sempre repetir as últimas palavras do seu interlocutor, também se apaixonou por Narciso, mas sem conseguir tocar o seu coração. Narciso então ao encontrar um lago onde se depara com o próprio reflexo nas águas, se apaixonou pela própria imagem e morre afogado.

O mito grego de Narciso foi carregado ao longo dos séculos de inúmeras versões, simbolismos e leituras no campo das artes, filosofia e psicologia. E Freud vai buscar nele elementos de representação para desenvolver o conceito de narcisismo sob a ótica da psicanálise.

Em seu texto de “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, de 1914 (FREUD, 1996, p. 89 a 119), propõe que o narcisismo é uma fase intermediária entre as pulsões autoeróticas e o amor de objetos - em que é possível reconhecer o outro



como uma totalidade. No intervalo destas duas situações psíquicas, ocorre a formação do eu.

Freud divide o narcisismo em duas partes: narcisismo primário e secundário. O primeiro ocorre quando a criança toma o seu próprio corpo como sendo ao mesmo tempo uma fonte e objeto da libido. Nessa posição, apresentada como protótipo a vida intrauterina, não há diferenciação do ego e da realidade externa. Sob a perspectiva do bebê, a mãe e o mundo são extensões do próprio corpo dele. O narcisismo secundário, por sua vez, é marcado pelo refluxo da energia que foi investida nos objetos e que retornam para o ego.

Na teoria freudiana do narcisismo, as perturbações na ordem de rebaixamento da autoestima, palavra chave nesta pesquisa, estaria diretamente relacionada aos transtornos narcísicos. As experiências ligadas às inadequações, como por exemplo, as ideias de que o que ela faz não é bom, que o corpo não é bonito, sensações de ser uma pessoa “errada” e de apequenamento diante do outro considerado perfeito, teriam como correlato uma crise narcísica ou de ajustamento narcísico.

O sintoma, considerado como uma forma transformada da realização do próprio desejo, mantém uma relação tensa ao pressentir o “perigo” de ser descoberto em seu desejo original. O temor de revelar o real desejo conduz ao seu respectivo deflacionamento da carga libidinal, remonta às sensações primárias da infância em que, quando a criança não é desejada pelos pais, ela não existe.

### **2.1.1 - O Estádio do Espelho em Jacques Lacan**

O Estádio do Espelho, texto inaugural de Jacques Lacan na psicanálise em 1936 (LACAN, 1998), se ocupa em responder uma questão proposta inicialmente por Freud acerca da passagem do autoerotismo para o narcisismo. Fundamentalmente as ideias retratam a hipótese da formação do “eu” e as relações que circundam esse fenômeno como a identidade, a distinção do eu e o outro, a demarcação das margens dos corpos.

As argumentações construídas por Lacan se ampara em estudos propostos de outras áreas de conhecimento e que ele traz para o terreno da psicanálise, como os estudos da Etologia e as pesquisas desenvolvidas pelo Psicólogo Henri Wallon em 1931, naquilo que foi nomeado como a “prova de espelho”. Nessa experiência uma criança era colocada diante do espelho quando então passaria progressivamente a construir uma representação simbólica do espaço imaginário e a distinguir o seu corpo da imagem refletida.

Retomando essas discussões, Lacan propõe o Estádio de Espelho como um fenômeno que ocorreria entre o 6º e 18º mês de vida do ser humano, quando ele passa a se reconhecer no espelho. Os estádios ou estágios não seriam compreendidos necessariamente como tempos cronológicos, mas como ritmos, movimentos ou fluxos da experiência dividida em três partes:

Primeiro tempo: a criança olha para o espelho como um objeto comum e sem distinção dos demais objetos. Fase de indiferenciação.

Segundo tempo: surge para a criança no reflexo do espelho a figura de outra criança, o outro para quem ela desperta o interesse de interação e com quem se relaciona como um ser concreto. Esta fase é marcada como transitivismo e indeterminação confusa quanto a quem está olhando e quem está sendo visto.

Terceiro tempo: momento em que a criança gradativamente se reconhece no espelho. Ela passa a perceber a realidade duplicada através do reflexo no espelho de coisas, objetos e pessoas quando, por fim, identifica que o reflexo dela no espelho trata-se dela mesma e não de outra criança. Nesse instante de proximidade entre o eu e o outro, a criança se apaixona pela sua própria imagem e passa a investir a sua libido em si mesma. Ela então sorri e desloca o seu olhar para o adulto próximo em busca de que ele também confirme a experiência da sua conquista. Inicia-se então o narcisismo.

Vale ressaltar que na argumentação lacaniana a ação daquele que está fora do campo da experiência do espelho e que valida a criança, está exatamente na dimensão da linguagem como a sustentação do “sim”. E o espelho não se limita ao objeto em si, mas é tudo aquilo que possa devolver uma imagem sobre você mesmo e que lhe reconheça distinção dos demais.

Nesse período, os desejos dos pais pela criança são projetados como uma imagem incumbida de expectativas que pedem a adesão da criança em seu cumprimento. Quando então a criança se posiciona adequadamente como alvo do investimento do desejo dos pais, ela confirma a formação do seu eu.

Para Lacan (1998), conseguimos apenas enxergar no outro as características que também possuímos ou já existiram em nós em algum momento. Logo, a via de aprendizado sobre nós mesmos, passa através das nossas relações ao enxergar no outro, o nosso espelho.

O “eu” então não seria um produto do amadurecimento biológico dos corpos, mas o resultado das relações estabelecidas dentro do delineamento de um campo de experiências.

Porém, o período de pós 2ª Guerra Mundial que foi marcado por grandes questionamentos quanto a ordem e a economia mundial, movimentos de direitos sociais, entre outros; trouxeram também para o campo da psicologia novas veredas de exploração teórica e concepções de ser humano. As abordagens humanistas que trataremos a seguir tiveram o seu início na década de 50 e se confirmou nos anos 60, seguindo em paralelo com o movimento de contestação da contracultura da época.

## **2.2 – NAS ABORDAGENS HUMANISTAS**

Considerada a terceira força da psicologia depois da Psicanálise e do Comportamentalismo, os ideais do humanismo nasceram exatamente da oposição às concepções deterministas, reducionistas e pessimistas de ser humano e da forma de fazer ciência e de método terapêutico das duas primeiras forças. Coube a Maslow em 1962, com a obra “Introdução à Psicologia do Ser”, a lançar as primeiras bases nas quais se fundamentaria o movimento humanista. Além de Maslow, a abordagem teve como os seus principais expoentes: Carl Rogers, Erich Fromm e Rollo May.

Muitas vertentes surgem a partir desta nova abordagem como a Gestalt, Abordagem Centrada na Pessoa, Fenomenologia Existencial, Psicodrama.

Uma visão fundamental no movimento humanista recai exatamente em sua concepção de ser humano, que agora é compreendido em sua totalidade holística. Consideram-se as diferentes dimensões de manifestação do ser: biológicas, emocionais, cognitivas, comportamentais, sociais, espirituais.

O humanista enfatiza os aspectos saudáveis e positivos do ser humano, como: crença na potencialidade humana de crescimento; na liberdade pessoal de arbítrio e responsabilidade pelas escolhas; na autodeterminação e autorrealização pessoal. Parte-se da ideia que todo ser humano é bom e saudável e que as pessoas estão motivadas, a partir de uma hierarquia de necessidades, a seguirem todo o seu potencial de realização como ser humano. Então, por outro lado, os transtornos mentais advêm do desvio dessa tendência natural, promovido pelas influências do meio social.

O ser humano, então, não seria um objeto quantificável ou produto da soma das suas partes. Ele é um ser em constante movimento, ao mesmo tempo inacabado e perfeito na forma como ele é no momento. Portanto, a forma de “fazer ciência psicológica” a partir desses pressupostos, exigem novas determinações, uma vez que o ser estudado não é determinado por comportamentos presumíveis na relação de causa e efeito ou pelas forças inconscientes reprimidas.

Uma das grandes contribuições teóricas da abordagem humanista, exaustivamente utilizada em diferentes áreas do conhecimento, foi elaborada antes mesmo da associação de psicologia humanista. Maslow escreveu em 1943 a sua tese “Uma teoria da Motivação Humana”, onde desenvolveu a Teoria Holístico-Dinâmica da Hierarquia das Necessidades Humanas, ou o que hoje chamamos de Pirâmide de Maslow.

Maslow (1954) considera que o ser humano em sua integralidade é motivado por múltiplas necessidades sendo que, uma vez sanadas, conseguem alcançar um nível elevado de bem-estar físico e emocional em direção a autorrealização. A motivação é um fenômeno contínuo, multifacetado e complexo atuando na forma de pensar, sentir e agir das pessoas. Elas são organizadas em grupos hierárquicos e sequenciais. Então, as necessidades são satisfeitas uma de cada vez e só é

possível chegar aos níveis mais altos da pirâmide ao satisfazer as necessidades totais ou parciais dos níveis mais baixos.

A classificação foi feita em cinco níveis universais, conforme a ordem de prioridade (MASLOW, 1954):

1 - Necessidades fisiológicas: são as necessidades mais básicas e recorrentes, como respirar, se alimentar, descansar e dormir;

2 - Necessidades segurança: formadas por estabilidades básicas, como segurança alimentar, segurança de saúde, segurança financeira, segurança contra a violência, segurança da integridade; entre outros;

3 - Necessidades de amor e pertencimento: relacionamentos interpessoais, com vínculos afetivos e de pertencimento com a família, relações amorosas, amigos, colegas de trabalho, entre outros;

4 - Necessidades de Estima: composta não apenas pela autoestima e autoimagem, como também inclui o autorespeito, respeito dos outros, reconhecimento dos esforços, liberdade para expressar o afeto, amor-próprio, autoconfiança, entre outros;

5 - Necessidades de Autorrealização: é a sensação de conquista e realização completa em diferentes áreas, modo de vida idealizado, competências sócio-emocionais desejadas. Estas pessoas atingem o ponto mais alto do desenvolvimento.

O quarto item acima, da necessidade de estima, dialoga diretamente com o nosso tema de estudo. Quanto a essa necessidade, o autor refere ainda que ela pode ser dividida em dois grupos: a reputação e autoestima. A reputação é a sensação de ter prestígio, reconhecimento ou fama, ou seja, como a pessoa é percebida pelos outros. A autoestima está baseada no sentimento que a pessoa tem quanto ao seu valor e confiança; reflete a busca pelo fortalecimento, confiança, conquista, competência e independência.

Maslow propunha ainda um enfoque mais dinâmico nos conceitos de saúde e enfermidade, cura e tratamento. Segundo ele, há uma dialética intrínseca entre o impulso e as defesas psíquicas, o que o levou a assinalar o conceito de Complexo

de Jonas, mecanismo de medo à própria grandeza e que guarda potencialidades não desenvolvidas plenamente (MASLOW, 1990). Nesse sentido, a consciência de si mesmo, não somente das possibilidades altruístas, mas também dos aspectos sombrios e das limitações, antecede um momento de transformação. O amor, posto de modo elevado, permite abrandar o temor dessas qualidades em cada indivíduo. Assim, a enfermidade está nas pessoas que não se conhecem, e, portanto, não se exercem plenamente e não se realizam; a patologia está no fracasso do desenvolvimento pessoal, nas perdas e incapacidades que contribuem para a diminuição das potencialidades (MASLOW, 1994).

Para Rogers (1975) em sua técnica terapêutica denominada de Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), considera fundamental a não diretividade dos conteúdos das sessões em determinadas introspecções. Para ele, a criação de um clima favorável ao crescimento pessoal exige três condições: autenticidade, franqueza irrestrita com os seus sentimentos; aceitação, atitude de valorização acima dos possíveis defeitos; e empatia, no compartilhamento e escuta profunda das experiências sem julgamentos. Estas posturas serviriam inclusive para outras áreas das relações humanas como na educação e no convívio social em geral.

O encontro entre dois, poema escrito por Moreno (1978), propositor da técnica do Psicodrama, parece capturar a natureza profunda do pensamento humanista quanto à ênfase na relação interpessoal:

Encontro de dois: olhos nos olhos. Cara a cara.  
E quando estiveres perto, arrancarei os teus olhos e os colocarei no lugar dos meus.  
E tu arrancarás os meus olhos e colocarás no lugar dos teus.  
Então eu te olharei com os teus olhos e tu me olharás com os meus.

Assim até a coisa comum serve ao silêncio e nosso encontro é a meta sem cadeias: o lugar indeterminado, em um momento indeterminado, a palavra indeterminada ao homem indeterminado.

Jacob Levy Moreno (1978)

Perante então a proposição que sugere as condições ideais para o amplo desenvolvimento do potencial humano, cumpre comparar, dentro do nosso estudo, as condições opostas vislumbradas em nossa sociedade atual, calcada

essencialmente no estereótipo e preconceito. Daí então, a relação do ser dentro de um ambiente social excludente, que não aceita a sua singularidade, nem escuta seus sentimentos de modo incondicional, que não valida os aspectos da diversidade humana e restringe o acesso aos bens econômicos, resultaria na criação de uma sociedade flagrantemente inibidora da realização pessoal e, portanto com forte capacidade adoecedora.

Equipados então da amplitude dos debates quanto às referências de sociedade e de ser humano, trataremos no próximo capítulo de modo mais específico, dos “reflexos” conceituais dos constructos da autoimagem, autoconceito e autoestima.

## ESPELHO 3: REFLEXOS DOS CONSTRUCTOS

### 3.1 – NA AUTOIMAGEM

De acordo com Mosquera e Stobäus (2006), a autoimagem surge então como decorrente da interação da pessoa com o seu contexto social, das relações surgidas entre os outros para consigo mesmo; e a linguagem seria a conexão entre o eu e a sociedade.

A autoimagem revela o repertório descritivo que cada pessoa assumiu como verdade sobre si mesma. E como medida de coerência interna, a sua personalidade, pensamentos, sentimentos, comportamentos e ações seguirão justapostos às ideias que lhes caracteriza como humano.

Conforme expõe Gouveia, Singelis e Coelho (2002), alguns autores identificam até três tipos principais de autoimagem: a primeira que revela a natureza individualista do eu, contemplando conceitos de independência, autonomia e separação; a dimensão coletivista, que enfatiza as relações entre o indivíduo e a sociedade; e a dimensão relacional, cujo ponto central recai nos indivíduos entre si.

No entanto, os mesmos autores apontam como melhor resultado para a classificação de Autoimagem Independente e Autoimagem Interdependente, proposta por Markus e Kitayama (1991), por considerá-la mais parcimoniosa e teoricamente consistente. Nessa perspectiva, os dois tipos de autoimagens não expressam conteúdos de caráter opostos ou conflitantes e reconhecem correspondência com os constructos individualismo e coletivismo:

Autoimagem Independente: se refere a um *self* estável, delimitado, único. São pessoas que procuram promover seus próprios objetivos e quando se expressam, procuram enfatizar a sua singularidade e qualidades internas, ao invés do contexto social. Quando se descrevem ou quando solicitadas a descrever outras pessoas, preferem se referir aos atributos pessoais como inteligência, habilidades, características e atributos individuais.



Autoimagem Interdependente: retrata um *self* relacional, flexível, contextualizado. A ênfase está nos elementos coletivos e sociais. Quando solicitado para se autodescrever ou descrever outras pessoas, trazem como destaque as relações interpessoais (ex: bom filho, ajuda aos amigos). De modo geral, se esforçam para dar atenção aos sentimentos de todos e de manter a harmonia coletiva. Assumem condições de identificação e pertencimento com grupos e concebem o *self* individual relacionado com a construção coletiva social.

Os protótipos de autoimagem independente e interdependente sugerem ainda que países com comportamentos mais individualistas como Estados Unidos, as pessoas apresentam maior incidência de autoimagem independente. Enquanto que, países com comportamentos mais coletivos como exemplo Japão e países da África e América do Sul, constroem a sua autoimagem de modo interdependente.

Apesar da distinção dos dois tipos de autoimagem acima, como já mencionados, para a ideia do *self* dual não há conflito de conteúdos. O que tange então que, de modo geral, as pessoas apresentam a coexistência de elementos tanto individualistas quanto coletivistas. (GOUVEIA; SINGELIS; COELHO, 2002).

Os estudos de Markus e Kitayama (1991) encontraram ampla utilização explicativa em diversos trabalhos quanto aos aspectos de cognição, emoção e motivação, servindo como referência em diferentes pesquisas no âmbito de processos de comunicação, contágio emocional, sentimento de constrangimento e autoestima. Entretanto, coube a Singelis (1994) a sua operacionalização ao construir a Escala da Autoimagem, proeminente instrumento de avaliação que permite conhecer o conjunto de pensamentos, sentimentos e ações que compõem as Autoimagens Independentes e Interdependentes.

Considerando então a relevância destas pesquisas e a ausência de um instrumento validado no Brasil que permitisse a medição destas duas categorias de *self*, definiram-se então propostas de adaptação da “Escala de Autoimagem” para a população brasileira, conforme lista de instrumentos de Singelis (1994).

A partir de então, pesquisadores na Universidade Federal da Paraíba, Professores Valdiney V. Gouveia e Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho, em

parceria com o Professor Theodore Singelis da Universidade do Estado da Califórnia, Estados Unidos, empreenderam esforços com o objetivo de adaptar para a população estudantil brasileira a Escala de Autoimagem. Participaram 400 jovens que tinham em média 20 anos, maioria do sexo feminino, solteiras e provenientes de instituições de ensino médio de três municípios paraibanos. (GOUVEIA; SINGELIS; COELHO, 2002).

Evitando-se adentrar nos detalhes da mecânica constitutiva da pesquisa e dos seus resultados, pois isso fugiria do nosso objetivo atual, a adaptação do instrumento na amostra brasileira reconheceu a estrutura teórica de um *self* dual nas dimensões interdependente e independente.

### **3.2 – NO AUTOCONCEITO**

O filósofo e psicólogo William James, considerado o pai da psicologia moderna americana, foi o primeiro a desenvolver uma teoria acerca do autoconceito e trouxe importantes questões relacionadas ao tema sujeito-objeto ao propor a construção do *self* e a sua distinção em dois tipos básicos: *self* como sujeito e o *self* como objeto. O primeiro *self* como subjetivo, conhecedor, ego puro; e o segundo, *self* criado pelo primeiro, reúne o conhecimento sobre si mesmo. A partir deste segundo, apresentou a existência de múltiplos *selves*: *self* material - pertences materiais e aspectos corporais; *self* social - características do *self* reconhecidas pelos outros e *self* espiritual - interno, composto por pensamentos, sentimentos e emoções percebidas pela própria pessoa. Sua contribuição ajudou a conhecer melhor temas como o si-mesmo, o eu-pessoal e, por conseguinte, o desenvolvimento da autoimagem e autoestima (GOÑI e FERNÁNDEZ, 2009; MOSQUERA et al, 2006; MENDES et al, 2012).

No campo das abordagens humanistas, o autoconceito se constitui em todas as pessoas de modo universal, independente da cultura na qual ela esteja inserida. Porém, a natureza das imagens e qualificações que dela decorrem, recebem influência direta dos valores e das representações sociais nas quais ela está submetida.

A percepção que cada pessoa tem de si mesma é objeto de interesse desde os primórdios da Psicologia, embora seja a partir da década de 70 que se recupere o interesse e se trate de verificar o pressuposto de que esse construto é multidimensional e hierárquico (SHAVELSON; HUBNER; STANTON, 1976 apud GOÑI; FERNANDES; INFANTE, 2012, p. 39).

O autoconceito pode ser definido como um conjunto de crenças que os indivíduos possuem acerca de si mesmos. Estas crenças são constituídas a partir das experiências vividas e pelo contexto que os envolve.

Para Goñi e Fernández (2009) o autoconceito é uma autopercepção que nasce a partir das relações e experiências significativas e reforçadas pelo ambiente. Sendo que a mesma possui aspectos descritivos e avaliativos, pois que a pessoa faz descrições acerca de suas condições físicas e comportamentais e também uma avaliação destas características.

Zacharias (2012) colabora com esta ideia ao considerar que o autoconceito contém um caráter descritivo relacionado à autoimagem, mas acrescenta que o aspecto valorativo associado diz respeito à autoestima. Sendo isso, a autoimagem é uma descrição de como a pessoa se vê, e a autoestima uma avaliação que é feita a si mesmo tendo como base como os outros lhe veem.

Porém, pode-se questionar do caráter descritivo atribuído ao autoconceito pelos autores acima: a descrição relatada no autoconceito não estaria mais diretamente relacionada à instância anterior da autoimagem? A função descritiva observada no autoconceito pode ser apenas a linguagem utilizada para expressar uma ideia do que está sendo tratado. No autoconceito, o que parece estar em voga é o substrato que surge em decorrência da descrição (imagem) que ganha um significado além deste (conceito).

Como discorre Mendes *et al* (2012), a formação social do autoconceito dispõe-se a partir de como os outros reconhece a pessoa em questão e produza em sua mente imagens dela, as quais serão incorporadas ao seu autoconceito. O autoconceito seria o produto resultante entre o êxito percebido e as suas pretensões; ou seja, o autoconceito de uma pessoa estabelece-se nas frequentes interações sociais e a sua autopercepção condiciona-se através da percepção das

reações de outrem para com ele. Como função, o autoconceito mantém um ajuste intrapsíquico entre o mundo interno e externo; abrindo-se e fechando-se conforme a interação com o meio ambiente, trazendo ou repelindo as imagens que ameaçam ou validem a sua existência.

Desse modo, não é possível responder de forma independente do eu-físico e do eu-social, a pergunta de quem “sou eu”, sem considerar a singularidade da autopercepção (GOÑI; FERNANDES; INFANTE, 2012).

Segundo Goñi (2000), podem ser consideradas até quatro dimensões do autoconceito: afetivo-emocional, que trata de como a pessoa vê a si mesma em termos de ajuste emocional; ético-moral, o quanto a pessoa se considera honesta; autoconceito da autonomia, que traz a percepção do quanto a pessoa decide sobre a sua vida, seguindo aos seus critérios; e o autoconceito da autorrealização, que se refere ao modo como cada pessoa se vê quanto aos seus objetivos de vida.

### **3.3 – NA AUTOESTIMA**

A autoestima diz respeito às avaliações que o indivíduo faz e que indica o quanto ele se considera capaz, importante ou valioso. É o resultado de julgamentos e atribuições valorativas, positivas ou negativas, que o indivíduo faz sobre si mesmo (CRUZ; SANTOS; RODRIGUES, 2016).

A auto-estima é o conjunto de atitudes que cada pessoa tem sobre si mesma, uma percepção avaliativa sobre si próprio, uma maneira de ser, segundo a qual a própria pessoa tem ideias sobre si mesmo, que podem ser positivas ou negativas. Não é estática, pois apresenta altos e baixos, revelando-se nos acontecimentos sociais, emocionais e psíquico-fisiológicos (psicossomáticos), emitindo sinais detectáveis em vários graus. (MOSQUERA e STOBÄUS, 2006 p. 85).

Sbicigo, Bandeira e Dell'aglio (2010) ao revisar a literatura para validação das propriedades psicométricas da Escala de Autoestima de Rosenberg em adolescentes brasileiros, explicam que a autoestima relaciona-se a construtos psicológicos como bem-estar e autoconceito. Para alguns pesquisadores é concebida como traço e estado, refletindo estabilidade durante um tempo e

respostas às situações de vida. E para outros, a autoestima apresenta atributo descontínuo ao longo do tempo.

Para Rosenberg (1965) citado pelas mesmas autoras, a autoestima pode ser compreendida como um conjunto de sentimentos e pensamentos da pessoa quanto ao seu próprio valor, competência e adequação. Tais reações se refletem como respostas positivas ou negativas em relação a si mesmo. Portanto, a autoestima apresenta importantes implicações de resultado nas áreas de relacionamento interpessoal, sucesso ocupacional e desempenho acadêmico. Da mesma forma, este constructo mantém a sua influência em problemas de agressão, comportamento antissocial e delinquência na juventude. Portanto, ao considerar a autoestima como relevante indicador de ajustamento social e de saúde mental, a sua avaliação pode se constituir como poderosa ferramenta na identificação e prevenção de problemas psicológicos.

Mosquera e Stobäus (2006) destacam que ao possuir melhor autoimagem e autoestima, há uma tendência maior da pessoa se tornar mais afetuosa com outros seres humanos e a considerar os aspectos mais positivos. Na baixa autoestima e autoimagem, há o favorecimento do egoísmo e de relações interpessoais de dependência. São componentes de uma autoestima positiva:

Ter segurança e confiança em si mesmo; procurar a felicidade; reconhecer nossas qualidades sem maiores vaidades; não considerar-se superior e nem inferior aos outros; saber admitir limitações e aspectos menos favoráveis da personalidade; ser aberto e compreensivo; ser capaz de superar os fracassos com categoria; saber estabelecer relações sociais saudáveis; ser crítico construtivo; e, principalmente, ser coerente e conseqüente consigo mesmo e com os outros. (p. 85).

### **3.3.1 - A Escala de Autoestima de Rosenberg:**

A Escala de Autoestima de Rosenberg - EAR tem sido um instrumento amplamente difundido e aplicado em vários países do mundo para a avaliação da autoestima. A Escala já foi traduzida para 28 idiomas com abrangência em 53 países. O instrumento é capaz de classificar o nível de autoestima em três amplitudes: baixo, médio e alto. Na autoestima baixa, são expressos sentimentos de incompetência, inadequação e incapacidade de enfrentar desafios. Na

autoestima média, verificam-se sentimentos de oscilação do indivíduo de aprovação e rejeição de si mesmo. Na autoestima alta, apresenta-se autojulgamento de valor, confiança e competência. Originalmente a escala foi desenvolvida para adolescentes com a constituição de dez sentenças fechadas, sendo cinco referentes à “autoimagem” ou “autovalor” positivos e cinco referentes à “autoimagem negativa” ou “autodepreciação”. As sentenças são dispostas no formato *Likert* de quatro pontos, variando entre “concordo totalmente” e “discordo totalmente” (ROSENBERG, 1965 *apud* SBICIGO; BANDEIRA; DELL'AGLIO, 2010).

Este trabalho foi feito com espelhos multicoloridos. De modo geral, em interlocução com as construções teóricas das discussões aqui trazidas, foram convidados os próprios autores da diversidade humana a vislumbrar os reflexos da sua autoimagem–autoconceito-autoestima. Destarte, seguindo em coerência com esta proposição: de olhar para os olhos que se veem, - no próximo capítulo serão apanhadas as experiências diretas e o pensar do autor deste estudo a respeito dos constructos aqui tratados. O que significa continuar olhando em outras direções, pois que, além da formação acadêmica em Psicologia, foi construído como pessoa na transcendência da sua ancestralidade.

## ESPELHO 4: REFLEXOS DOS OLHOS DOS OLHOS

*“Se eu morrer,  
Morre comigo um certo modo de ver”.*

*Carlos Drummond*

Por alguma razão do mistério em mim, os temas que tratam da reflexão profunda acerca da forma como cada pessoa se vê e de onde partem a construção da presença objetiva e abstrata no mundo, sempre fizeram parte do meu interesse pessoal de investigação. A partir disso e, evidentemente, passei a usar o espelho íntimo para submergir no meu próprio universo psíquico no sentido de auscultar dele autoconhecimentos e informações acerca do mundo ao meu redor.

Nesse sentido, veio colaborar a minha atuação como Psicólogo Clínico que, ao longo de tantos anos de atividade laboral em diferentes áreas da psicologia e no estudo e utilização de várias abordagens e técnicas terapêuticas, levou-me ao interesse de buscar compreender como a autoimagem se processa dentro das casuísticas trazidas pelos meus clientes / pacientes. Interessou-me sobremaneira entender as implicações de como este construto se interpõe no espaço intrapsíquico humano e em seus comportamentos revelados diante do espelho recíproco dialógico: eu-eu, eu-outro, indivíduo-sociedade, dentro-fora.

As reflexões aqui trazidas oriundas da prática clínica, até por consequência evidente da influência da minha formação acadêmica, muitas vezes mantiveram de modo consciente ou inconsciente estreito diálogo com as premissas já estabelecidas de algumas abordagens do campo da Psicologia, especialmente daquelas dentro do movimento humanista: Psicologia Centrada na Pessoa, Gestalt, Fenomenologia-existencial, Psicodrama. Além destas, a Psicologia Junguiana e a Psicologia Transpessoal exerceram mais significativa referência nas costuras mentais que foram empreendidas nesta construção-desconstrução, pelo seu aspecto amplo de compreensão dos saberes ancestrais, das imagens-símbolos, dos estados expandidos de consciência.

Porém, muitas dessas incursões investigativas seguiram também em direções heterodoxas à ciência convencional. Pela minha habitual natureza polimórfica e

espiritual, explorei respostas em outras fontes de saberes como as que estão implícitas no xamanismo, esoterismo, práticas espirituais, poesias, mitologias etc.

Ademais, na tentativa de ampliar o entendimento dos contornos já propalados pela psicologia e de outras construções do âmbito do conhecimento humano, a trajetória percorrida no Mestrado me motivou a seguir produzindo outras formas de pensar o sujeito diante do espelho, que ele mutuamente constrói com o coletivo existencial da experiência.

Adiante estão reunidas algumas destas reflexões – as que mais se aproximaram do interesse delimitado por este estudo. Tais apontamentos, que são anteriores a esta pesquisa, foram trazidos aqui para compor o reflexo multicolorido deste trabalho.

Pois então, dentro daquilo que pude observar em composição dos conhecimentos técnicos e das sabedorias de tradição, a imagem que tomamos para nos descrever é também uma passagem que nos leva em direção ao futuro da experiência. Qual seja, ao nos descrever, buscaremos as experiências compatíveis com a descrição que estamos tomando naquele tempo. Toda autoimagem é também um coletivo atemporal, porque ela se atualiza constantemente. Quando olhamos para a imagem no reflexo do espelho, vislumbramos também as outras imagens com as quais ela está ligada, no antes e no depois dela, no passado e no futuro. E cada imagem atual recebe traços das outras imagens que se atualizam numa dança esvoaçante de linhas. Quando vemos essas imagens, supomos, mesmo que seja por uma fração de segundos, o que ela já foi, no passado, e esticamos os olhos para imaginar como será no futuro. Pois reside em cada imagem uma história de humanidades.

As autoimagens são escolhas de alguém, pensada por alguém, nascidas no trânsito intermitente do individual para o coletivo e no seu contrário; dos pais para os filhos, da criatura para o divino e os seus inversos. Essas imagens que vemos no espelho todos os dias foram escolhidas inicialmente por outros (pais, escolas, cultura, igreja), mas que também poderão, em algum tempo, ser escolhas próprias e mais apropriadas (perspectiva do eu). Como roupas da estação, que escolheremos sempre aquelas que consideramos a melhor medida e mais adequadas, assim



também escolhemos a melhor imagem, aquela que nos protege, abriga e que assegura algo que de algum modo entendemos como bom. Nem sempre são escolhas confortáveis, mas são as melhores que sabemos esculpir.

Para além das reflexões que apontam para o caminho da estetização do mundo, muito bem trabalhado por Gilles Lipovetsky quando ele discorre acerca da hipermodernidade e sociedade de consumo, a prática clínica trouxe-me elementos que indicam que as autoimagens são os reflexos de nós mesmos no espelho do mundo e que trazemos para dentro de nós e assumimos como representações da nossa passagem pelo tempo e por algum tempo.

Cabe-nos questionar: haveria nas autoimagens uma possibilidade de leitura predeterminada? Será possível discutir as construções das autoimagens e a sua importância na formação e no desenvolvimento de cada um de nós? A partir do fantasma das imagens internas é possível prever com quais sapatos estamos edificando o caminho da nossa jornada?

A vida futura então será determinada pela forma como cada pessoa se vê? E o modo como cada pessoa empresta um sentido àquele reflexo que vê todos os dias no espelho, isso se tornará o seu caminho-encontro?

As primeiras imagens que significamos na infância sobre nós mesmos, tomando como combustível o que ouvimos dos adultos, dirigiu a forma como nos vemos hoje. As imagens iniciais que formamos sobre nós são as primeiras substâncias que balizam e criam coerência e vínculo com as próximas autoimagens. Para que outras autoimagens façam parte do conjunto é necessário que passem por um filtro de coerência. Nada que seja abaladamente estranho ao que é assumido coletivamente pode ser aprovado, pois pode ferir o equilíbrio instalado. Em termos práticos, quando alguém tenta assumir impositivamente uma autoimagem que se opõe diametralmente ao conceito que ela já possui, essa autoimagem poderá ser rejeitada, pois ela agride núcleos fundamentais a serem preservados como o equilíbrio, a coerência e a coesão. Num exemplo simplificado: não é fácil conciliar a autoimagem de “generoso” com a de “mesquinho”. Uma das duas será rejeitada. Embora saibamos que elas possam conviver. A proporção de cada uma, dado pelo reforço confirmativo, é que vai gerar a sua prevalência. Nesse caso, pode acontecer

o desmembramento da caracterização, por exemplo: “generoso no trabalho, mesquinho com os amigos”.

Uma única imagem cujo significado é tomado como uma representação nossa, está relacionada a uma teia plural de outras autoimagens com vozes e naturezas diferentes. Portanto, as autoimagens dialogam entre si.

Como já destacado nas teorias que fundamentam o campo da psicologia, as primeiras imagens que importamos do mundo para dentro de nós e que nos serve de parâmetro para nos descrever e nos qualificar, advém dos pais. Portanto, quando nos vemos no espelho, vemos inicialmente as primeiras palavras da nossa mãe ou das primeiras cuidadoras. Aquilo que recebemos nas primeiras expressões de afeto, palavras, toques e cuidados nos primeiros tempos de vida, esboça o ponto de partida de onde extraímos os insumos para as futuras imagens ao longo da vida. Constituem as “boas vindas” para a vida – e, assim como numa festa em que somos o único convidado, o nosso comportamento em regra geral será de acordo como ocorreu a nossa recepção, do valor da nossa chegada, do entusiasmo e intimidade com os anfitriões.

Não devemos esquecer que nos primeiros anos a mãe e o filho estão tão profundamente ligados que se misturam como um único ser. O que na Psicanálise provavelmente seria compreendido como a “díade perfeita”. A mãe então fornece ao filho nesse período as primeiras imagens, que são as autoimagens da própria mãe (de dentro para dentro). Em outras palavras, significa dizer que não apenas do ponto de vista biológico, mas especialmente psíquico, no princípio “somos o reflexo da nossa mãe” para então nos tornar outro. Então, não é descobrindo quem somos em essência que saberemos de nós, é exatamente se tornando outro que somos quem somos. A criança tomará esses primeiros esquadros da mãe como empréstimo para compor a sua autoimagem. São fôrmas, métricas e modelos cuja serventia se aplicará no preenchimento de muitas substâncias psíquicas que ganham contornos cada vez mais nítidos ao longo do tempo, até que sejam substituídos por outras autoimagens mais singulares e atualizadas. E então, o filho aos poucos e gradativamente ganha um corpo externo ao da mãe.

Neste caminho, nem sempre tão regular, a mãe tem a função de apresentar o pai para o filho. O pai torna-se alguém de grande importância, com conteúdos modeladores validados pela progenitora. O pai então oferece outro sistema descritivo e valorativo de imagens (agora de fora para dentro do filho). Se os modelos fornecidos pela mãe estiverem em consonância com os do pai, menor a incidência de conflitos entre as imagens nessa fase. Do contrário isso gerará informações antagônicas, com sentidos ambíguos e de função desestruturante. Entenda-se que seguir o modelo da mãe e do pai para a criança, significa receber o seu amor e sua proteção que lhe custará a sobrevivência. E então, como conciliar internamente se os modelos forem substancialmente opostos? A necessidade de conquistar o amor de dois entes importantes e que exigem obediência cega, quando eles não são harmônicos, pode dar entrada em profundas angústias existenciais. Seguir e amar um, implica em negar e abdicar do outro. Nesse particular, a mãe tem papel determinante, pois é ela quem apresenta ao filho a figura paterna e, portanto, “cria” a primeira imagem do pai para os filhos. É ela que dá o tom qualificador pelo qual a criança vai vê-lo e que vai acolher ou repudiar a sua presença. Para as mães, aqui fica um alerta responsável a respeito dos impactos causados pela introjeção de uma imagem paterna corrompida.

De modo mais amplo, a mãe, o pai e toda a infância oferecem o suporte onde se assentam a forma que vamos construir a nossa autoimagem no decorrer de toda a existência. Até que outras experiências significativas se sobreponham e novas escolhas sejam induzidas.

A participação dos pais na construção da nossa autoimagem evidentemente não se restringe à infância. Sua ação se estende não só pelas bases lançadas na estrutura psíquica, mas pela necessidade de cultuar esse amor inicial ou de se afastar dele, em alguns casos. Os pais e a infância serão sempre as referências fundamentais que descreve quem somos e onde estamos. Para então, depois consolidarmos quem queremos ser e para onde queremos seguir.

Quanto mais segura a pessoa estiver do amor dos pais, maior amplitude ela terá para inventar os seus próprios modelos; quanto mais insegurança, mais necessidade de repeti-los. É como se houvesse uma voz interna dizendo: “eu devo provar que sou amada por eles”, repetindo-os indefinidamente. Em última instância,

repetir os pais é uma forma de amá-los e de garantir o seu próprio pertencimento àquelas fontes. Em alguma medida, necessária; em muitas medidas, pode se tornar aprisionador.

Depois dos pais nós somos apresentados aos demais membros da família (irmãos, primos, tios, avós); e aos grupos da escola, igreja, clube e de outras instâncias sociais por onde seus pais frequentam.

Os irmãos e amigos são aqueles que colocam em confronto as primeiras imagens herdadas dos pais. Com o tempo, a própria criança passa a defender a autoimagem trazida pelos pais e a enfrentar as objeções do grupo social.

A vida em sociedade pode ser considerada como uma experiência de expectativas. Esperamos que o policial tenha determinada atitude; que o juiz seja imparcial; o vendedor solícito; o cônjuge amoroso, os filhos obedientes. E de nós, esperamos a correspondência exata de cada expectativa que temos quanto aos outros e a nós mesmos. É uma expectativa que modela, norteia e controla através da sua dedução e previsão, ao mesmo tempo em que pune quando a previsão falha.

A expectativa pode se tornar desejo e assim encher o reservatório de motivações para a realização de algum objetivo. Essa é uma forma ativa de expectativa, ou seja, serve como elemento da ação. A expectativa em sua forma passiva, por sua vez, ao contrário da ativa, ela esvazia a força da ação, pois que se satisfaz com a fantasia. De todos os modos, a expectativa leva-nos a manter uma relação com o vir a ser. O que ainda não é, mas que foi vislumbrado como possível (dependendo das autoimagens disponíveis em cada pessoa).

A partir da observação empírica, percebe-se que quando as expectativas não se efetivam, dá-se entrada às emoções de frustração, derrotismo, pessimismo, tristeza, e muitas vezes a sensação de vazio por uma vida sem sentido. A frustração é o luto de uma autoimagem abortada.

O impacto da frustração no universo mental dependerá de outros elementos, incluindo outras “autoimagens socorristas”, que possam restaurar a força. Estas últimas, em seu trabalho, exercem a função de compensação e reequilíbrio. Como a

dizer que na ausência daquilo que foi perdido, apresenta-se aquilo que se tem garantido.

Quando essa reconstrução falha e a frustração é muito forte, ou seja, quando não se concretiza a promessa de uma autoimagem fortemente valorizada emocionalmente, outros setores poderão ser afetados. Quer-se dizer que, quando o desenvolvimento esperado de uma imagem por alguma razão falha, todo o seu processo, valores, bases que serviram àquele propósito, ficam em suspeita. Em outra elucidação, quando um projeto fracassa, toda a equipe e ferramentas usadas recebem a suspeita de incompetência. E quando surge a experiência de fracasso, as autoimagens negativas reprimidas são deflagradas.

Nessa situação, um modelo que poderia levar ao processo saudável de restauração, se daria quando a pessoa envolvida distinguisse cada um dos aspectos envolvidos no “fracasso”: identificar a autoimagem que boicotou o processo (conflito entre autoimagens), reforçar as bases não contaminadas (autoimagens socorristas) e reescrever uma nova linha de execução.

Muitas frustrações das expectativas geradas por autoimagens projetadas para o futuro nascem quando estão na função de substituir e aliviar a tensão do momento presente. É a sutil e absoluta diferença em quando a expectativa se torna o preâmbulo da realidade futura, ou apenas a fuga da realidade atual. São os mesmos agentes em funções diferentes.

Em última análise, o desenvolvimento psíquico humano que toma como indicativo o estudo da autoimagem, trata substancialmente das tensões das “expectativas” em suas mais variadas expressões.

Nesse modo de pensar, as autoimagens não ocupam um lugar garantido e estático. Elas se movem, se agrupam, se dissipam, ganham e perdem força, ocupam posições e se desocupam delas. Muitas autoimagens se enfraquecem quando não retroalimentadas. Isso ocorre quando seus núcleos de significados perdem a sua conexão coerente com o bojo macro de significados coletivos. Mesmo assim, a informação histórica permanece talvez não atuante e determinante na ação comportamental, mas agora como substrato arcaico que sustenta e apoia o sistema global. Podemos ver isso quando ouvimos alguém falar que tinha tais características

em determinado tempo e que agora pensa diferente. Percebe-se daí que as autoimagens antigas servem de parâmetro para validar o modelo vigente transformado e para alinhar o fluxo do tempo e a ordem do desenvolvimento pessoal.

No espaço do mundo contemporâneo o convívio com a multiplicidade de signos e imagens culturais ganhou novos contornos através das tecnologias que hoje fazem parte do nosso cotidiano. As ideologias políticas e sociais que são comunicadas no cerne dessas imagens constroem e oficializam padrões de inclusão e exclusão na sociedade.

Quando então pensamos na imagem que cada pessoa vê no seu espelho pessoal, podemos também pressupor que estão sendo vistas paisagens da ideologia vigente social incidindo sobre o sujeito. Compreenda-se nesse sentido que somos estruturas orgânicas com manifestação de aspectos objetivos e subjetivos que recebem influência de forma dinâmica em todas as direções: o que está dentro influencia o que está fora e o que está fora altera o que está dentro.

De modo geral, ao receber uma nova imagem, ela irá tocar de alguma maneira, ambientes psíquicos mais ou menos profundos. Com maior gravidade se existir repetição, reforço e persistência na inserção da nova imagem. Com o tempo ela se tornará parte integrante do repertório do corpo coletivo de imagens e terá seu espectro de influência.

Se então estamos de modo ininterrupto sendo influenciados e influenciando de modo involuntário ou voluntário toda e qualquer experiência, é possível dizer que há um espaço de arbítrio em nós quando escolhemos essa ou aquela autoimagem para nos representar? Seria essa a lógica anônima embutida nos processos terapêuticos quando na relação paciente e terapeuta existe o questionamento dos padrões autômatos, sua (re) significação, a anulação e construção de novas autoimagens do analisando?

Sendo isso, o modo como cada pessoa se vê pode traduzir como ela reivindica o seu espaço no mundo, pois também implica de como ela reconhece quem é, seu valor e seu mérito. Então, somente quando ela considera que há méritos, é que se sente autorizada a reivindicá-lo e a recebê-lo.

Como podemos estipular os efeitos internos causados pelas imagens depreciativas atribuídas às populações que são historicamente discriminadas e cujas condições de ser e viver são inferiorizados e diminuídos?

Enfim, a autoimagem pode descrever a substância imponderável do retrato que fazemos no ambiente intrapsíquico. Estas imagens no encontro social ganha conceitos (autoconceitos) e valores que determinam o sentido da estima (autoestima). Cada imagem vincula-se a uma qualificação que lhe emprestamos a partir dos valores sociais que assumimos, e cada uma delas conforma uma grande teia onde movemos a nossa existência.

#### **4.1 – A TRÍADE: AUTOIMAGEM, AUTOCONCEITO E AUTOESTIMA**

Uma possibilidade de compreensão nos faz pensar na autoimagem como um constructo que exerce função descritiva de ordem objetiva–subjéctiva à respeito de nós mesmos. Provável resultado da necessidade da consciência traçar parâmetros relacionais entre o mundo exterior e a unidade do eu. É a vestimenta mediadora que permite a transição entre os dois mundos. A alma ou essência, psique, *self*, consciência ou qualquer outro termo que possamos adotar e que indique um lugar profundamente singular e imaterial do ser, se utiliza dessas “roupagens” para se comunicar com o universo formal. A autoimagem define, caracteriza e habilita a consciência diáfana a se comunicar com um mundo concreto visível, delineado e notadamente dual.

No entanto, para toda imagem-descritiva haverá um conceito-significado a ela conjugada que é determinado pelas influências mesológicas, sociais e culturais de cada região. Esse conceito recebe atributos valorativos que lhe empresta uma carga positiva ou negativa, dependendo da sua classificação dual dentro das dimensões do “certo” ou do “errado”; do “bem” ou do “mal”; do “superior” ou “inferior”, o que influenciará a sua autoestima.

O conceito coletivo e abstrato de uma sociedade quanto a um determinado tema, ganha corporeidade ao adentrar-se na intimidade psíquica individual e ser assumido como autoconceito. E então, por consequência da ideia contida neste

conceito e na sua qualificação na polaridade do “bom” ou “ruim” que lhe é impresso, resultará como efeito em formas de autoestima.

Portanto, a autoestima (auto: do grego *autos*, “eu mesmo, por si próprio”; e, estima: do latim *aestimare*, “ter afeição a alguém ou algo”), é o resultado da avaliação subjetiva do conceito que traz o componente valorativo oriundo do ambiente social e cultural onde a pessoa habita. Essas três dimensões – autoimagem, autoconceito e autoestima, estão irremediavelmente conjugadas de modo que parece impossível localizar a distinção exata entre uma e outra. Quando nos referimos à determinada característica descrita por alguém ou por nós mesmos, somos levados a avaliar tal representação dentro de um conceito conhecido, e deste será marcado um ângulo valorativo com repercussões diretas na estima.

A autoimagem fragilizada por um conceito depreciativo e por consequência uma estima prejudicada, traz inevitavelmente reações emocionais que influenciam significativamente na pessoa em seu pleno desenvolvimento humano. A baixa autoestima pode gerar: insegurança, vitimização, limitação, culto ao sofrimento, insatisfação, frustração, ansiedade, atitudes defensivas (agressividade, desprezo, alienação) ou destrutivas (automutilação, autoabandono, suicídio) etc. Por outro lado, uma autoestima elevada poderá gerar pessoas com: autoconfiança, satisfação, bem-estar, determinação, amplitude, coragem etc.

Por efeito rotativo de influências, a autoestima de uma pessoa também poderá influenciar como ela própria se descreve (autoimagem) e em quais ideias se apoia (autoconceito). É possível que duas pessoas tomem um mesmo fato sobre si, depois o descreva, qualifique e valorize de formas completamente diferente uma da outra. O autoconceito, por sua vez, poderá alterar o modo como alguém vê algo (autoimagem) e como o valoriza (autoestima). Deste modo, é possível representar estes três construtos (autoimagem, autoconceito, autoestima), dentro de um fluxo triangular interdependente com raios de influência em todas as direções:



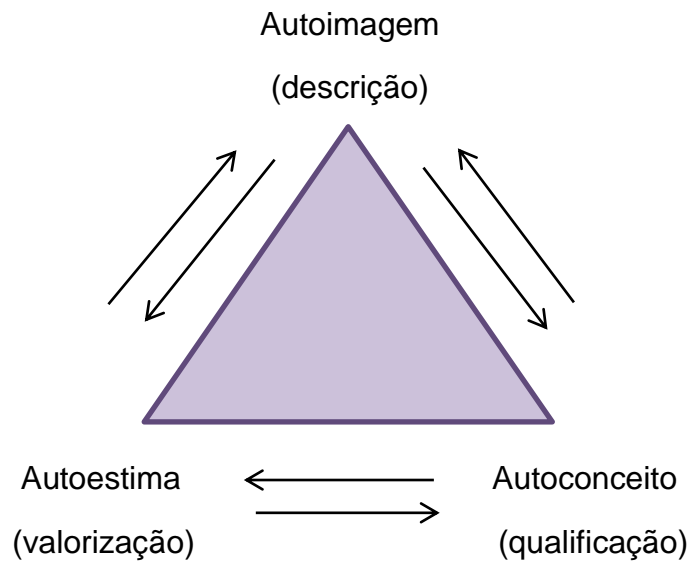


Figura 01: modelo explicativo do fluxo de interação dos constructos

Como resultantes da dinâmica acima nascem novas crenças, que por sua vez voltam a influenciar o sistema. Com o passar do tempo, para algumas pessoas, as crenças podem ganhar o *status* de verdade e passam a formar os trilhos por onde a pessoa se permite andar na vida. A crença pode ser compreendida como um modo de olhar, uma estrutura semiaberta, uma maneira de pensar, assim como quaisquer outras; daí admite-se que outras pessoas possam ter outras formas de ver. Já a verdade se faz única e fechada, provavelmente não admitirá flutuações e questionamentos nem se dispõe a rever o seu sistema de significados. Podemos nestes termos de maior ou menor abertura, além de pensar em indivíduos, também atribuir às sociedades?

Quando nos deparamos com pessoas que carregam imagens negativas e que tratam as situações baseadas em verdades inamovíveis, o desafio para transpô-las poderá se tornar maior. Essas são estruturas de consistência compacta e de rara versatilidade. Normalmente esse recrudescimento estará em função defensiva de algo que por alguma razão se tornou valioso e essencial. Tem forte carga de emoções básicas como medo, raiva ou tristeza; e geralmente são apoiados por

temas que se relacionam a assuntos de vida e morte ou atingem personagens com alto valor constitutivo: mãe, pai, família; país, etnia; Deus, religião.

Então, como poderá ser possível mapear a tríade autoimagem, autoconceito e autoestima nas pessoas cujas características são motivos de violências de variadas ordens como aquelas que se verificam nas populações da diversidade humana? Como afiar um instrumento que ao mesmo tempo em que se proponha a compreender o fenômeno dos constructos, considere as próprias acepções diversas dos seus autores como co-partícipe do processo? Para responder essa questão tornou-se necessário delinear método e buscar autores que refletissem com mais fidelidade possível todo o processo aqui discutido.

## ESPELHO 5: REFLEXOS METODOLÓGICOS

*“Ser ouvido é uma das coisas mais importantes;  
Ser ouvido é ser legitimado”.*

*Eduardo Coutinho - cinegrafista*

Conforme já mencionado, o presente estudo encontra raízes bem anteriores à decisão de transformá-lo numa linguagem de pesquisa acadêmica. Talvez tenha já iniciado aos 11 anos quando fiz a minha primeira leitura das teorias psicológicas e me dedicava a “escutar” meus amigos e tantos adultos que me cercavam com seus dilemas pessoais. Além deles, o meu interesse especialmente recaía em conhecer o que tinha a dizer ao mundo as vozes sociais periféricas que são emudecidas pela indiferença, preconceito e opressões de poder, como as que falam as pessoas com deficiência, negras, pobres, prostitutas, homossexuais, dentre outros. Participar de inúmeros projetos de ações sociais e na coordenação de Programas Públicos de Inclusão Social na Prefeitura de São Paulo e no Governo do Estado contribuiu significativamente para distender as compreensões desse universo anônimo.

“Escutar”: verbo de águas profundas. Para mergulhar em suas palavras silenciosas, é preciso se despir.

A formação em Psicologia foi o tráfego por onde o fluxo dos ventos me levaria por gravidade natural. O Trabalho de Conclusão de Curso teve como objeto de pesquisa a “escuta” de trabalhadores com deficiência quanto a sua inserção no mundo do trabalho em que trazia o título: “Pessoas Com Deficiência em Empresas Submetidas ao Cumprimento da Lei 8.213/91”.

No Curso de Pós Graduação - *Lato Sensu* - realizado na Universidade Federal de São Paulo, a Monografia teve como proposta de pesquisa entrevistar curandeiros de origem indígena (Peru), de tradição Zapoteca (México) e católica (Brasil), com o objetivo de averiguar possíveis interlocuções entre a sabedoria oriunda da medicina popular, mediante palavra dos seus representantes curandeiros, e a visão das abordagens das medicinas integrativas atuais.

No transcurso das disciplinas cursadas na Universidade de São Paulo, o curso Tecnologia Social da Memória e Saberes Compartilhados conduziu-me, junto com outros colegas, para a produção de Minidocumentário com o tema “Corpos

Periféricos em Trânsito: Memórias e Dissidências”. A proposta era trazer a narrativa de mulheres transexuais no seu processo de construção da identidade e relações com a sociedade.

Perante a contextualização trilhada acima, que buscou reiteradamente olhar na direção inversa e desconstruída das previsibilidades, a escolha espelhada do aparato investigativo a ser adotado por este estudo, por conseguinte, deveria tocar nota que afrouxasse os rigores excludentes da dualidade entre o eu/mundo, pesquisador/pesquisado, objetivo/subjetivo, homem/natureza, matéria/espírito, dentro/fora.

Nessa busca, constata-se que nos últimos tempos vários pensadores em diferentes campos do conhecimento veem questionando a perspectiva única e restrita da clássica epistemologia metodológica científica que monopoliza os meios de obtenção do conhecimento, como se vê na proposta Teoria Ator-Rede (TAR). Tais pressupostos, estabelecidos por um coletivo de pensadores que questionam o dualismo entre a natureza e a sociedade parecem sustentar esses enquadres de desconstrução ao sugerir que não há uma definitiva condição de separação entre humanos e não humanos, sujeitos e objetos. Ambas as posições estão permanentemente conectadas, sendo que o ator se refere ao papel desempenhado ativamente por qualquer elemento material ou imaterial (pessoas, animais, objetos, instituições, crenças) e a rede representa as interligações, relações e similaridades nas quais os atores estão envolvidos (LATOURETTE, 2012).

Nesse sentido, a produção de conhecimento implica na necessidade de uma estrutura heterogênea de elementos para a composição de um mundo comum, onde a todo instante se mesclam dinâmicas naturais e sociais para a interdependência entre produção de conhecimento e formas de vida coletiva. O conhecimento então é construído em rede e não com base em conceitos preexistentes (LATOURETTE, 2013).

Em contraposição, o método científico tradicional, é descrito como um conjunto de procedimentos e sistematização que possibilita que o pesquisador conheça a realidade de modo apartado do fenômeno a ser estudado. Esta construção pressupõe uma antologia na qual a realidade é fixa e situada de modo

independente do seu observador, em algum lugar lá fora, à espera da curiosidade humana que lhe circunscreva e lhe delimite (LAW, 2004).

Como alternativa, pressupõe-se que o método pode ser concebido como uma atuação sobre o mundo, diante da qual se produz uma realidade caracterizada com fluxo dinâmico e múltiplo. O exercício do pesquisador consiste em capturar este fluxo num processo indissociável do seu objeto (LAW, 2004).

Enfim, o presente trabalho adota o método como recurso de criação da realidade dentro de uma concepção de universo multirrelacional. Que se constrói na intersecção do encontro entre olhos que se tocam, se relacionam e se constroem reciprocamente. Ao mesmo tempo em que a linguagem foi libertada da sua condição de aparente neutralidade e da imposição de traduzir a realidade observável com precisão matemática. O uso de metáforas se equipara às tentativas de produzir sentidos a uma realidade tomada como múltipla e complexa (LAW, 2004); ao tempo em que o seu caráter de incompletude convida o leitor a participar ativamente com seus sistemas associativos pessoais.

Quanto propriamente aos construtos da autoimagem – autoconceito – autoestima trazidos como elementos estruturantes neste trabalho na interlocução com o público da diversidade, foram empreendidas uma série de ações devidamente sistematizadas para a busca das principais publicações e também dos autores que mais se dedicaram à temática em questão. Para a revisão da literatura, optou-se por uma busca organizada de conteúdos, traçando o foco investigativo e construindo diálogos entre os autores encontrados.

Em linhas gerais, a maioria das publicações encontradas com os descritores selecionados enveredava-se por outros campos de análise diferentes do que se propõe neste trabalho. Muitas vezes estas palavras foram utilizadas como elemento coadjuvante na construção de frases e títulos dos estudos. Referiam-se apenas aos aspectos mais genéricos dos termos, sem que necessariamente tenha havido um mergulho específico nas discussões dos temas, e com ainda menos incidência, nas análises das dimensões intrapsíquicas que os construtos poderiam suscitar. Em outras obras, os descritores somente foram usados como simples citação no texto ou nas análises de seus estudos sem grande relevância no contexto da pesquisa.

Os trabalhos encontrados que mais se aproximaram da diretriz desta pesquisa, dirigiam-se para as relações dentro do universo escolar – pedagógico quanto às relações de *bullying* entre alunos e o quanto esta variável prejudica o rendimento no ensino-aprendizagem. No âmbito da autoestima, em específico, algumas pesquisas seguiam na direção de alcançar as conexões com o preconceito e discriminação nas relações interpessoais.

Portanto, nas buscas empreendidas para identificar os estudos que se relacionavam com esta pesquisa, dentro e fora dos critérios, resultou em grande número de trabalhos descartados quanto ao uso do recorte de investigação aqui proposto.

Pode-se afirmar então que, do levantamento nos bancos de dados pesquisados, apenas poucos estudos tocavam ainda de modo indireto no objeto aqui em questão. Em sua quase totalidade, os trabalhos apresentaram-se não significativos no que diz respeito aos temas de autoimagem, autoconceito e autoestima, especialmente na relação destes temas com a diversidade social.

Diante disso, buscou-se ampliar a pesquisa do tema em outras direções, acessando outras fontes de estudos e utilizando-se de novos critérios e filtros. Somam-se aqui os autores trazidos nas discussões das disciplinas cursadas na FFLCH - Programa de Pós-Graduação Humanidades e Outras Legitimidades no núcleo Diversitas e as indicações de livros físicos ou virtuais feitas por colegas e pelo professor orientador.

## **5.1 - PROPOSTA DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL**

O recurso do método da História Oral no gênero “história oral temática” foi trazida a este contexto por se coadunar devidamente com a linha aqui defendida de valorização da expressão da narrativa dos próprios indivíduos envolvidos e pela ênfase na relação entre entrevistador e entrevistado. Nesta modalidade, procura-se identificar como os relatos e sujeitos foram construídos historicamente, quais os significados trazidos pelas suas narrativas, quais experiências e memórias são constituídos e como a subjetividade apresentada compõem um sentido de vida. Na

prática, este recurso tem como base a escuta sensível e a interação com o entrevistado dentro de um tema proposto.

A História Oral se constitui em recurso que surgiu após a Segunda Guerra Mundial com o advento e disseminação de instrumentos de registros eletrônicos como gravadores e filmadoras que possibilitaram a validação de experiências de natureza subjetiva que em geral não apresentam registros gráficos.

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2011, p. 155)

Como “história viva”, a prática da história oral apreende narrativas sempre vinculadas ao momento presente, com conteúdos obtidos dentro de um processo dialógico e sistêmico de entrevistas registradas por meio tecnológico. Na condição de ferramenta, a história oral é um procedimento com abrangência multidisciplinar, ou seja, que se aplica a diferentes interesses disciplinares.

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do **tempo presente** e também reconhecida como **história viva**. (MEIHY e HOLANDA, 2022, p. 17)

As lembranças dos sujeitos pesquisados que tem como base a memória são construídas sempre no presente e podem criar novos significados ao passado. A memória é seletiva, feita de lembranças e esquecimentos. Toda vez que uma memória é evocada, será criada uma nova memória e esta memória contada do passado, é mais forte do que o passado vivido (WORKMAN, 2022).

A história oral situa-se no terreno da contrageneralização e contribui para relativizar conceitos que tendem a universalizar as experiências humanas. Portanto,

não é um compartimento da história vivida, e sim o registro sobre como a história foi vivida (DELGADO, 2006).

Diante disso, foi então realizada uma pesquisa de campo viabilizada por estudo exploratório de caráter qualitativo, mediante uso de instrumento de entrevista semiestruturada, gravada em áudio e vídeo em ambiente devidamente preparado.

A técnica do modelo de entrevista para coleta de dados, como propõe Cruz Neto (2004), é uma forma de captação de conteúdos que aponta propósitos definidos entre pesquisador e pesquisados que reforçam a importância da linguagem e do significado da fala, o que leva a obtenção de informações de natureza objetiva e subjetiva.

### **5.1.1 - Quanto aos Participantes Colaboradores**

Quanto ao público participante, foram considerados aqueles dentro do espectro da diversidade social no Brasil, denominados como “grupos de minoria de poder social”: pessoas com deficiência, negras, prostitutas, faveladas, indígenas, LGBTQI+, entre outros.

Embora seja pertinente questionar em termos científicos a escolha de um público alvo com vasta amplitude de caracterizações, também convém reportar que todos eles estão unidos pela própria diferença e pelo processo excludente que lhe são historicamente impostos. Além disso, a própria concepção de diversidade humana implica em adotar a pluralidade de formas, aspectos, experiências e visões em suas mais variadas expressões.

Por fim, estas pessoas foram contatadas a partir de indicações dentro do quadro de alunos do Diversitas / FFLCH ou mediante indicações de amigos, com pretensão de conversar com quatro colaboradores com o propósito de analisar os conteúdos das suas falas e também para fins de exibição no documentário.



Critérios de inclusão:

- Pessoas com idade superior a 25 anos, por se entender que a partir desta idade o interlocutor já obteve um repertório significativo de experiências em sua vida.
- Autodeclarar-se dentro de algum dos grupos acima mencionados.

Critérios de exclusão:

- Pessoas com quaisquer condições físicas ou psíquicas que impeçam a ampla capacidade de comunicação e obtenção das informações.

### **5.1.2 - Procedimentos e Instrumentos**

Foram elaboradas cartas-convite (Apêndice 1) e enviadas para as pessoas dentro do perfil especificado. Após o aceite, os entrevistados foram contatados para lhes fornecer mais detalhes e natureza da pesquisa, agendamento da entrevista e efetivação do trabalho de coleta de dados mediante conversa e filmagem.

As conversas se deram em ambiente preparado, com sala em penumbra, luz indireta. O pesquisador mediador e os colaboradores pesquisados permaneceram diante de um espelho central por onde se olhavam e interagiram através deste e de tantos outros espelhos menores e molduras vazias dispostos na parede. A decoração da parede com espelhos e molduras, além de ter a intenção de criar ambientação de autorreflexão propícia ao mergulho na história, fazia parte de todo o processo de contextualização do projeto ao propor que o colaborador contasse a sua história diante de si mesmo, para si mesmo, se vendo narrar. No ambiente havia ainda duas câmeras profissionais posicionadas ao lado de cada participante e outras câmeras de celulares posicionadas em lugares estratégicos para captar outros ângulos da entrevista, sendo todas manuseadas por cinegrafista contratada.

O momento presencial do participante foi denominado preferencialmente como “Encontro de Conversa”, exatamente para fugir de palavras como “entrevista” ou “Avaliação” que pudessem suscitar algum tipo de desconforto ou intimidação pela

formalidade. Se se supuser de usar a palavra entrevista, nesse contexto, ela deveria ser grafada na forma “entre–vista”.

O processo foi então dividido em três partes distintas:

**1ª parte: Apresentação:** após adentrar ao recinto de gravação foi solicitado aos participantes que se apresentassem para as câmeras.

**2ª parte: Meditação guiada:** os colaboradores convidados foram conduzidos por pequena meditação guiada com a finalidade de ambientação emocional e evocação retrospectiva de suas memórias.

**3ª parte: Perguntas:** o roteiro de perguntas teve como ponto de partida as seguintes provocações:

1ª - Pergunta: “Quando você olha para esta pessoa no espelho, quem você vê?”.

2ª - Pergunta: “Que história esta pessoa do espelho tem para contar? Como você descreveria a sua história?”.

3ª - Pergunta: “Como você é vista pela sua família de origem (pai, mãe, irmãos)?”.

4ª – Pergunta: “Como você é vista pelos seus amigos e colegas de trabalho / estudo?”.

5ª – Pergunta: “Como você é vista pelo/a parceiro/a afetivo (namoro, casamento, união estável)?”.

6ª – Pergunta: “O que você diria para esta pessoa do espelho do tempo passado e do tempo futuro?”.

7ª – Pergunta: “O que você diria para esta pessoa do espelho?”.

8ª – Pergunta: “Se você pudesse fazer três pedidos para esta pessoa do espelho, quais seriam?”.

9ª – Pergunta: “Complete a frase: espelho, espelho meu...”.

10ª – Pergunta: “Tem algo mais que você gostaria de falar, além do que você já falou?”.

O roteiro acima esteve longe de ter sido seguido com rigor absoluto. Algumas perguntas mudaram de sequência ou se fizeram desnecessárias pelo transcorrer do contexto e outras nasceram espontaneamente da relação natural do instante.

Concernente às induções e estímulos dos roteiros elaborados na técnica de história oral, assim se referiu Delgado (2007):

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (p. 15).

Com o devido consentimento dos entrevistados, a conversa foi gravada em vídeo e áudio e feita a devida transcrição das falas para posterior análise. Em seguida foi realizado um trabalho de decupagem (recorte) a serem destacados no texto e a seleção dos trechos dos vídeos para publicação no minidocumentário. Após a transcrição do texto e escolha das partes dos vídeos, os mesmos foram enviados mais uma vez para os entrevistados para que eles confirmassem a autorização.

Como medida de cuidado para com os entrevistados e na condição do pesquisador ser psicólogo clínico, foram oferecidas gentilmente sessões psicológicas posteriores à entrevista, para caso o entrevistado tenha se sentido movido emocionalmente pelas lembranças e assuntos que emergiram em seu depoimento. Dos quatro colaboradores apenas uma delas aceitou passar em sessão, mas que acabou por desistir.

### **5.1.3 - Formas de Análise dos Resultados**

A análise em história oral evoca um procedimento planejado de acordo com o objetivo do projeto que pode ser como história oral pura ou híbrida. No primeiro

caso, a entrevista serve como banco de histórias o que torna a análise dispensável; no segundo caso, híbrido, os conteúdos advindos das entrevistas servem como pontos de cruzamentos internos e externos em diálogos com outras séries documentais (MEIHY E HOLANDA, 2022). Porém, as entrevistas tidas de forma isolada não falam por si mesmas, “a dimensão social é feita na medida em que são indicados os pontos de intercessão das diversas entrevistas” (p. 131).

Sendo isso, as atividades de entrevistas tiveram como propósito captar especialmente palavras, silêncios, impressões, contextos, construções de signos, significantes e significados e demais expressões dos entrevistados, tomando como ponto de partida a construção de quatro dimensões referenciais de análise:

#### A – Dimensão da Autopercepção Biográfica:

Sob a influência das memórias suscitadas pela meditação guiada, nesta dimensão procurou-se apreender mais enfaticamente *como* o colaborador se apresenta historicamente, a partir de quais escolhas de eventos se baseia para definir a sua trajetória e quais são os seus posicionamentos diante de fatos ao longo do tempo.

#### B – Dimensão da Autopercepção Intrapessoal:

Aqui se buscou observar como colaborador conduziu a comunicação da sua apresentação em diferentes contextos, seja na autodescrição física, de personalidade, de atitude, de pertencimento, identidade e ou de função no corpo familiar e social. Quais referências o colaborador faz de modo direto a si mesmo, a partir de si mesmo, na transição das situações vivenciadas e a extemporaneidade.

#### C – Dimensão da Autopercepção Interpessoal:

Nesta dimensão pretendeu-se apreender mais objetivamente como a pessoa se percebe na relação interpessoal e esferas de afeto, a partir da dedução que faz do ponto de vista dos membros: da família (pais e irmãos) – como sou vista pela minha origem; dos membros da sociedade (amigos e colegas) – como sou vista pelo mundo que me rodeia; e das parcerias amorosas (cônjuges) – como sou vista pela família que pretendo construir. Porém, não apenas na direção do que outrem pensa

a respeito do colaborador, mas também como o colaborador se posiciona diante das relações interpessoais.

D – Dimensão da Autopercepção Intersocial:

Compreende-se aqui como o colaborador se situa como cidadão no meio onde vive, qual o seu lugar na sociedade, sua projeção no futuro e realização dos seus desejos. Qual a sua autopercepção de “poder social” e como apresenta a sua força e fraqueza diante das conquistas e posicionamento de ação política, social e econômica.

**Quadro 1 - Dimensões de Análise**

Dimensões	Reflexos no Espelho
A - Autopercepção Biográfica	<i>Como eu vejo a minha história? De onde vim? Como fui construído?</i>
B - Autopercepção Intrapessoal	<i>Como eu me vejo? Quem sou?</i>
C - Autopercepção Interpessoal	<i>Como eu vejo como as pessoas me veem? Como eu me relaciono com as pessoas?</i>
D - Autopercepção Intersocial	<i>Como me vejo no mundo? Como a sociedade me vê?</i>

Mediante correlação com a literatura dialogada, das análises empíricas apresentadas e de posse do material coletado nas entrevistas, a partir das dimensões acima, buscou-se extrair da relação com os entrevistados os seguintes elementos de análise:

## Quadro 2 – Referências de Análise e Constructos

Referências	Constructo
Quais palavras, associações, gestos, sentidos e indicações o entrevistado se utiliza para fazer referência a si mesmo?	Autoimagem
Quais conceitos, definições e significados foram expostos de modo implícito e ou explícito?	Autoconceito
Quais qualidades valorativas foram assumidas pelo colaborador?	Autoestima

Em nenhuma etapa da coleta de dados foi feita nenhuma indagação direta acerca de qualquer característica ou condição particular dos participantes, como por exemplo, a cor da pele, orientação sexual. Dessa forma, evitaram-se induções de temas e respostas quanto ao objeto pesquisado. Os conteúdos foram extraídos e analisados conforme se apresentaram.

Convém reforçar que este estudo não teve como pretensão traçar as múltiplas caracterizações da diversidade social humana, nem em adentrar em suas específicas designações. Porém, permeando o extrato das análises interpretativas, as atenções também se ocuparam de identificar as menções intersticiais dos entrevistados quanto aos aspectos da “diferença” no contexto social. Entende-se aqui que o elemento da “diferença”, seja qual for a designação, compõe-se como o ponto de intersecção entre a população dos “diferentes”.

Por fim, todas as alusões de análise concorreram para confrontar os pressupostos levantados por este estudo em concordância ou discordância com os resultados obtidos.

### 5.1.4 - A Produção de Documentário

A modalidade de documentário como produção áudio visual costuma tratar de temas de interesse social e se caracteriza como produção de arte não ficcional com

o compromisso de explorar a realidade. Apesar disso, não significa que seja uma representação pura da realidade; ele contém traços de representação parcial e subjetiva do mundo. O documentário “representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados sejam familiares” (NICHOLS, 2012, p. 47).

Atendendo e corroborando com a proposição de Meihy e Holanda (2022), quando afirmam que “é primordial que se pense no destino das gravações, que devem ser mantidas e disponibilizadas ao consumo social” (p. 21), o presente estudo vem acompanhado de material filmado em vídeo e áudio no formato documentário a ser disponibilizado publicamente nas plataformas de vídeo da internet.

As imagens do documentário complementam e enriquecem a transcrição das entrevistas, à medida que podem expor com maior amplitude visual os elementos sub-reptícios das entrevistas, como: silêncios, expressões faciais, gestuais, gaguejos, palavras interditas, respirações, dentre outros.

O documentário também pretende se determinar como um produto final integrante deste trabalho, na medida em que se apresenta no formato de moderno registro midiático com vasto alcance de público e na condição em que serve de contribuição efetiva para o debate social. Para acessá-lo, basta seguir o link:

<https://youtu.be/D566cjhr4U>

---

#### Ficha Técnica:

Apresentação: Sérgio Felix

Orientador: Profº Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles

Colaboradores: Josina Maria, Rô Vicente, T´Angel, César Trevisan

Direção de Arte: Gal Botês e Sérgio Felix

Cinegrafista: Gal Botês

Assistente de Câmera: Jeff Costa

Produção: Alex Sartorel e Nathaly Matsuda

## ESPELHO 6: REFLEXOS ENTRELHOS

*“Conheça todas as teorias,  
domine todas as técnicas,  
mas ao tocar uma alma humana,  
seja apenas outra alma humana.”  
Carl Jung*

Esta pesquisa tomou como marco basilar a perspectiva trazida pelos pensadores do movimento decolonial que sugerem visões de mundo distintas daquelas alicerçadas no arcabouço epistemológico positivista da Europa-branca-ocidental. Estas outras incursões validam sobremaneira as narrativas oriundas da intimidade dos seus protagonistas e realçam os aspectos da pluralidade de toda vida em seus múltiplos afluentes da diversidade.

A perspectiva da Psicologia contribuiu para traçar menções da formação do eu em sua interlocução com o derredor social. As pautas trazidas pelas concepções empíricas do autor possibilitaram alinhar os constructos da autoimagem, autoconceito e autoestima em sua aplicação investigativa através do método da História Oral.

Compondo todas estas notas, ora construindo sentidos redacionais, ora regando a função analítica das entrevistas, estão os olhos amestrados à prática clínica psicoterapêutica do pesquisador. Esta última condição, pôde lhe conferir marcante amplitude perceptiva e ou indelévels influências teóricas. Por fim, e destarte, ajuntado e inamovível, naturalmente acompanha-se toda a sua trajetória de mundo singular que, consciente ou inconscientemente, imprime tintas particulares na composição das suas perspectivas sobre os reflexos das perspectivas alheias.

As transcrições das entrevistas estão disponíveis em sua íntegra nos anexos.

### **6.1 – COLABORADORA: JOSINA MARIA DE JESUS BEZERRA (ANEXO 1).**

Apresentação: mulher negra, 54 anos, diarista, moradora da favela do Morumbi, nordestina, casada, mãe de três filhos.



Contato inicial: Josina se apresentou no primeiro contato de modo bastante entusiasmado com a possibilidade de ser entrevistada. Parecia estar tomada por um misto de curiosidade, apreensão e aventura. Contato fácil, fala fluida com tendências otimistas; postura corporal tomada de energia e vivacidade; zelo na roupa de tons vermelhos; olhos bem abertos como a tentar engolir rapidamente todo o momento para lhe oferecer as mais adequadas e esperadas respostas. Aderiu com prontidão e alguma ansiedade as proposições feitas durante o trabalho.

### Quadro 3: Dimensão da Autopercepção Biográfica - Josina:

A – Análise Autopercepção Biográfica:	Recortes de falas ilustrativas
<p>A colaboradora descreve a sua história da infância e adolescência trazendo a pobreza e as limitações decorrentes dela como marca central dos acontecimentos. Enquanto que para os tempos mais recentes, o luto na forma das perdas de morte, doença e de trabalho, ganham maior ênfase. O tema morte vai aparecer de forma dramática em outras situações de sua narrativa, como no pedido ao gênio para que nem ela, nem os seus familiares morressem, revelando grande dificuldade em lidar neste campo.</p> <p>Apesar da pobreza e dos lutos, no meio das falas, há sempre uma expressão positivada como “infância perfeita” ou “consegui educar os meus filhos bem”.</p> <p>Este movimento de restauração se observa inclusive quanto ao afeto recebido da mãe e dos irmãos. O significado da expressão de afeto ganha novos contornos não restritos ao “eu te amo”, mas às atitudes na forma</p>	<p><i>(...) Sou da Bahia, sou de Ilhéus, Itabuna pra lá, aqueles lados.</i></p> <p><i>(...) Eu sou filha de mãe solteira.</i></p> <p><i>(...) Então, uma criança que eu brinquei de carrinho de rolimã, eu catava fruta estragada embaixo das barraca da feira.</i></p> <p><i>(...) Eu tive uma infância assim, acho que uma infância perfeita, eu posso dizer, porque eu venho de uma família pobre, né?</i></p> <p><i>(...) Então, eu acho que eu consegui educar os meus filhos bem, numa situação de classe C, vamos dizer assim.</i></p> <p><i>(...) Então, quando eu fiz uns 14 anos, aí eu tive que largar os estudos para ir trabalhar em casa de família, porque a minha mãe não tinha condições de me dar as coisas.</i></p> <p><i>(...) E a minha mãe, ela nunca falou um “Eu te amo”, assim, que as pessoas antigas não falava eu te amo para os filhos, né? Mas ela demonstrava o amor dela assim, defendendo a gente.</i></p> <p><i>(...) Porque acho que o amor vai além</i></p>

<p>de defesa e de pequenos presentes. Isso poderá implicar em uma estrutura psíquica resiliente e adaptativa.</p> <p>Por fim, mesmo considerando as situações adversas pelas quais passou, ela assumiu que não mudaria nada da sua vida. Pois isso poderia descaracterizá-la como pessoa, a sua identidade. Aqui, é possível deduzir que a sua história em tomada em completa integralidade.</p>	<p><i>das palavras, (...) Acho que um eu te amo está relacionada mais à atitude do que à fala. Porque fala, a gente fala qualquer coisa, né?</i></p> <p><i>(...) E eu estou passando por um momento muito difícil, porque o meu esposo, ele teve um AVC, fazem três anos.</i></p> <p><i>(...) E eu perdi um genro, também na Covid, que a minha filha ficou muito mal, por isso que foi bem no começo, ele foi ficando ruim. E terminou que veio a óbito, então isso me abalou muito emocionalmente. Depois eu perdi uma cunhada também.</i></p> <p><i>(...) Não, eu não mudaria, nada. Eu queria viver tudo igual, exatamente como foi. Porque se mudasse não ia ser a mesma história e ia mudar o contexto, então aí fica parecendo que seria uma outra pessoa.</i></p> <p><i>(...) Para não morrer. Eu queria ficar, porque a morte é uma coisa muito triste. É uma coisa que vai. A gente não sabe porque a gente nasce, não sabe porque morre, não se sabe da onde a gente vem.</i></p>
--	--

#### Quadro 4: Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - Josina:

B – Análise Autopercepção Intrapessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>A colaboradora se descreve de modo direto sempre com adjetivos que representam força, coragem, destemor. A palavra “guerreira” foi usada por ela como autodescrição em diferentes relatos.</p> <p>Embora pareça desconsiderar a opinião</p>	<p><i>(...) Mulher guerreira, forte, bonita! Com uma autoestima que ninguém consegue me pôr pra baixo!</i></p> <p><i>(...) Então, por isso, quando eu me olho no espelho que eu falo que eu sou uma mulher forte, uma guerreira, porque eu sou. Não é as pessoas que estão</i></p>

dos outros, faz isso na alusão de reforçar e enaltecer suas concepções de modo coerente entre fala externa e interna.

Em muitas situações, a colaboradora parece não se permitir demonstrar algum tipo de “fraqueza”. Descreve-se como pessoa bonita, inteligente; com infância e família perfeitas; sempre com expressões positivas repletas de elevados conceitos e estima, dirigidas a si mesmo e aos membros da sua família.

Porém, em outros momentos, a colaboradora também deixou entrever a necessidade de se deixar tocar pela vulnerabilidade, mas que parecia não se permitir. A autoimagem de “guerreira” criada pelos familiares e ou da observação de traços de sua personalidade, parece ser apresentado como rígida identidade que não lhe abre espaços para assumir supostas fraquezas. O que faz com que ela, muitas vezes, menospreze as suas dificuldades.

Há aqui uma provável relação com o “eu ideal”, tal qual preconizado na literatura psicanalítica; qual seja, é uma instância que remete àquilo que atende às expectativas dos pais e de outrem, por tomar a si como objeto.

A colaboradora se vê como alguém impulsiva, de difícil trato social e que evita o conflito através de distanciamentos. Talvez seja possível pensar em um traço de rigidez com baixa tolerância à frustração. Mas, que talvez esse mesmo traço, tenha lhe fomentado força e determinação.

*falando, eu estou falando por mim.*

*(...) Então, se eu não afirmar pra mim, o que eu sou, então não vai valer a pena aquilo que eu estou falando.*

*(...) Tem vez que eu choro. Eu assim... Está chorando por quê? Tem algum motivo para chorar? Não. (...) Então ergue a cabeça e bola pra frente.*

*(...) Eu quero chorar com ele, mas eu não posso.*

*(...) E aí um dia ela chegou para mim, falou: “Mãe a opinião das pessoas não me interessa, mas a sua me interessa!” E eu falei assim: “mas eu também sou os outros”.*

*(...) Porque eu não me importo com a opinião das pessoas.*

*(...) Eu sou uma pessoa que eu sou difícil de lidar com o grupo, com pessoas, com um monte de gente, porque as pessoas têm opinião diferente, e quando você vai dar opinião, as pessoas, às vezes não aceitam*

*(...) Quando eu decido fazer alguma coisa. Eu faço por mim mesmo. Se eu sei que vai dar errado, eu não faço. Se vai dar certo eu tento.*

*(...) Porque assim, enquanto eu não fizer aquilo e ver que está feito, eu não desisto..*

*(...) Porque eu sou meio impulsiva assim. Então, isso pode ser bom e pode prejudicar.*

*(...) Eu tenho medo, tenho medo de barata... Tenho Mesmo! Se tiver uma... Eu já fui quase atropelada por causa de uma saindo de um bueiro*

**Quadro 5: Dimensão da Autopercepção Interpessoal - Josina:**

C – Análise Autopercepção Interpessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>Na percepção da colaboradora quanto a visão dos outros sobre ela, parece se repetir sob a ótica de diferentes membros da família (marido, irmãos, filhos), as menções que se aproximam da construção de uma pessoa tida como guerreira, determinada, corajosa, impetuosa, impulsiva e bonita. O que pode levar a pensar o quanto que estas expressões tenham uma representação bastante significativa e quiçá compensatória em sua jornada.</p> <p>Porém, ela também questiona estas características com ponderações quanto a aplicabilidade positiva ou negativa de acordo com o contexto.</p> <p>Aparentou surpresa quanto ao fato de ter ouvido dos filhos que é uma boa mãe. Provável não se considerava antes. Neste sentido a sua autoimagem pareceu ter sido restaurada para uma aceção mais positiva a partir da fala dos filhos.</p> <p>Tal qual na dimensão anterior, a colaboradora deixa entrever momentos de fragilidade e vulnerabilidade ao apontar o medo de barata. Sua voz muda para um tom mais suave e delicado como a revelar um espaço pouco explorado.</p> <p>Em algumas situações apresenta relatos em que tomou posicionamentos</p>	<p><i>[Filhos] (...) E eu não achava que eu era uma mãe... Aquela em que as pessoas falam: Olha que mãe!  (...) Mas, ao longo dos anos deles e escutar que eu sou tudo para eles, que tudo o que eles são eles devem a mim.</i></p> <p><i>[Mãe] (...) Ela tinha uma frase que ela sempre falou, que eu sempre carrego toda a minha vida: “Se a Josina não fizer ninguém faz”.</i></p> <p><i>(...) E minha mãe também falava muito assim, que eu não tinha medo de nada e que eu era o tipo de pessoa que eu poderia morrer dando risada, porque eu gosto de desafiar as pessoas.</i></p> <p><i>[Marido] (...) “Minha esposa é uma puta duma morenona!” Falaria isso porque ele vive falando que sou muito bonita. O Edson, ele falaria que eu era uma guerreira também.</i></p> <p><i>[Irmãos] (...) Acho que ele falaria que eu sou uma pessoa boa, uma pessoa alegre, que gosta de beber cerveja, que ele nunca viu chorando, só quando a nossa mãe faleceu.</i></p> <p><i>(...) Olha, meus irmãos seria assim uma incógnita, porque eles vêm de uma família nordestina, muito ignorante.</i></p> <p><i>(...) Porque o casamento para mim é uma liberdade.</i></p> <p><i>(...) Porque eu tenho amigas que são casadas e eu fico olhando a maneira que trata os maridos, assim como se fosse um preso (...) E, na verdade não é isso, a pessoa, ela se sente assim porque ela se sente inferior.</i></p> <p><i>(...) “E o que que a gente faz quando a gente ama assim?”. Se entrega de</i></p>

<p>opostos àqueles que seriam esperados, contrariando as convenções. Emite sua opinião como alguém que quebra o padrão e se posiciona de modo direto e desafiador.</p> <p>Adota por vezes postura de corajosa empatia com inquietante crueza nas palavras. Até mesmo em temas que sofrem preconceito social como a prostituição.</p> <p>Na relação afetiva, defende uma ação de plena entrega aos sentimentos e vínculo com a experiência direta.</p>	<p><i>corpo e alma. Se não dá certo, se entrega de novo depois de novo, de novo de novo, de novo a vida inteira. Porque o amor é uma entrega. Se você não se entregar, você não vai viver.</i></p> <p><i>(...) Porque quando você se põe no lugar, você vai fazer a mesma coisa que a pessoa faz. Agora, você só não faz se não se coloca no lugar.</i></p> <p><i>(...) “Então você seria prostituta?” “Sim!”</i>  <i>(...) É que as pessoas tem vergonha de falar, de se assumir, de admitir as coisas. Então fica tudo atrás da hipocrisia.</i></p>
---	---

#### Quadro 6: Dimensão da Autopercepção Intersocial - Josina:

D – Análise Autopercepção Intersocial	Recortes de falas ilustrativas
<p>A questão socioeconômica é vista com certo pesar. A pobreza foi colocada como condição de muitas limitações no gozo da vida e nela reside uma diferenciação de mundo entre a colaboradora e os patrões. Em diferentes momentos em sua fala aparece a indicação de que ela é uma “pessoa pobre” ou “classe C”, enfatizando uma divisão evidente entre estes mundos. Por outro lado, nesse mesmo tema, em algumas falas parece desafiar o valor do dinheiro como a refletir um paradoxo interno. Estaria aqui uma possível relação entre a condição socioeconômica e autoestima?</p>	<p><i>Oh! Dr. Sérgio! O dinheiro é tudo na vida. (...) Então aquele dinheiro não vai servir pra nada, porque se não tiver cura, então o pobre morre, o rico morre e não sabe se depois, se é gordo, se é branco, se é negro, se tem cabelos lisos, tem cabelo crespo, né?</i></p> <p><i>(...) A gente é de uma classe C, né?</i></p> <p><i>(...) Olha, Dr. Sérgio, a vida é um pouco cruel com a gente. Eu acho que é, porque, porque as pessoas, elas não têm muita oportunidade das coisas, quando não se tem dinheiro, então os sonhos ficam para trás.</i></p> <p><i>(...) Então, se a gente trabalha, a gente sempre consegue o que a gente quer.</i>  <i>(...) Quando eu saio de casa, ir trabalhar e falo “Nada de preguiça, nada de</i></p>

<p>Nesta dimensão também aparece destacado o aspecto da “guerreira” agora na forma do esforço no trabalho que através tudo se alcança. Embora relate que o seu sonho – torna-se nutricionista, seja colocando em parâmetros de distante concretização.</p> <p>Quando menciona os netos como crianças lindas, justifica a beleza das crianças por ter a cor da pele branca vinda da ascendência paterna-alemã.</p> <p>Em seu agradecimento final aparece a satisfação em poder ajudar esta pesquisa: “colocando visível para as pessoas ver que eu posso ajudar alguém”. Reitera-se um valor de estima em recuperação.</p>	<p><i>desânimo, vai conversando com o motorista do ônibus que eles são muito legais!”.</i></p> <p><i>(...) E aí veio meus três netos. Uma benção linda! Que são umas crianças assim linda! Porque eles veio de uma família branca, de alemão, quase alemão.</i></p> <p><i>(...) Então eu acho que eu queria relatar esse sonho que eu tenho. Não sei se eu vou conseguir concluir ainda, (...) porque eu queria terminar minha escola. E o meu sonho sempre foi fazer faculdade de nutrição.</i></p> <p><i>(...) Eu estou me sentindo importante. Eu tô me sentindo assim, a própria Gisele Bündchen.</i></p> <p><i>(...) Eu quero deixar meu agradecimento também, por uma oportunidade de poder ajudar não só você, mas, é você colocando visível para as pessoas ver que posso ajudar alguém.</i></p>
---	--

Diante do que foi analisado acima nas dimensões referenciais e ilustrado com as falas da colaboradora, foi possível extrair epítome de sentidos quanto aos constructos e suas inter-relações com o fator da diversidade.

**Quadro 7: Síntese das Dimensões correlacionadas aos Constructos - Josina**

Constructo	Dimensões (A – Biográfica; B – Intrapessoal; C – Interpessoal; D – Intersocial)
Autoimagem (AI)	<p>Descreve-se como uma pessoa que vem de uma condição de pobreza em busca de uma vida melhor em São Paulo, traçando uma jornada de lutos, superação e positividade.</p> <p>Vê-se como uma pessoa guerreira, destemida, obstinada, impulsiva, bonita e inteligente.</p> <p>Esta forma positivada pode ser interpretada também como elemento compensatório da autoimagem idealizada e ou para atender às expectativas do interlocutor.</p>
Autoconceito (AC)	<p>Alguém cuja história de pobreza, na forma de escassez de dinheiro, teve os seus sonhos de realização pessoal, reduzidos. Neste sentido, deixa entrever ideias contraditórias quando adota postura de distinção entre classes sociais, valorizando os padrões que tem dinheiro; e em outros momentos desvaloriza o próprio dinheiro em detrimento de aspectos da afetividade.</p>
Autoestima (AE)	<p>Autoestima elevada quanto os aspectos subjetivos do afeto e das relações, com extensão para as disposições do esforço e do trabalho. Entretanto, parece decair quanto às projeções de futuro e de realização material em decorrência do escasso poder econômico.</p>

Nesta entrevista não apareceram relações diretas com as questões de cor de pele ou racismo. Entretanto a condição socioeconômica aparece como fator de grande relevância para designar o papel ocupado pela colaboradora no meio social e do seu poder de realização pessoal. A construção da autoimagem de “guerreira” e de outros aspectos positivados parece servir como elementos compensatórios para lidar com as condições adversas da escassez de recursos financeiros e de oportunidades. Outro elemento significativo refere-se à disposição observada da colaboradora ao se sentir reconhecida e valorizada, exatamente por ter sido escutada. Confirma-se o valor da escuta em sentido profundo como ação que legitima a existência do outro.

## 6.2 – COLABORADORA: RÔ VICENTE (ANEXO 2).

Apresentação: Pessoa trans não binária, 26 anos, cria conteúdos para mídias sociais na página @bixanarua.

Contato inicial: Apresenta-se de forma aberta e disponível para o trabalho. Parecia acostumada com entrevistas e em tratar de temas relacionados à transexualidade, binariedade, homossexualidade; pois a sua fala transcorreu livremente dentro de uma composição fluida e bem articulada com direcionamentos ativistas e políticos. Sua forma de vestir e movimentos corporais parecia também querer comunicar algo sobre quem era e do seu lugar de expressão.

### Quadro 8: Dimensão da Autopercepção Biográfica – Rô Vicente

A – Análise Autopercepção Biográfica:	Recortes de falas ilustrativas
<p>A colaboradora demonstra evidente tranquilidade em trafegar por assuntos profundos da sua construção como pessoa, expondo de modo organizado e reflexivo os temas que envolveram a sua jornada. Esta versatilidade pressupõe alguém que realmente mergulhou em processos terapêuticos e de autoconhecimento.</p> <p>Em toda a sua narrativa, destaca com notória evidenciação o tema da transexualidade e binariedade como elemento central e quase monotemático das suas falas, ideias, proposições e relações. O pode revelar o tamanho desse tema em sua vida.</p> <p>Ela reconhece o lugar de apoio, proteção e oportunidades dentro do</p>	<p><i>(...) “Bixanarua” foi exatamente uma forma de, de entender quem eu era. (...) para poder me empoderar de alguma forma de quem foi colocado pra baixo durante toda uma adolescência.</i></p> <p><i>Se a gente for comparar com tantas outras pessoas trans e LGBTs que existem no Brasil, eu tive muitas oportunidades (...). Eu tive apoio dos meus pais, eu tive apoio dos familiares, eu tive apoio de amigos muito próximos a mim. (...) Mas ao mesmo tempo de grandes lutas. A oportunidade, ela não inibe a luta.</i></p> <p><i>(...) Então eu cresci sendo uma criança muito afeminado assim, porque eu tinha muita liberdade de viver bem dentro de casa. Então meus pais nunca, nunca tiveram algum tipo de restrição com que eu brincava, com quem eu brincava.</i></p> <p><i>(...) Eu era essa criança que brincava,</i></p>



âmbito da influência familiar em comparação com outras pessoas trans, embora isso não tenha lhe eximida da sua luta em direção ao seu autoconhecimento e da necessidade de criar espaços de reivindicação no cenário social.

Evidencia-se em seu discurso o impacto da violência social, em suas diferentes expressões de agressão seja física ou subjetiva, sobre os corpos divergentes. As repercussões emocionais aparecem na tentativa de adequações às expectativas sociais; inibições, retraimentos...

Ela retrata de modo eloquente os mecanismos psíquicos criados como forma de protegê-la da violência em decorrência das questões que envolvem o seu gênero e orientação sexual na infância e adolescência, e também a trajetória de resignificação através da palavra “bicha”.

A palavra “empoderamento”, exaustivamente pronunciada pela entrevistada, revela de modo inequívoco, a real natureza da sua trajetória biográfica. A reviravolta, por assim dizer, parece ter tido início quando ela toma a sua suposta “fraqueza” como força de transformação política e de luta social.

*que era extravagante, que eu gostava de falar com as outras pessoas e tudo mais. Quando eu entrei na escola, eu fui, e foi ali um momento onde eu deparei com a primeira, a minha primeira violência.*

*E eu me lembro dessa palavra “bicha” ter escutado ela logo no primeiro, no primeiro ano, na primeira série do ensino fundamental, onde eu sofri um ataque de garotos (...).*

*Assim, o ensino fundamental foi um tanto quanto caótico (...). Era entender que eu precisava me identificar com um gênero específico (...).*

*(...) Eu consegui construir uma pessoa que eu não era na escola, (...) na escola eu era exatamente o garoto oposto, eu era a pessoa mais quieta; que tinha pouquíssimos amigos, que falava com pouquíssimas pessoas.*

*(...) Minha mãe sempre falou sobre sexo comigo, então eu sabia da existência de pessoas LGBTs, eu sabia da existência de o que era ser heterossexual, que era ser gay, lésbica, (...) mas eu não me via ainda como LGBT.*

*(...) Durante oito anos eu construí uma figura, meio no automático, para poder me adequar àquelas pessoas (...) daqui pra frente eu quero construir (...) essa figura que eu vou bancar ela daqui pra frente, para poder me empoderar disso.*

*(...) Dos 15 aos 16 anos, eu acho que o bicha, ele começou a passar, a sair dessa forma pejorativa, a passar uma forma de “tá bom, eu sou esse aqui, esse garoto gay”, o bicha, ele tinha essa figura do garoto gay. Ponto.*

**Quadro 9: Dimensão da Autopercepção Intrapessoal – Rô Vicente:**

B – Análise Autopercepção Intrapessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>A sua autopercepção intrapessoal parece se confundir de modo indissociável do seu relato biográfico.</p> <p>A busca pelo o que ele / ela era, reporta-se como a “jornada do herói” ou mergulho em busca de si mesmo através das experimentações no mundo e das palavras que lhe foram imputadas.</p> <p>A palavra “bicha” toma esta referência na mais alta expressão dentro da condição fluida de masculino e feminino. Dentro disso, a colaboradora parece criar o seu próprio caminho de sentidos e significados particulares em movimentos contínuos de experimentações, construções e reconstruções, mantendo-se atenta ao que lhe é de ímpeto interno ou de imposição social.</p> <p>Descreve-se como pessoa que apresenta intencionalmente uma persona defensiva em razão da sua necessidade de proteger a sua vulnerabilidade. Este mecanismo de autoproteção mantém-se de modo controlado ainda nos dias atuais, pois que em diferentes momentos ela indica a intenção de não desistir da sua luta política. Em outros sentidos, deduz-se que a luta por espaços sociais se mantém vigente e a sua atuação ganha relevância à medida que outras pessoas se referenciam pelo seu trabalho nas mídias sociais.</p>	<p><i>Eu vejo uma pessoa em constante reconstrução, acho. (...)</i></p> <p><i>E aí depois, quando a gente, começa a entender que o bicha é quem eu era mesmo. Sempre foi o que eu quis ser, aquilo começa a se transformar de um personagem que inicialmente foi muito mais uma criação, persona personificada. Assim, uma criação de empoderamento pra internet e começou a se tornar um gênero para mim (...).</i></p> <p><i>Ser Bicha, eu acho que é brincar exatamente com esse masculino que nunca vai ser 100% masculino e o feminino que também nunca vai ser 100% feminino.</i></p> <p><i>Acho que eu me descreveria sendo uma pessoa muito forte, só que só até a página dois, porque eu tenho uma teoria de que eu consigo, eu consegui criar essa bicha, essa figura da bicha má, da empoderada, que é muito dona de si, exatamente como uma forma de proteção.</i></p> <p><i>(...) Então eu me descreveria como sendo uma pessoa muito tímida e frágil ao mesmo tempo, mais ou menos ao mesmo tempo que isso acontece, eu não deixo isso muito ir além (...).</i></p> <p><i>(...) Eu tive um processo muito interno de entendimento, então, acho que a luta foi muito mais interna comigo mesma, entendendo quem eu sou e entendendo como é que eu poderia demonstrar isso para as outras pessoas.</i></p> <p><i>Então, acho que a maior questão hoje para mim, (...) foi exatamente essa, essa divisão de entender o que é uma</i></p>

	<p><i>cobrança minha, o que faz sentido que eu estou querendo colocar no meu corpo, que eu estou querendo expressar no meu corpo, e o que é uma cobrança social, assim.</i></p> <p><i>Eu acho que o primeiro de não desistir. E eu provoco exatamente isso: se eu desistir toda transfobia acaba? (...)</i>  <i>O segundo pedido, talvez é, para não me cobrar tanto. (...)</i>  <i>Eu acho que o terceiro, é de ter um pouco mais calma também.</i></p>
--	--

#### Quadro 10: Dimensão da Autopercepção Interpessoal – Rô Vicente

C – Análise Autopercepção Interpessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>A natureza das relações descritas pela colaboradora seja de vínculo familiar, amizades sociais ou de afeto amoroso, todas parecem recair na referência central da sua atuação política social ligada às causas trans, binariedades e questões de gênero em seu trabalho com as mídias sociais. Seu ativismo de empoderamento e reivindicação de espaços coletivos da comunidade LGBTQI+, parece lhe facultar individualmente aceções de identidade e de valor social.</p>	<p><i>Então eu acho que a minha mãe falaria bastante sobre o meu trabalho com comunicação (...).</i></p> <p><i>O meu pai não diria muito sobre mim não viu, porque eu e meu pai não temos uma relação muito próxima. Não é nem pelo fato de eu ser um, uma pessoa trans. (...) Mas ele talvez fale do meu trabalho com comunicação (...).</i></p> <p><i>(...) Eu sempre vejo o meu irmão sempre me protegendo de algumas formas da sociedade (...).</i></p> <p><i>(...) A minha irmã, ela deve usar isso muito mais com uma forma de “Aí!!! É muito legal porque eu sou pop sabe, eu tenho irmão que não é, não é hétero, não é cis”.</i></p> <p><i>(...) Considero poucas pessoas amigas (...). Então eu acho que essas quatro, elas fariam de mim sempre de uma forma muito carinhosa, mas pontuando muito o empoderamento, pontuando muito o quanto eu luto para reivindicar</i></p>

	<p><i>esses espaços de gênero.</i></p> <p><i>(...) A minha existência na vida dele ajuda ele entender outras, as outras camadas de luta que ele não teria acesso se ele não tivesse uma pessoa trans do lado dele (...).</i></p> <p><i>(...) Então eu tive três namorados, né! Eu tive muito azar, eu tenho azar com homem, né? (...) eles provavelmente falam, devem falar de mim para as pessoas, sempre com essa forma de, de dizer, eu não sei se de ter um orgulho de ter me conhecido, talvez, não sei, mas de orgulho de acompanhar algum processo de empoderamento.</i></p>
--	---

**Quadro 11: Dimensão da Autopercepção Intersocial – Rô Vicente:**

D – Análise Autopercepção Intersocial	Recortes de falas ilustrativas
<p>Esta dimensão não difere em análise das demais anteriores, quanto à convergência do tema da luta política. Ao contrário, na interface com a sociedade, mais ainda se realça a necessidade da luta por direitos.</p> <p>A colaboradora traz em sua narrativa a descrição de uma sociedade preconceituosa, excludente e violenta. Ao mencionar a ONG na qual se sentiu acolhida, reitera a ideia de coletividade como arma de sobrevivência e de fortalecimentos mútuos. Talvez daí também surja o reforço para o seu engajamento político.</p>	<p><i>Então, acho que ser bicha é estar à margem da sociedade (...) eu acredito muito que a construção do meu corpo, a construção do meu gênero, acaba sendo um ato político, socialmente falando.</i></p> <p><i>(...) Mas, eu me lembro muito bem de naquela época de, por exemplo, está passando aquela, aquele garoto que foi violentado com a lampadada na Paulista e aquilo repercute muito pra dentro de mim, tipo eu vou ser o próximo garoto!</i></p> <p><i>(...) Eu entendo que eu preciso saber quais lutas eu quero lutar.</i></p> <p><i>(...) Eu conheci a Todes em 2018 e nesse, em 2018 foi o ano em que eu fiz uma formação deles, que chama “embaixadores”, uma formação de líderes LGBTs. (...) aonde eu comecei a</i></p>

<p>Consoante a sua coerência pautada em construções coletivas, localiza o seu pensamento dentro de uma configuração pessoal. Abrindo assim espaço para que outras pessoas trans, não binárias, possam aceder outros espaços de expressões.</p>	<p><i>me sentir mais acolhida, onde eu comecei a me sentir pertencente realmente a uma comunidade.</i></p> <p><i>Então, por muitas vezes eu recebo “hater” assim, quase todo dia (...).</i></p> <p><i>(...) Porque a gente só, a gente só vai conseguir avançar para nossas lutas quando a gente conseguir acessar essas pessoas, porque elas são a raiz do problema, foram pessoas cisgêneras e heterossexuais que criaram a transfobia, que criaram a homofobia.</i></p> <p><i>Então, acho que deixar muito objetivado isso, que tudo o que é colocado, que é falado por mim é um ponto de vista é uma vivência minha, vem de vivências pessoais e que a gente está aberto a discussões, a construir em coletividade.</i></p>
--	---

**Quadro 12: Síntese das Dimensões correlacionadas aos Construtos – Rô Vicente**

Constructo	Dimensões (A – Biográfica; B – Intrapessoal; C – Interpessoal; D – Intersocial)
Autoimagem (AI)	<p>Descreve-se substancialmente como alguém em constante reconstrução que se mostra forte para proteger a sua fragilidade frente a um mundo que é violento com a sua natureza fluida de gênero. Apresenta-se como: trans, não binária, bicha, bicha má, tímida, frágil, empoderada.</p>
Autoconceito (AC)	<p>Alguém que devido ao seu investimento em mergulhos de autoconhecimento desenvolveu amplo repertório de recursos emocionais e de restauração intrapsíquica.</p> <p>Uma pessoa que detém em sua trajetória pessoal, elementos de referência para a causa da coletividade LGBTQI+.</p>
Autoestima (AE)	<p>A autoestima denota esforço de luta para se manter “empoderada”</p>

	<p>do seu espaço de legitimidade nas esferas da sociedade</p> <p>A sua atuação nas mídias sociais como divulgadora, educadora e agente de transformação da sociedade, empresta-lhe marcas positivas de relevância em suas relações e lugar de pertencimento social.</p>
--	---

As questões referentes ao gênero e demais causas de pertencimento e direitos da comunidade LGBTQI+, de forma imperiosa, manteve-se na centralidade da narrativa desta entrevista. As redundâncias trazidas na fala da colaboradora quanto a este tema e a sua atividade política social nas diferentes dimensões da sua vida, não apenas reflete a importância implícita na questão, mas também revela as suas ressonâncias na autoimagem, autoconceito e autoestima da entrevistada.

### 6.3 – COLABORADORA: T´ANGEL (ANEXO 3).

Apresentação: Tem 41 anos, se entende enquanto uma monstra, uma pessoa trans, não binária, trabalha com educação na periferia de Osasco e com a arte, sobretudo com a arte da *performance*. Doutoranda da Universidade de São Paulo na área de educação.

Contato inicial: Contato fácil, relação amigável construída de forma quase instantânea. A colaboradora parecia tranquila e disponível para o trabalho; havia silêncios e delicadezas em seus movimentos que contrastavam com a vibração insurgente das cores e modificações do seu corpo.

#### Quadro 13: Dimensão da Autopercepção Biográfica – T´Angel:

A – Análise Autopercepção Biográfica:	Recortes de falas ilustrativas
A ideia de “batalhar” pela afirmação da vida e de ter a marca da “diferença”, percebido em vários momentos no relato da colaboradora, remete a ideia	<i>Então, foi um processo de batalhar constante para a afirmação dessa vida, da forma que ela se manifesta. (...) nesse processo de transformação, tem, tem essa marca de uma pessoa que,</i>

que o seu lugar no mundo não estava disponível para ela, nem lhe foi oferecido com fluidez. Ao contrário, o seu lugar necessitou ser construído e conquistado; tendo que lidar com todos os antagonismos que lhe fazia “quebrar” e a se “refazer”.

A sua autobiografia aponta para dois elementos distintos em termos de apoio e pertencimento ao grupo familiar: por um lado a família lhe ofereceu afeto e estrutura dentro das condições que lhe era possível; por outro lado, esta mesma família apresentava limitações para lidar com a “diferença” que a colaboradora suscitava. Alega-se que as condições de ser uma família pobre e periférica, com concepções conservadoras e religiosas fundamentalistas, reforçam ainda mais esta impossibilidade.

Diante da percepção da sua “diferença”, da ausência de apoio suficientes ao seu redor e da necessidade de sobreviver, a colaboradora relata uma trajetória de tentativas de enquadramentos, silenciamentos, autocensuras e autossabotagens.

Salientam-se a partir dos aspectos acima desenhados na síntese “batalhar – enquadrar-se”, uma caracterização de autoimagem que representam ao mesmo tempo força de vida, versatilidade e adaptação sobrevivente. Evidentemente com todas as consequências e cicatrizes deixadas pelo caminho.

Interessante notar os silenciamentos advindos desde a infância e que chega

*que ela é marcada pelas diferenças. (...) Então, por isso que eu falo de batalha, porque é isso. Eu venho de uma família conservadora, pobre de periferia, fundamentalista religiosa e embora sempre me ofereceram todo tipo de afeto e estrutura, ainda que dentro da pobreza e das suas limitações, quando chegava nesse lugar, das minhas diferenças, daquilo que eu era ou do que eu estava me transformando também, tinha uma dificuldade ali (...).*

*(...) embora eu tivesse marcado ali no meu corpo algumas diferenças, ainda era uma criança que todo mundo queria ter perto, porque é uma criança silenciada, (...).*

*E aí o meu ciclo de infância era casa, igreja, escola e nessas instituições esse corpo era um corpo que tinha ali essas correções, porque dava sinais que não era normal (...).*

*Eu era a criança dócil, que todo mundo queria ter perto e de repente eu vejo uma monstra na adolescência, é muito aquela metamorfose do Kafka, e então, de uma hora pra outra você acorda e o seu corpo? Ele já não é mais bem vindo em lugar nenhum, nem na igreja nem em casa, nem na escola, nem no trabalho, nem na rua. Então, esse corpo que ele é um monstro e tem que ser repellido, tem que ser colocado num quarto escuro, um grande inseto e eu também demorei para poder elaborar isso da forma que eu elaboro agora.*

*(...). E quando eu fui desenhando as memórias, tem esse lugar mesmo, de quebrar e se refazer, quebrar e fazer, o que eu acho que é reflexo de uma batalha mesmo.*

*(...) não tinha plano B, né! Mas tinha uma tentativa de você se enquadrar naquilo que te vendiam como verdade, possibilidade. (...) eu me ocultava*

aos dias atuais na forma de desafio, e que nasce como estratégias de camuflagem e de proteção, ganharem expressões declaradas no corpo através das modificações físicas e tatuagens. Como se a sua fala ocultada e emudecida durante tanto tempo, se derramasse pelos poros se transubstancializando em corpo sonoro.

O momento em que essa “fala” embutida ganha vazão através das modificações corporais coincide exatamente com a fase da adolescência, alavancadas pelos hormônios. Em seu relato, nesse mesmo período, os encontros com as “pessoas parecidas”, com os grupos, as festas, a noite, a marginalidade, pareceu lhe oferecer acolhimento, legitimidade e lugar de pertencimento no mundo.

A sua história é narrada com toda a dramaticidade e complexidade que os temas que percorrem a sua vida impôs, mas também a colaboradora não deixa omitir a poética, a dança, os encontros e o refazimento depois da quebra. Sua narrativa aponta batalhas, restaurações e reconhecimentos do valor da sua trajetória, incluindo o suporte da própria família naquilo que pode lhe oferecer.

*demais lá, tentava me camuflar, tentava fingir que era normal tentava um monte de coisa, falava pouco. E é, é uma marca que carrego até hoje. Eu tenho um desafio para falar.*

*(...). Falar, e como eu falo com o corpo inteiro e a voz afeminada, era uma forma de me poupar de algumas violências que eu não tinha estrutura para lidar, (...).*

*(...) adolescência é esse lugar, é esse momento que é um vulcão de emoções, de hormônios e de expansão da vida mesmo, né? E então, tudo aquilo que eu abafava escutava, eu falo “Ops! Acho que eu não quero mais deixar dessa maneira. Eu quero dar vazão, eu quero que as coisas saiam de mim, assim”. Junto com isso, eu começo a me encontrar com esse universo da modificação corporal e que foi para mim um encontro fundamental (...).*

*(...) Aí, ainda depois da adolescência, eu fui pra noite, eu fui pra para esse lugar, que era o lugar da marginalização mesmo (...).*

*E tinha também esses encontros já com pessoas parecidas. Então já começo a sair da periferia e ir para outros lugares que tinham pessoas como eu e para a noite, para a festa e ir para essas rotas de fuga mesmo assim, pra poder se perder e se encontrar (risos).*

*(...) a minha história, é uma história de batalha para poder de fato se afirmar e continuar com vida, de encontro também é uma história de encontros muito poéticos, a poética da vida é maravilhosa, que potencializa mesmo a experiência passageira por aqui, assim. Então, batalhas, encontros, poesias, cair, levantar, dançar muito.*

*Olhar para onde eu saí e chegar onde estou chegando, onde eu estou agora*



	<p><i>assim, é um grande movimento. E eu não consegui sozinha, consegui justamente porque eu tive essa base na minha família. Sei que se dava mal com a minha diferença, mas ao mesmo tempo me dá o suporte, casa e comida pra poder dá conta,</i></p>
--	--

#### Quadro 14: Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - T´Angel

B – Análise Autopercepção Intrapessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>Mais uma vez a ideia da batalha e de luta para a conquista do espaço de vida. Nesse espaço, autodeclarar-se ‘monstra’ como uma reivindicação implica na reelaboração e transformação da dor em formas mais construtivas e constitutivas.</p> <p>Assumir-se como “um grande fracasso” e que “já viveu mais tempo do que esperava”, pode demonstrar que a colaboradora além de ter rompido com as expectativas de outrem sobre o corpo e a vida dela, como também que ela mesma abdicou das suas próprias expectativas acerca de si mesmo. Ser monstra poderia então significar a sua liberdade?</p> <p>A resposta possível para a pergunta “quem sou?” pode ser facilmente preenchida com algumas assimetrias de palavras como: monstra, alquímica, batalhadora, reivindicatória, ressurgente, mostradora, complexa,</p>	<p><i>Vejo uma pessoa que eu precisei brigar muito para poder sustentar e reivindicar. Então eu me entendo enquanto uma monstra hoje, eu acho que para além de todas as marcas que eu tenho, acho que me autodeclarar monstra é o que mais se aproxima daquilo que eu consegui elaborar para a minha vida até aqui. (...) Eu sou uma monstra. Eu me reivindiquei monstra (...) vocês diziam que eu era, agora eu estou dizendo que eu sou (...).</i></p> <p><i>E é aí, eu me quebrei muito, me quebrei muito em muitos lugares. Costumo dizer que eu morri muitas vezes pra poder me reelaborar, me reconfigurar mesmo.</i></p> <p><i>Assim, se a gente pega lá, enfim, a origem da palavra monstra, aquela que mostra, então, mostrar uma possibilidade de diferença numa configuração de mundo que extermina as diferenças (...).</i></p> <p><i>(...) o grande resumo é que é uma vida muito simples. (...) viver em harmonia com tudo diferente, entendendo que se é parte muito de mim assim, tentar transformar não só externamente, mas internamente (...).</i></p> <p><i>Gente! Eu sou só mais uma</i></p>

<p>diferente, comum, tóxica, angelical, paradoxal, conciliadora, contempladora, silenciosa, falante, professora,...</p>	<p><i>professora,(...).</i></p> <p><i>Eu não sou uma pessoa fácil, né? (risos) Sou uma pessoa um pouco difícil, um pouco complexa, (...). Aquela coisa de toxidade também está na gente, né? (...).</i></p> <p><i>Então o erro também faz parte daquilo que eu sou, a falha faz parte daquilo que eu sou, eu sou um grande fracasso, né? (...).</i></p> <p><i>Eu preciso do silêncio. (...). Eu adoro ouvir as pessoas (...). E às vezes eu não falo nada, o meu corpo em certos lugares, ele já está dizendo muita coisa, né? (...).</i></p> <p><i>Eu acho que eu já vivi mais tempo do que eu esperava (...).</i></p>
---	---

#### Quadro 15: Dimensão da Autopercepção Interpessoal - T´Angel:

C – Análise Autopercepção Interpessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>Seus apontamentos quanto a sua autopercepção das relações interpessoais, passa pelo orgulho das suas conquistas na área da educação e da arte, e como pioneira na família em alcançar graus de desenvolvimento acadêmico.</p> <p>O afeto permeia as suas relações disputando lugar com os estranhamentos e desconhecimentos que a sua presença suscitava. Da sua família de origem vem o orgulho da sua conquista e o abrigo afetivo sem a compreensão; da sua família de afinidades, amigos, vem o afeto com acolhimento e reestruturação.</p>	<p><i>Então vê que teve esse movimento todo pra chegar agora, trabalhar com educação, continuar estudando, produzindo arte e ter um reconhecimento por isso, acho que daria lugar de orgulho.</i></p> <p><i>(...) Mas eu vejo pela minha irmã, pelos meus sobrinhos e sobrinhas. Tem esse lugar de olhar como: “Hummm! Que legal a tia esquisita!” E aí eu fui a primeira pessoa da minha família a ter universidade, a ter pós-graduação.</i></p> <p><i>(...) Não entendendo, a minha mãe morreu sem entender, o que eu acho ótimo, não tem que entender mesmo. Nem eu entendo! Se ela conseguisse eu ficaria surpreso. Mas ela tinha esse lugar de apreço.</i></p>

<p>Não se importar com a opinião dos outros não parece indicar desdém ou desvalorização das relações; talvez este tópico siga na mesma direção da quebra das expectativas mencionada na dimensão anterior.</p>	<p><i>A minha Vó, tinha, sei lá, 85 anos, tinha 75, 80 anos e me olhava com amor, sabe assim? A gente sente amor no olhar da pessoa assim, e vivia isso com o meu pai, com a minha mãe.</i></p> <p><i>(...) por muito tempo tive muita raiva da minha família (...).</i></p> <p><i>(...) E tenho o meu círculo de amizade muito próximo que é a minha família. Inclusive porque quando a minha família não sabia lidar comigo, não tinha ainda conhecimento, não tinha estrutura, eram essas pessoas que me acolhiam, (...). Então é uma história muito, muito bonita. (...).</i></p> <p><i>Eu acho que eu não me importo muito com o que diriam, (...).</i></p>
--	--

#### Quadro 16: Dimensão da Autopercepção Intersocial - T´Angel:

D – Análise Autopercepção Intersocial	Recortes de falas ilustrativas
<p>A colaboradora, em sua perspectiva da sociedade, reforça a percepção de um meio hostil às diferenças, de violência, exclusão e segregação. O mundo lá fora é lugar de batalha para conquistar o direito à vida das populações que, como ela, não tem o seu lugar garantido. Estas pessoas, que continuam a sofrer ainda hoje pela sua divergência do padrão normativo, necessitam de acolhimento e proteção, tal qual ela necessitou algum dia.</p> <p>A sociedade é tida como um lugar que necessita ser transformada e que ela está imbuída dentro uma concepção missionária; usando o seu corpo, seu</p>	<p><i>(...) porque as pessoas gostam de pessoas que são domesticadas.</i></p> <p><i>Então, para a gente, enfim, desse lugar da diferença que eu venho e não venho de um lugar só, mas de um que é muito forte, é a margem que vai puxando a gente como lugar mesmo de acolhimento para a gente poder se refazer.</i></p> <p><i>(...) As pessoas ficam confusas quando me veem e, de novo, na maioria das vezes essa confusão se manifesta por meio de violência, segregação, exclusão.</i></p> <p><i>De novo batalha, tem que brigar para poder construir isso, assim. Pra si e para as outras pessoas, como quem veio antes de mim fez também. Então é</i></p>

ofício de professora e de artista, como ferramentas de transformação social. Pode-se pensar aqui numa jornada que vai da ressignificação da dor sofrida, através da própria dor, à busca da sua transcendência através da tarefa de transformar as dores de outras pessoas que passam pelos mesmos caminhos. O aspecto missionário e redentor advindos da sua atividade profissional aparece como novas estruturas psíquicas compostas de novos sentidos, significados e propósitos de viver.

O espelho social mostra pra ela, através de outros corpos trans, o seu passado revivido. “Os outros são os outros e nós também”.

Em vários momentos aparece o aspecto da exiguidade do tempo para as pessoas trans e com ela a urgência de uma transformação no âmbito da coletividade. Segundo ela, o mundo apesar de feio e perverso, não precisava ser de relação antagônica ou de guerra.

*um processo de filme, de eco, que vai sendo construído (...).*

*(...) também porque esse mundo é isso, é uma configuração muito perversa.*

*(...) e trabalhar também, entendendo que, que, que é uma missão que é colaborar para que essa configuração de mundo ela seja hackeada. Então eu trabalho com educação, não à toa, trabalho com arte, não à toa. São lugares que têm um poder de transformação muito forte.*

*Eu vejo adolescentes e crianças passando por violências que nem eu passei de tão graves que são. Então eu vejo a ausência de corpos trans, travestis, nas escolas. Isso é gritante, é um barulho pra mim assim, sinaliza muita coisa, que a gente mudou, mas não mudou tanto, melhorou, mas não pra todo mundo, então como a gente consegue por meio da monstruosidade, porque a humanidade falhou, a humanidade, ela tem falhado, enfim, sucessivamente (...).*

*O nosso tempo de vida é outro, né? Nosso tempo de vida é curto. Se a gente espera, a gente morre e não vê a coisa acontecer.*

*Então, eu sei que a própria presença do meu corpo no espaço institucional, ela já gera um ruído ali, as pessoas elas se incomodam (...).*

*O que eu penso é que os outros não precisariam necessariamente ter uma relação antagônica ou de guerra. (...) Então é isso, os outros são os outros e somos nós também (risos).*

*O mundo é feio, é perverso, e aí a gente precisa encontrar esse lugar de péra lá! Vamos fazer uma poesia disso aqui, que é isso? Lamber a ferida mesmo. (...) Como a gente consegue levar isso*

	<p><i>para o outro lugar e trazer potência né? Sair desse lugar também, da dor? (...).</i></p> <p><i>Eu acho que é porque, apesar de tudo, eu continuei viva, que eu acho que já é uma grande rebeldia nesse sistema (...)</i></p> <p><i>Eu poderia ter me tornado uma grande bailarina, uma grande... Sei lá o que! Assim, mas o sistema não me permitiu (...).</i></p> <p><i>Depois de um tempo amadurecendo, eu fui entendendo que a minha família era tão vítima quanto eu (...).</i></p> <p><i>(...) quando eu falo continuar é essa vontade mesmo de continuar fazendo isso enquanto tiver força e energia para continuar, quero muito continuar produzindo tudo isso, mexendo esses conhecimentos, assim nas artes, na educação, nesses encontros, eu não acho que é muito importante, muito importante para mim e imagino que pras outras pessoas também.</i></p> <p><i>(...) porque vivi aqui um lugar que me desumanizou (...) porque o tempo passou, mas essas violências ficaram ainda cristalizadas.</i></p>
--	---

**Quadro 17: Síntese das Dimensões correlacionadas aos Construtos - T´Angel**

Constructo	Dimensões (A – Biográfica; B – Intrapessoal; C – Interpessoal; D – Intersocial)
Autoimagem (AI)	Monstra; Diferente; Ressurgente; Missionária; Reivindicadora; Educadora; Tóxica; Angelical; Comum; Complexa;
Autoconceito (AC)	Alguém cuja história de vida lhe outorga condições para ajudar a transformar a sociedade lutando para maiores espaços de justiça social.

Autoestima (AE)	A sua tarefa-missão de atuar na arte e educação tendo em vista transformar os espaços sociais para chancelar direitos de pessoas “diferentes”, empresta-lhe um valor que positiva a sua existência.
-----------------	---

A sua Autoimagem está marcadamente implicada nos elementos que envolvem a constituição da sua “diferença” no convívio com os familiares e a sociedade. Apresenta-se de modo direto e enfaticamente como “monstra” e com esta autodenominação vem toda a complexidade de ressignificação e mecanismos psíquicos que foram acionados para transformar dor em identidade. A autoimagem de pessoa “batalhadora” também merece destaque, considerando ser alguém que ressurgiu das cinzas e reivindica espaços de existência. Nessa última, reside a ideia de alguém que carrega uma tarefa-missão de ajudar a educar o mundo através da arte e da educação.

Percebe-se na construção da fala da T´Angel uma sofisticada elaboração em todas as dimensões, em seus aspectos históricos, relacionais e de compreensão das experiências. Deduz-se que o caminho do autoconhecimento, para ela, já foi exaustivamente frequentado e que isso foi uma condição definitiva para fomentar a sua capacidade de se restaurar frente aos desafios pelos quais teve que enfrentar.

#### **6.4 – COLABORADOR: CESAR TREVISAN (ANEXO 4)**

Apresentação: 28 anos, estuda filosofia numa escola à maneira clássica; pessoa com deficiência física congênita.

Contato inicial: Colaborador apresentou-se de forma bastante entusiasmada com a entrevista. Manteve-se sempre bem humorado e engraçado. Durante o contato ainda por mensagens, demonstrou certa ansiedade para a efetivação da atividade.

**Quadro 18: Dimensão da Autopercepção Biográfica - Cesar Trevisan**

A – Análise Autopercepção Biográfica:	Recortes de falas ilustrativas
<p>A sua narrativa autobiográfica gira, de forma inequívoca, em torno da superação da sua condição física em decorrência da malformação congênita e das muitas intervenções cirúrgicas pelas quais foi submetido desde tenra idade até os dias atuais.</p> <p>Ele destaca os aprendizados e sensações que vieram a partir do fato de ser uma pessoa que foi cuidada pela mãe e outros cuidadores até a fase adulta. Dentre esses aprendizados, a ideia de renascimento sugere uma força experiencial impactante quando se tem como referência 21 intervenções cirúrgicas.</p> <p>A colocação dos temas gratidão, comparação, revolta, consciência e perdão, sugerem uma linha de contrastes e oscilações pelos quais o protagonista trilhou para construir as suas compreensões e sentidos de vida. De um lado a gratidão pelos cuidados que recebeu e que lhe possibilitou a sobrevivência, por outro lado a comparação emergiu como tema sobressalente a lhe exigir ainda mais explicações. É provável que a revolta e a agressividade tenha sido os primeiros produtos dessa fricção psíquica.</p>	<p><i>(...) Já é uma superação nascer todo molinho e não ter morrido durante esse tempo (...).</i></p> <p><i>Enfim, eu nasci com essa malformação e com dois anos de idade foi feito um descolamento de medula óssea que permitiu continuasse desenvolvendo a parte motora e ortopédica também. E aí então a primeira foi neurológica aos dois de idade vieram mais ou menos umas 15 cirurgias ortopédicas pelo crescimento indeterminado dos, dos membros inferiores principalmente (...).</i></p> <p><i>(...) Mas a soma de todas, incluindo a do ano passado, foram 21 cirurgias.</i></p> <p><i>(...) E aí, devido a essas cirurgias foram muitas sensações de reaprender, renascimentos, (...), e aí, são sensações muito diferentes da, de você estar sendo cuidado até os 18 anos de idade, pela sua mãe e por outras pessoas conhecidas, né? Vida de hospital, ela mexe com a gente bastante.</i></p> <p><i>(...) E acho que a história de cada um é assim e então, perdão e consciência, busco os dois cada vez mais.</i></p> <p><i>(...) Contar minha história precisa ter uma narrativa inicial de gratidão (...).</i></p> <p><i>(...) Porque nas minhas fases de revolta de adolescência eu, eu dei dor de cabeça pra ela, então ela também teve alguns lamentos, por eu aprontar muito na escola, descontar em todo mundo, e as pessoas ainda viam essa sensibilidade, uma possível inteligência.</i></p> <p><i>(...) Mas era a forma que eu tinha à mão lado a lado, fraqueza, ódio e coragem,</i></p>

	<p><i>eu distribuía agressões verbais, agressão no meu próprio corpo, (...).</i></p> <p><i>Eu comparava pessoas, eu me comparava às pessoas. Isso é injusto.</i></p>
--	--

### Quadro 19: Dimensão da Autopercepção Intrapessoal - Cesar Trevisan

B – Análise Autopercepção Intrapessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>O colaborador se vê como uma pessoa “muito forte” – o que pode ser deduzido como provável alusão aos acontecimentos médicos pelos quais passou, - soma-se a autopercepção de alguém com questionamentos filosóficos existenciais, porém regado por tendências que preferem as expressões intuitivas e honestidades emocionais, do que ouvir os pensamentos.</p> <p>Apresenta-se também contextualizado em concepções de natureza missionária transcendente que lhe atende como propósito de vida; em consonância e simultaneidade com estreitas disposições de autorreconhecimento através das suas próprias características naturais (como coisas que gosta de fazer; humor).</p> <p>Entende-se como alguém em processo de desconstrução e reconstrução, o que justifica o que relata a respeito de si mesmo, como exemplo: quando se sente um “peso” para outrem; quando sente vergonha do seu caminhar; quando não se inclui na beleza que vê</p>	<p><i>(...) Uma pessoa muito forte, que se preocupa da onde veio e pra onde vai, (...) (Choro).</i></p> <p><i>(...) A minha ancestralidade tem a ver com qual missão eu vim cumprir na Terra. (...) Então, eu vim de um propósito de vida (...).Eu sou muito mais o que nesse universo manifestado (...).</i></p> <p><i>Eu sou aquilo que eu gosto de fazer (...) Tudo o que for bem humorado, eu acho que tem muito a ver comigo, (...).</i></p> <p><i>(...) Hoje eu estou nesse processo assim de desconstrução para reconstrução.</i></p> <p><b>Sérgio:</b> <i>Você se sente um peso?</i>  <b>Cesar:</b> <i>Eu sinto que... Vem esse sentimento sim... Eu sinto, e vem esse sentimento toda vez que eu não tenho consciência e capacidade de perdão.</i></p> <p><i>(...) Já me vi sendo filmado de costas, e com vergonha de como eu estava andando, porque eu vejo a vida pelos meus olhos em primeira pessoa e me imagino como outros olhos e outros ângulos me vêem.</i></p> <p><i>(...) Que eu tomo como referência de tudo tão belo e bonito e onde eu não me encaixo nesse belo e bonito por manca?... (...).</i></p>



<p>ao redor... Tudo isso, segundo ele, estaria na oposição à consciência, gratidão e capacidade de perdão.</p> <p>Ainda nesse processo de reconstrução, procura enfatizar aquilo que dispõe em detrimento do que lhe falta. O que parece ser uma medida para manejar a sua “lacuna” de nunca se sentir pronto e também de como artifício para lidar com a sua diferença e hábito de comparação.</p> <p>Vale uma anotação do papel trazido pelo colaborador quanto a função de se conceder uma entrevista como esta, ou em outras palavras, de ser escutado por alguém: a de se conhecer mediante espelho que é o outro. Pode-se lembrar da proposição do cineasta Eduardo Coutinho ao afirmar que “ser ouvido, é ser legitimado”.</p>	<p><i>(...) Eu tenho que olhar cada vez mais para o meu corpo e agradecer pelo que eu tenho, porque o que a gente não tem, o que eu não tenho, é uma infinidade de coisas, olhar para isso é desistir da vida.</i></p> <p><i>(...) Porque eu nunca me senti pronto. A gente vem com uma lacuna imensa a ser preenchida, tenta preencher essa lacuna com alguém, e eu sempre tentei preencher com minha mãe.</i></p> <p><i>[Pai] E como eu sempre me comparei aos outros, percebendo que eu não era igual, se fosse para não ser igual, não ia ser igual a ninguém (...).</i></p> <p><i>(...) Eu sempre fiz piada.</i>  <b>Sérgio:</b> <i>E as suas piadas eram sobre o que?</i>  <b>Cesar:</b> <i>Hummm!... Sobre as diferenças das pessoas.</i></p> <p><i>(...) Então até para o lado ruim com essas pessoas, eu acho que eu sempre fui honesto, de mostrar mesmo.</i></p> <p><i>[Para o espelho] (...) Eu diria pra ela ouvir mais a intuição dela e menos os pensamentos, (...) porque sem o sofrimento não seria o que eu sou hoje.</i></p> <p><i>(...) Ninguém me conhecia até agora e nem eu, nesse momento de dar uma, essa entrevista (...).</i></p>
---	--

## Quadro 20: Dimensão da Autopercepção Interpessoal - Cesar Trevisan

C – Análise Autopercepção Interpessoal	Recortes de falas ilustrativas
<p>Nas relações interpessoais, o colaborador parece trafegar em duas</p>	<p><i>Minha ancestralidade mais próxima, com certeza é a minha avó, minha mãe, meu pai, mas eles carregam física e energeticamente né? De alma deles, é,</i></p>

conjunturas de sentidos que se dedica a questionar qual é o seu lugar no universo relacional, seja em decorrência direta da sua deficiência, seja pelo seu comportamento gerado pela busca de acomodação de significados da sua deficiência.

Em algumas inserções de sua fala, parece se construir a partir de acepções de outrem que apontam para designações missionárias metafísicas e de amor enlevado, especialmente quando se trata da sua mãe. Para ela, a mãe, o filho é sensível, inteligente, motivo de orgulho e admiração, - e não de “peso”; para o pai, o filho é detentor de uma coragem que lhe falta, ao tomar como ponto de referência tudo o que passou.

Para os amigos e namoradas, ele reporta menções ao seu comportamento brincalhão, divertido, criativo, doido, entusiasmado, - no aspecto positivo; e, manipulador e destrutivo, no aspecto negativo.

Porém, essas indicações de como as pessoas ao seu redor lhe viam, não parecem assumir para ele um lugar definitivo. Em diversas situações, há autoquestionamentos acerca de merecimento de perdão quanto as possíveis mágoas que outras pessoas poderiam cultivar contra ele; e também se as pessoas se aproximavam por piedade ou por aceitação.

*propósitos de vidas que tão unidos ao meu, então, a minha ancestralidade tem a ver com qual missão eu vim cumprir na Terra. E essa missão é um mesclado do que eles vieram cumprir e como que eu me identifico dessa mensagem que eles trouxeram. Então, eu vim de um propósito de vida, de algumas mensagens.*

**Sérgio:** *Você está trazendo o perdão. Você teria alguém ou algo a quem pedir perdão ou a perdoar?*

**Cesar:** *A todas as pessoas que eu sei que eu posso ter magoado (choro), porque se elas aceitam o perdão, elas também não vão se perdoar por ter confiado, criado um ideal de mim que eu não sou, eu não sou obrigado a cumprir pra ela, (...).*

*(...) Se o outro merece perdão... Eu mereço meu perdão? Mereço!*

*(...) Isso me fez e fez a minha mãe, bastante, ela nunca falou como um peso (...).*

*(...) [mãe] Ela sempre me viu e me disse que eu era uma pessoa muito sensível (chorando), (...). Mas, ela mesmo fala com muito orgulho de mim, com muita admiração e como que eu nunca me admirei, só continuei sendo, e os elogios sempre vieram de fora, (...). Ela sempre me chamou de inteligente, (...).*

*(...) Eu me via em alguns elogios, que as pessoas que estavam ainda perto de mim, apesar de eu dar motivos para ela não estarem perto, quando era tipo numa postura meio passiva e deixando eu do lado, eu acho que era por dó ou porque não estava conectada comigo, (...) eu me via na aceitação das pessoas, principalmente.*

*(...) Elas já me falaram... Que eu era doido. (...) Elas falavam que eu era divertido, que eu era engraçado, que eu era, que eu tinha uma imaginação extremamente fértil e, muita*

<p>Todos estes questionamentos podem indicar uma flutuação na sua autoimagem e, por continuidade, nos demais construtos de autoconceito e autoestima.</p>	<p><i>criatividade, muita imaginação, (...).</i></p> <p><i>Então, como eu sempre me incomodei sobre deficiência, tudo o que poderia incomodar alguém, pela diferença dele, eu ia lá e fazia piada.</i></p> <p><i>[Pai] (...) Então, ele diria que por eu ter toda essa coragem de falar essas coisas e de ter vivido o que eu vivi, (...). É isso, ele diria que eu sou corajoso, que eu sou forte, e que eu também trouxe tantos ensinamentos para ele, quanto para minha mãe, (...).</i></p> <p><i>Relacionamentos amigos e afetivos (...) começou aos 14 anos, nós ficamos quatro anos juntos(...) ela diria que era alguém muito alegre, muito energético, muito entusiasmado, divertido, brincalhão, honesto, tal tudo com todos. Mas, também diria que era uma pessoa manipuladora, destrutiva e que até assustava assim, beirando a uma bipolaridade mesmo, de tipo como ele pode ser o herói e o vilão ao mesmo tempo, sabe, da vida do outro. As pessoas mais recentes veriam outras virtudes que eu não explorava nessa época, tipo assim, mais generosidade do que na época que eu era bem egoísta, avarento, fechado, (...).</i></p>
---	--

### Quadro 21: Dimensão da Autopercepção Intersocial - Cesar Trevisan

D – Análise Autopercepção Intersocial	Recortes de falas ilustrativas
<p>Nesta dimensão de análise, a busca do colaborador por estudos de Filosofia à moda clássica, sugere a direção por onde o seu olhar busca compreensões acerca dos seus questionamentos de âmbito existencial e social.</p>	<p><i>(...) Porque não vem com manual a vida, enfim, então tudo isso que parece ser diferente, mas tem uma união por baixo (...).</i></p> <p><i>Um projeto para o César do futuro?</i></p>

<p>Ao sugerir que a vida não vem com manual, aponta que a vida está na experiência e no sentido oculto que une as diferenças.</p> <p>Em termos intersociais propriamente, o colaborador valoriza as expressões que falam diretamente a partir do coração (afeto), enquanto que o seu desejo para futuro, aposta na educação como medida humana para compreender os desafios que regem as diferenças humanas (como a deficiência, talvez).</p>	<p><i>Acho que a forma mais humana que ele mesmo sabe que funciona, que é a educação (...).</i></p> <p><i>(...) Eu pediria para as pessoas junto comigo falarem com o coração delas.</i></p>
---	--

**Quadro 22: Síntese das Dimensões correlacionadas aos Construtos - Cesar Trevisan**

Constructo	Dimensões (A – Biográfica; B – Intrapessoal; C – Interpessoal; D – Intersocial)
Autoimagem (AI)	Criativo, brincalhão, bem humorado, inteligente, entusiasmado, sensível, deficiente físico, diferente, corajoso. Destrutivo, manipulador, agressivo.
Autoconceito (AC)	Alguém que às vezes se sente um “peso” em decorrência da sua deficiência; às vezes alguém que está em missão para ensinar algo para quem convive com ele. Alguém que é forte e que utiliza o bom humor para lidar com as suas dores diante de uma dramática jornada de cuidados médicos e que atualmente está em processo de desconstrução e reconstrução.
Autoestima (AE)	Por vezes a autoestima apresenta-se de forma flutuante em positiva e negativa, quando considera o processo pessoal de resignificação do seu comportamento passado. Porém, a AE apresenta-se na sua forma positiva, quando são considerados os sentidos metafísicos da sua deficiência, em missão de ensino-aprendizado junto com as pessoas da sua convivência.

Nessa entrevista pode-se perceber o quanto que o tema ligado a apresentação da deficiência física como fator de diferença, apareceu como regente central das alusões à autoimagem. A questão da deficiência infiltra-se nos questionamentos de natureza existencial, justificada possivelmente pela busca do colaborador em seus estudos filosóficos com desmembramentos em concepções transcendentais. Quanto ao mote de cunho transcendente, ele parece ocupar o espaço deixado pelo esvaziamento de sentido material quanto a sua condição física congênita.

Quando o colaborador descreve o seu comportamento no passado, é possível identificar um traçado entre aquilo que lhe afetava, qual seja, - os olhos do mundo que observava a sua diferença, e aquilo para onde ele mirava a sua agressividade nos outros: a diferença que também existia neles. Assim, presume-se que a “diferença” é tomada como condição de menor valor e sujeito ao uso como ferramenta de ataques.

As dimensões de análise desmembradas acima em cada uma das narrativas dos colaboradores entrevistados se imiscuem obviamente num mesmo *continuum* de sentidos que foram provocados pelas perguntas previamente elaboradas e outras que foram acrescentadas intuitivamente na magia do encontro. Durante o processo de destaques das falas e percepções dos conteúdos que se apresentavam nas narrativas quanto aos construtos estudados, foram necessários esboços iniciais de sentidos que depois se moviam pelas várias dimensões, trafegando entre os temas e as compreensões, sofrendo exaustivas reduções e burilamentos até alcançarem a sua síntese.

O quadro abaixo se ocupa dessa mesma coordenada, agora na intenção de apresentar uma possibilidade de síntese geral daquilo que foi percebido a partir das narrativas dos colaboradores, naquilo que serve a este estudo. Porém, que fique o registro que foi usado do máximo cuidado para não empobrecer as complexidades e grandiosidades das vidas que foram expostas. E ainda, que o “encontro entre dois” permanece como dimensão absoluta, na qual o mistério dos vínculos se mantém inesgotável.

**Quadro 23: Síntese Geral das Dimensões Correlacionadas aos Constructos**

Constructo	Dimensões (A – Biográfica; B – Intrapessoal; C – Interpessoal; D – Intersocial)
Autoimagem (AI)	<p>As autodescrições trazidas pelas pessoas entrevistadas tiveram como panorama as autoimagens que referenciam características como alguém forte, guerreira, empoderada, reivindicadora, diferente, complexa. E que é ao mesmo tempo frágil, tímida, sensível, artística, comum. Em algumas situações também pode se demonstrar tóxica, má, destrutiva, impulsiva, manipuladora.</p>
Autoconceito (AC)	<p>Alguém cuja jornada histórica repleta de desafios externos e internos levou-lhe à busca de conhecimentos e ressignificações no âmbito pessoal e social, a fim de superar a sua condição de “diferença” e a garantir o seu espaço de existência e dignidade.</p> <p>Alguém que a partir das condições desafiadoras que são extraídas da sua linha do tempo, ajuntou ganhos pessoais de superação que podem ser replicados para a coletividade através de ações sociais ou de engajamentos ideológicos.</p>
Autoestima (AE)	<p>A autoestima como construto que congrega os elementos valorativos que permeiam o ser na sua experiência humana social, apresenta-se nos colaboradores de forma intercambiante de esforçadas construções em mergulhos interiores. A manutenção da AE em termos de positividade requer luta sistemática em pelegas de próprios reconhecimentos e em constantes desconstruções-reconstruções de significados.</p> <p>A autoestima se mantém equilibrada quando as dores dos colaboradores se metamorfoseiam em jornadas redentoras que ganham valor à medida que alcança atuações junto aos coletivos familiares ou sociais.</p>

As autodescrições que fornecem subsídios para compor a autoimagem (retrato) de cada participante foram apreendidas de duas maneiras distintas: de forma direta, – quando o entrevistado fez referência a si mesmo, - por exemplo, diante do espelho, foi perguntado ao colaborador quem ele vê diante dele; ou de forma indireta, - mediante referência a partir da fala de outrem, - por exemplo, nas perguntas feitas de como os amigos e familiares veem o colaborador.

Pois então, as descrições apresentadas circularam em maior ou menor medida em torno do tema central da “diferença” e tudo o que envolvia essa condição. As trajetórias de vida foram marcadas pela busca incessante de compreensões acerca dessa “diferença” que lhe constituiu como sujeito histórico em confronto com a ausência de lugar social e de pertencimento. As “diferenças” individuais apareceram de duas maneiras possíveis: de modo objetivo - através da materialidade da pobreza econômica ou da evidenciação de corporalidade anômala; ou de modo subjetivo – por meio de questões imponderáveis ligadas ao gênero, sexualidade, pertencimento, ideologia. Ambas as situações se interpenetram e aparecem em revezamentos implícitos e explícitos de diferenciação.

A recepção da “diferença” (diversidade) dos colaboradores pelos familiares, descontando o embate e estranheza inicial e apesar do desconhecimento sobre o assunto, na maioria dos relatos a afetividade foi preservada. Porém, isso não quer dizer necessariamente que houve apoio. Quanto ao meio social, em contrapartida, o tratamento se deu predominantemente através de fricções de violência, ataques, preconceitos e discriminações de toda ordem. Como reação defensiva primária ao ambiente, apareceram também os comportamentos de acobertamentos, camuflagens e forçadas adaptações, seguidas por correspondentes transtornos psíquicos na forma de embotamentos emocionais, depressão, agressividade, isolamento. A voz diz para o espelho: *o que eu sou, eu não deveria ser!*

Estas experiências cotidianas de agressão e não aceitação pelo grupo social foram capazes de deixar vívidos impactos emocionais que exigiu o desenvolvimento de expressivo senso de esforço e luta pela sobrevivência. Para fazer frente a essas situações hostis, outros mecanismos adaptativos foram evocados na forma de resiliência, resistência, superação, versatilidade, coragem, humor.

Em provável decorrência desses esforços adaptativos, as descrições com maior frequência entre os quatro entrevistados indica a prevalência de palavras que reportam o sentido de força (forte, guerreira, empoderada). Sendo que estas descrições não parece se referir a um estado de constatação natural de “ser forte”, mas sim, que “teve que se tornar forte” em decorrência das adversidades perpetradas em seus históricos de vida.

A exacerbação do “ter que se tornar forte” conduz o olhar exatamente para o seu lado oposto; ou seja, ser forte estava compensando qual identificação de fraqueza? Então, ser diferente significava ser fraco, menor, pobre, insuficiente, impotente?

O autoconceito, como constructo que atribui o significado à autoimagem, segue a mesma produção ambivalente e outros desdobramentos ganham formatos de paralelismos contrários: sou complexa – comum; sou empoderada – frágil; sou destrutiva – sensível. Em outras palavras, o que significa ser quem é perpassa por uma composição antagônica em que se luta interna e externamente para não sucumbir nas águas da invalidação. A voz diz para o espelho: *sou diferente, sou fraco – tenho que ser forte!*

Nesse embate dicotômico acodem três manobras psíquicas que se apresentam flutuantes e que ocorrem geralmente após a constatação abrupta da condição de diversidade social do colaborador.

A primeira se refere à busca de compreensões a respeito da sua própria condição. Na ausência de respostas ao seu redor e ou como estratégia de defesa em oposição às reiteradas agressões dos conceitos ofertados socialmente, o colaborador procura suprir o buraco da ignorância mergulhando em pesquisas, estudos e conhecimentos aprofundados dos temas que lhe envolve. A partir da ampliação do seu repertório pessoal se ganha desenvoltura para mudar a concepção depreciativa que lhe foi impingida e a escolher novos conceitos e outras formas de se relacionar consigo mesmo. Estabelece-se aqui o início de um intenso processo de desconstrução-reconstrução repleto de testagens, ensaios e experimentações variadas quanto às potencialidades que haviam sido bloqueadas. A voz diz para o espelho: *quem eu posso ser?*



A segunda estratégia diz respeito exatamente à mudança de posição que nasce a partir dos novos conhecimentos adquiridos. Mudando a direção do vento conceitual, mudam-se as águas do caminho. É quando se descobre que aquilo que era considerado fraqueza em outro contexto pode ser força. Por ironia, justamente por ter rompido as expectativas e preconizações é possível inventar qualquer pessoa. A voz diz para o espelho: *eu não sou o que me dizem, eu sou o que eu digo ser!*

Por fim, a terceira disposição versa sobre a expansão do movimento de reconstrução feita pelo colaborador que, ao ganhar volume cada vez mais consistente em seus estudos e experimentações, alcança abrangências além do eu-indivíduo em direção ao eu-coletivo. O que rege esse momento é a tomada de sentidos de vida ampliados que ganham corpo, por exemplo, mediante engajamentos em ativismos político-ideológicos na luta por justiça social, ou em atuações arte-educativas de conscientização, autorreferenciamentos de senso missionário-metafísicos ou de atribuições positivo-otimistas. A voz diz para o espelho: *Já não sou um, sou tantos!*

A autoestima, como marcador valorativo das autoimagens e autoconceitos, modula-se exatamente nas mesmas oscilações de validação ou invalidação ao longo das experiências. As três estratégias acima apontadas indicam também um processo de restauração da autoestima que provavelmente se estenderá por toda a vida. Entretanto, nota-se especialmente quando há referência às ações de importância coletiva é que se assumiu com integralidade o lugar de potência na sociedade. A voz diz para o espelho: *eu sou quem sou!*

A partir das proposições elencadas acima foi possível pontuar as narrativas em períodos que exponenciam determinado fulcro de acepções que obedecem a um círculo comum de desenvolvimento. Em panorama:

Período da descoberta da diversidade: momento em que a realidade impõe ao colaborador um confronto entre as expectativas do mundo sobre ele e o que ele realmente percebe que é. A experiência de descobrir a própria divergência do padrão social costuma ocorrer de modo chocante com sequelas emocionais importantes. Nos relatos das entrevistas aparecem casos de violência física grupal;

nomeações com palavras desconhecidas até então; tomadas de consciência quanto a uma situação de deficiência ou de condição econômica.

Período da reação defensiva / adaptativa: diante da situação de desconforto e violência gerada pelo impacto da descoberta, como medida de proteção, o colaborador desenvolverá psicologicamente mecanismos de camuflagens e urgentes adaptações que precárias no início, vão ganhando móveis elaborações no tempo. Nos relatos aparecem casos em que se descrevem as tentativas de corresponder às expectativas, depressão, isolamento, reações de difusa agressividade, senso de inadequação e despertencimento, dentre outras. Evidentemente, estes registros emocionais acompanharão o colaborador ao longo da sua história como

Período da busca de conhecimento / autoconhecimento: nessa fase, que também pode ser considerada como estratégia criada para lidar com a situação da diversidade, o colaborador fica diante de um vazio de respostas ou precárias definições que lhe são ofertadas em fragmentos pelas pessoas da sua convivência. Então ele se depara com um desconhecido no espelho. Para alguns, os livros serão recursos de possíveis respostas. Nas entrevistas apareceram relatos em que o colaborador, mesmo em tenra idade, servia como consultor de temas relacionados à sexualidade e ao comportamento humano.

Período de desconstrução-reconstrução: passado os primeiros ímpetus adaptativos fase em que começa a existir escolhas através de experimentações, busca por experiências novas e transgressões. Nas entrevistas aparecem relatos desse momento em que o colaborador vai testando roupas, visitando lugares e participando de grupos afins.

Período do “autoparto”: quando as experimentações encontram um ponto de profunda identificação interna que tal força se exterioriza de modo sólido em seus comportamentos e forma de pensar aberta aos demais. Quando a diferença deixa de ser esquivada e passa a ser assumida. Nas entrevistas aparecem relatos em que as palavras que eram utilizadas antes como violência, foram “assumidas” e reivindicadas pelos entrevistados como parte da sua nova composição de pessoa.

Período de engajamentos ideológicos / ativismo social: esta fase provavelmente surge quando todas as anteriores encontraram mais ou menos certo

apaziguamento interno. A função redentora parece colimar a jornada heróica. As ações de amplitude social evidenciam a própria suplantação das dores e coloca em utilidade para outras pessoas que foram vitimizadas pelo mesmo processo de exclusão. O seu trabalho ganha importância, a sua presença é valorosa e serve a todos.

Os assim chamados períodos relacionados nessa construção, embora possam ganhar aspectos de linearidade cronológica, podem ser entendidos mais apropriadamente como núcleos de desenvolvimento com radiações circulantes no tempo da experiência, em maior ou menor intensidade.

Destaque-se aqui o relevante papel executado pelos grupos sociais, rodas de amizades e afins que, além de ajudarem nesse processo de reorganização psicológica, trazem apoio, vínculo afetivo e senso de pertencimento.

Outro fator subjacente observado no contato com os colaboradores e que foi expresso literalmente por eles, foi da importância do espaço de escuta provocado naturalmente por um processo de entrevista. O que corrobora as palavras de Coutinho ao afirmar que “ser escutado, é ser legitimado”.

A percepção generalista extraída das narrativas, é que em todos os casos analisados o espaço de validação humana da diferença e da dignidade social não estava disponível para receber e atender seus cidadãos em suas especificidades. O caminho foi construído pelos protagonistas usando de mecanismos intrapsíquicos de sobrevivência, adaptação e reestruturação.

De modo geral, tomando como partida os conteúdos expressos nos encontros com os colaboradores, se evidencia que o fator da diversidade presente direta ou indiretamente nas narrativas, influencia significativamente na constituição da autoimagem, autoconceito e autoestima.

## ESPELHO 7: REFLEXÕES FINAIS

*“Em qual espelho  
ficou perdida a minha face?”  
Cecília Meireles*

As teorias, abordagens e construções de pensamentos acadêmicos convidados a se apresentarem neste trabalho; as transcrições das entrevistas, sua contextualização e percepções adjuntas; as análises realizadas sobre as falas e suas ambiências; o minidocumentário, os cortes das cenas e sua recostura, formam esforços e estratégias metodológicas para assegurar uma fresta por onde se vislumbrou os colaboradores em suas próprias acepções de vida. Tais empenhos, formatados em pálidos reflexos nos olhos deste observador na intersecção com os olhos dos entrevistados, foram e talvez sejam sempre insuficientes para exaurir a vastidão sideral das íntimas complexidades das consciências humanas a mover-se no tecido da experiência da vida. E este trabalho jamais teve esta pretensão.

A partir do que se depreende deste estudo quanto aos constructos e suas intersecções no panorama da diversidade social no Brasil, objeto desta investigação, resulta-se em evidentes convocatórias a mergulhos ainda mais amplos e profundos pelas searas temáticas aqui desenhadas.

Tendo como ponto de ignição o trabalho atual, poderíamos pensar no desenrolar futuro de pesquisa que proponha técnica terapêutica que possa contribuir para a resignificação positiva da tríade dos constructos da autoimagem, autoconceito e autoestima? Talvez a criação de instrumento de captura desses construtos para fins de intervenção terapêutica. Quem sabe ainda, aprofundar a investigação desses temas mediante o acompanhamento de grupo terapêutico ao longo do tempo, com testagens de intervenções psicoterapêuticas.

O estudo acerca das autoimagens (palavras, pensamentos, concepções) como repertório descritivo das diferenças sociais e culturais de uma sociedade e suas respectivas correspondências com o autoconceito e autoestima, corroboram a necessidade de reflexões quanto às escolhas das palavras de uso acadêmico ou no âmbito cotidiano das interpessoalidades. Ratifica a importância de exibir

consequências das ideologias embutidas dentro das expressões criadas por um sistema ideológico calcado na opressão, colonização e exclusão.

Os constructos da autoimagem – autoconceito – autoestima obedecem a mesma unidade constitucional com dinâmica indissociável de influência e simultaneamente trimodal. Portanto, a sua apresentação tripartida está como referência didática de compreensão. Por exemplo, quando se descreve algo ou alguém, ao mesmo tempo há um conceito implícito na palavra descritora (falada ou pensada) e também um valor atribuído. O caminhar contrário também é válido: ao atribuir um valor está ali presente um conceito e uma imagem refratada.

Então, em termos de necessidade de quebra da lógica estabelecida da unidade dos constructos, para fins de desenvolvimento social ou terapêutico individual, cabe questionar: em qual dos três é passível a intervenção e de qual modo isso poderia acontecer?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHTERBERG, J. **A imaginação na cura: xamanismo e medicina moderna**. 1. Ed. São Paulo: Summus, 1996.

ALBERT, V. Histórias dentro da História. *In*: Pinsky C. B (org). **Fontes Históricas**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BALLESTRIN, L. **América Latina e o giro decolonial**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). **Pesquisa Sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar**. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade\\_apresentacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf), 2009.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012>, 2021.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, S. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. Coleção: Consciência em Debate – Coordenação Vera Lúcia Benedito. São Paulo: edições Selo Negro, 2011.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades**. Coleção: leitura, escrita e oralidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: Minayo MCS. (Org.); Cruz Neto O, Deslandes SF, Gomes R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Ed. 23. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; 2004.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

FANON, F. **Racismo e Cultura**. I.º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris. Publicado no número especial de *Présence Africaine* - Revista Convergência Crítica Dossiê: Questão ambiental na atualidade n. 3, 2018.

FOCAULT, M. **A história da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In S. Freud: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Trad. J. Salomão). Vol. 14. (Trabalho original publicado em 1914). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996.

GASPAR, L. **Medicina popular**. *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. 2009.

GOUVEIA, V. V.; SINGELIS, T. M.; COELHO, J. A. P. M. **Escala de Auto-Imagem: comprovação da sua estrutura fatorial**. *Revista Avaliação Psicológica*. v.1 n.1. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712002000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000100006). Campinas, São Paulo. 2002.

GOÑI, E.; FERNÁNDEZ, A. **El autoconcepto**. *In: Grandmontagne, A. G. (Coord.)*. El autoconcepto físico. Madrid: Ediciones Pirámide, 2009.

GOÑI, E.; FERNÁNDEZ, INFANTE A. G. **El autoconcepto personal: diferencias asociadas a la edad y al sexo** 2012, *Aula Abierta* Vol. 40, núm. 1, pp. 39-50. Universidad de Oviedo, 2012.

GONZÁLEZ, L. A Cidadania e a Questão Étnica. *In: TEIXEIRA, J. G. L. (org.)*. **A Construção da Cidadania**. Brasília: UNB, 1986.

GONZÁLEZ, L. **Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa**. *Diáspora Africana*: Editora Filhas da África, 2018.

HARAWAY, D. J. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. 2003.

JESUS, C. M. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

KRENAK, A. **O Sonho da Pedra**. [documentário]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xm7geCZDxwM&t=535s>, 2017.

KRENAK, A. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. 1ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras. 2019.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LACAN, J. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. *In* Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

LE BRETON, D. **A Antropologia do Corpo e Modernidade**. Trad. Fabio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.

LEENHARDT, M. D. **La persona y el mito en el mundo melanesio**. Paidós, Barcelona, [1947].1997.

LEITE, G. **Filha, Mãe, Avó e Puta**: a história de uma mulher que resolveu ser prostituta, São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

LEVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. Editorial Presença. Lisboa. 1973.

LIMA, M. E. O; PEREIRA, M. E (orgs). **Estereótipos, Preconceitos e Discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Revisão de texto dos autores. Capa e Editoração Joe Lopes. Salvador: EDUFBA, 2004.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social**: Uma Introdução à Teoria Ator-Rede. Edufba, 2012.

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

LAW, J. **After Method: Mess in Social Science Research**. New York: Routledge, 2004.

LEITE, G. **Filha, Mãe, Avó e Puta**: a história de uma mulher que resolveu ser prostituta. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

MAKUDA, Adriano Boro. **Questão Indígena, Quilombolas e Racial** [anotações de aula]. Data: 05/10/21 – Aula 5 da Disciplina Corpo ou Corpos? Tempo, Experiências e Intervenções – FFLCH/USP. São Paulo, 2021.

MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. **Culture and the self**: implications for cognition, emotion and motivation. *Psychological Review*, 98, 224-253. 1991.

MASLOW, A. H. **La Amplitud Potencial de La Naturaleza Humana**. 2. Ed. México: Trilhas; 1990.

MASLOW, A. H. **La Personalidad Creadora**. 5. Ed. Barcelona: Kairós; 1994.

MASLOW, A. H. **Motivation and Personality**. Nova York: Harper e Row, 1954.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDES, A. R. et al. **Autoimagem, Autoestima e Autoconceito**: contribuições pessoais e profissionais na docência. Artigo apresentado no IX ANPED – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Rio G. Sul: PUCRS, 2012.



MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2022.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 2. Ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

MOSQUERA, J. J. M. Et al. **Universidade**: Auto-imagem, Auto-estima e Auto-realização. UNIRRevista Vol 1, Nº 2 abril/2006.

MOSQUERA, J. M. J e STOBÄUS, D. C. **Auto-imagem, auto-estima e autorrealização**: qualidade de vida na universidade. *Revista Psicologia, saúde & doenças*, 2006, 7 (1), 83-88. Recuperado de: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862006000100006&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862006000100006&lng=pt&tlng=pt). 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2014.

PRECIADO, P. B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Edições N-1, 2018.

RIBEIRO, D. **O que é Lugar de Fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROGERS, C. R. **Terapia Centrada no Cliente** (Tradução de M. C. Ferreira.). São Paulo: Martins Fontes, 1975.

SBICIGO, J. B., BANDEIRA, D. R.; DELL'AGLIO, D. D. **Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)**: validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, p. 395-403, set./dez. 2010.

SEEGER, A; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Boletim do Museu Nacional, nº 32, maio de 1979.

SILVA, M. F. **Visão Integrativa e Medicina Popular**: Possíveis interlocuções entre a prática dos curandeiros e as abordagens integrativas. (Monografia para obtenção do título de Especialista). São Paulo, UNIFESP. 2012.

SINGELIS, T. M. **The measurement of independent and interdependent self-construals**: Personality and Social Psychology. Buletin, 20, 580-591. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0146167294205014>. 1994.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Organização das Nações Unidas. Paris, França: 2002.

WERÁ, K. **A Filosofia das Matas**. Palestra TED (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A8Bmm6FZnsA>). São Paulo, 2011.

WORKMAN, K. **Projeto Tecnologias Memória Social**: apresentação oral dos grupos de trabalho. Disciplina: Tecnologias Sociais da Memória e Saberes Compartilhados [anotações de aula no dia 07/12/2022]. São Paulo: USP, 2022.

ZACHARIAS, J. **Bem-estar docente**: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

## APÊNDICE 1

### CARTA CONVITE

Meu nome é Sérgio Felix, sou discente do programa de Pós-Graduação em nível de mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles no Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas), da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Estou desenvolvendo uma pesquisa, cujo tema central envolve o debate sobre os principais aspectos que contribuem para a constituição da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima nas populações que compõem o espectro da diversidade social e cultural no Brasil.

Portanto, nesta carta está a intenção de convidá-lx a conceder gentilmente uma entrevista na forma de perguntas e respostas sobre temas relacionados a sua trajetória de vida e formas de relação com os conteúdos da sua história.

Adianto que a transcrição literal da entrevista será parte integrante da redação na referida pesquisa, ficará disponibilizada nos arquivos oficiais da universidade e que o seu conteúdo audiovisual no formato minidocumentário será exibido publicamente para fins educativos sociais nas plataformas de vídeo da internet.

Reforço que durante as entrevistas, o entrevistado terá a plena liberdade de deixar de responder as questões que lhe são desconfortáveis ou recusá-las a qualquer tempo.

Esperamos poder contar com sua honrosa participação nesta pesquisa.

Agradeço desde já.

Sérgio Felix

## APÊNDICE 2

### ROTEIRO DE PERGUNTAS

01 - Pergunta: “Quando você olha para esta pessoa no espelho, quem você vê?”.

02 - Pergunta: “Que história esta pessoa do espelho tem para contar? Como você descreveria a sua história?”.

03 - Pergunta: “Como você é vista pela sua família de origem (pai, mãe, irmãos)?”.

04 – Pergunta: “Como você é vista pelos seus amigos e colegas de trabalho / estudo?”.

05 – Pergunta: “Como você é vista pelo/a parceiro/a afetivo (namoro, casamento, união estável)?”.

06 – Pergunta: “O que você diria para esta pessoa do espelho do tempo passado e do tempo futuro?”.

07 – Pergunta: “O que você diria para esta pessoa do espelho?”.

08 – Pergunta: “Se você pudesse fazer três pedidos para esta pessoa do espelho, quais seriam?”.

09 – Pergunta: “Complete a frase: espelho, espelho meu...”.

10 – Pergunta: “Tem algo mais que você gostaria de falar, além do que você já falou?”.

## APÊNDICE 3

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ E CESSÃO DE DIREITOS

ACEITO conceder uma entrevista na forma de perguntas e respostas sobre temas relacionados a minha trajetória de vida, com o propósito de servir como objeto de estudos da Autoimagem, Autoconceito e Autoestima em populações da diversidade social no Brasil. Estou ciente que tal pesquisa está em desenvolvimento em nível de Mestrado pelo discente Manosergio Felix da Silva, sob orientação do Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles no Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas), da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

AUTORIZO a publicação da transcrição literal da minha entrevista como parte integrante da redação na referida pesquisa e que o seu conteúdo audiovisual no formato minidocumentário seja exibido publicamente nas plataformas de vídeo da internet, para fins educativos deste projeto.

DECLARO que recebi informação pelo aluno-pesquisador que durante a entrevista tenho a liberdade de deixar de responder as questões que não me são confortáveis, assim como posso recusar responder a qualquer tempo, interromper minha participação, temporária ou indefinidamente, caso não me sinta à vontade para partilhar mais informações, sem qualquer penalização.

São Paulo, de de 2023.

---

**Assinatura do entrevistado**

Nome completo do entrevistado:

---

Telefone do entrevistado:

---

---

**Manosergio Felix da Silva - Pesquisador**

## ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO: JOSINA MARIA

**Josina:** Me chamo Josina Maria de Jesus Bezerra. Eu tenho 54 anos. Eu sou casada, tenho três filhos.

**Sergio:** Então assim, vamos, e vou pedir que a gente faça uma espécie de meditação, para a gente chegar aqui com calma, só para a gente ter mais concentração e presença. Eu vou pedir só que você feche os olhos, eu vou fechar também. E eu vou. Vou pedir para que você imagine que diante desse espelho, está passando o filme da sua vida.

**Josina:** Aí não começa, senão vou chorar.

**Sergio:** Não tem importância, deixa vir toda sua história, desde criança, sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua infância. É um filme muito rápido, você nem está vendo direito as imagens, só mantendo o contato com a história da Josina. Olhando a Josina aqui na frente, de onde ela veio, por onde ela passou, suas tristezas, suas alegrias, suas conquistas.

**Josina:** Eu posso falar?

**Sergio:** Só um pouquinho... Que eu vou pedir, eu vou passar para você daqui a pouco, tá? Nesse momento peço que você sinta essas imagens. Só que você sinta. Receba todas elas, todas as Josinas de toda sua vida. Os lugares que você conheceu. As pessoas com as quais você já se relacionou, por onde você trabalhou, seus filhos, se tiver, sua a família de origem, sua família atual. Muito bem e aos poucos a gente pode abrindo os olhos.

**Sergio:** Hummm!!! Muito prazer, Josina, muito obrigado por você estar aqui.

**Josina:** Eu que agradeço.

**Sergio:** Quando você olha aqui no espelho. E olha para essa pessoa que você é. Quem você vê. Quem está diante do espelho.

**Josina:** Mulher guerreira, Forte. Bonita. Com autoestima que ninguém consegue colocar abaixo. Porque eu não me importo com as opinião das pessoas. Quando eu decido fazer alguma coisa. Eu faço por mim mesmo. Se eu sei que vai dar errado, eu não faço. Se vai dar certo eu tento. Sou uma mãe de três filhos maravilhosos. E eu não achava que eu era uma mãe, aquela mãe em que as pessoas falam “Olha que mãe!” Só que ao longo da minha vida com os meus filhos, eu ouvi coisas que não tem explicação: eu poder ouvir dos meus filhos que não existe mãe melhor do que eu, que eu sou um exemplo para eles, que eu não achava que eu era, porque por outros motivos que se eu puder ter a oportunidade de falar, eu falo, e que eu ensinei para eles valores familiares que hoje em dia, no momento que a gente está vivendo esse ano de 2023, a gente não vê mais valores familiares. De um filho pediu

uma benção da mãe, que lá na minha casa é assim, os meus netos são assim, tem toda uma liberdade, mas com respeito. Então a gente brinca, a gente fala besteira. Só que com respeito. Então, isso para mim é muito importante. E eu estou passando por um momento muito difícil, porque o meu esposo, ele teve um AVC, fazem três anos, fez três anos. E assim ele está afastado da empresa, então só eu trabalho então eu trabalho direto para manter um padrão de vida que a gente tinha antes de não ter que faltar as coisas na minha casa, por conta que ele não está trabalhando. Então, por isso, quando eu me olho no espelho que eu falo que eu sou uma mulher forte, uma guerreira, porque eu sou, não é as pessoas que estão falando, eu estou falando por mim. Quando as pessoas perguntam “Nossa, você é forte, né? Mas, não um forte assim “Poxa, como você é forte”! É só uma qualidade, talvez para me sentir bem pela situação que eu estou passando. É igual quando as pessoas falam assim, “você se acha bonita”? – “Não, eu não me acho. Eu sou bonita”. Porque quem acha é quem está falando ou te acha bonita, não. Eu não acho isso. Então, se eu não afirmar pra mim, o que eu sou, então não vai valer a pena aquilo que eu estou falando. Então é assim que eu penso. E eu pedi um genro, também na COVID, que a minha filha ficou muito mal, por isso que foi bem no começo, ele foi ficando ruim. E terminou que veio a óbito, então isso me abalou muito emocionalmente. Depois eu perdi uma cunhada também, que é aquela cunhada que não tem palavras para explicar o quanto a pessoa é boa. Então, isso tudo foi minha, batendo já com a esposo já doente, e tudo isso eu aguentei. Então, quando eu falo que eu sou uma mulher guerreira, então é porque eu sou.

E assim, a gente fica abalado por motivo que a perda ela deixa a gente desestabilizado emocionalmente, porque a gente chora muito pela aquela pessoa, pela falta que ela faz, pelo sorriso que ela compartilhou com a gente, mas tudo isso ainda eu consigo esboçar um sorriso que vem de dentro. Então, quando me olho no espelho, isso para mim é muito bom. Tem vez que eu choro. Eu assim... Está chorando por quê? Tem algum motivo para chorar? Não, porque o seu esposo está vivo, seus filhos têm saúde, seus netos também, você é perfeita, não te falta nada de membro no seu corpo. Está chorando por quê? Ahhh, só porque seu esposo está doente? Então ergue a cabeça e bola pra frente. É assim que eu sou, essa é a Josina e eu tive uma infância assim, acho que uma infância perfeita, eu posso dizer, porque eu venho de uma família pobre, né?

**Sergio:** Aqui de São Paulo mesmo?

**Josina:** Não, sou da Bahia, sou de Ilhéus, Itabuna pra lá, aqueles lados. E quando a gente é uma criança feliz, a gente se torna um adulto feliz também. Então, uma criança que eu brinquei de carrinho de rolimã, eu catava fruta estragada embaixo das barraca da Feira. Eu tomava banho de chuva com os meus amigos. Eu brincava de pega-pega, eu brincava de bola, de esconde-esconde. Então, quando eu tive as meus filhos, isso tudo me refletiu a eles. Então eu gostei que eles fizesse a mesma coisa, gostasse que ele fizesse a mesma coisa. E eles foi crescendo nessa pegada de que a infância não é uma coisa só que o pai dá um castigo para o filho, né? Que

tem pais que maltrata, bate, até humilha. Então eu fui crescendo, eles foram crescendo, fui ensinando isso. Com muita educação, com respeito. Então se brigassem iam ficar falando eu te amo até, até se abraçar para poder não brigarem, porque eu não queria que meus filhos crescessem e ficasse aqueles irmão que fica 20 anos sem se falar porque não tem raiva do outro, porque eu gosto da minha família unida.

Então, hoje a minha filha ela é casada, no caso as duas mais velha, né? Elas vão uma na casa das outras. Elas dormem uma na casa das outras. Os meus netos brincam, eles não são aquelas crianças que brigam por qualquer coisa. O meu filho também vai para lá, dorme na casa delas. Então, quando tem um aniversário ou uma festa qui está todo mundo reunido, sem ninguém falar assim. “Aí eu não vou na casa da minha mãe porque eu briguei com meu irmão, tá cinco anos sem se falar”. Então, isso pra mim é muito importante. Então, eu acho que eu consegui educar os meus filhos bem, numa situação de classe C, vamos dizer assim. Eu acho que é isso.

**Sergio:** Você veio para aqui, para São Paulo, você tinha quantos anos?

**Josina:** Três anos.

**Sergio:** Três anos? Então você enfim, chegou muito novinha...

**Josina:** Bem pequena, por conta de que os meus irmãos já estavam aqui, então eles queria dar uma melhor vida para a minha mãe. Então, eles falaram “não mãe então vamos pra São Paulo que lá é melhor de se viver que aqui”. E foi assim que foi. E aí a primeira casa que a gente morou foi no Diadema. E depois a gente morou no Jardim Miriam e depois a gente foi para o Embu das Artes. E depois ficou um irmão meu no Jardim Miriam, e eu ia todo final de semana para a casa dele, porque o irmão que também já foi, Deus já levou, e era aquele irmão que as pessoas achavam que era a namorada dele de tão..., e foi no Jardim Miriam que eu conheci meu esposo, o Edson, o amor da minha vida, que foi o primeiro e único. E com ele a gente teve os nossos três filhos que a Michelle de 34, a Larissa de 30, e o Gustavo de 24 anos. E foi com ele que a gente construiu essa família. E ele é um cara que sempre foi muito guerreiro, sempre trabalhou que a profissão dele é garçom e ele sempre quis dar o melhor para a gente e com o salário dele, ele conseguiu. E depois que ele ficou doente e teve esse AVC, dia 1 de janeiro, 2020, no ano novo, é aí a coisa mudou em relação a assim ao comportamento dele, porque hoje em dia ele tem crises de ansiedade por conta que não é a mesma coisa, né? Quando a gente esta bem a gente é 100% e, quando fica doente já é 99, então o 1% já tem aquela... faz falta. E com isso ele fica muito mal e eu tento mostrar para ele que não é assim. Então ele chora muito, ele fica desesperado por qualquer situação. A gente mudou recentemente, então é uma mudança para ele, ele não aguenta porque ele se desespera, porque ele acha que não vai dar certo e eu não acho nada disso, eu acho que, eu não sei se é um conceito meu, eu posso estar errada, mas, eu não



consigo me abalar com as coisas. Igual, ele ficou doente, aí a minha filha foi assim, “nossa mãe e agora?” Eu falei “e agora o que? “não e agora o meu pai está doente”. Eu disse “Eu estou trabalhando, não se preocupa”. Então, se a gente trabalha agente sempre consegue o que a gente quer”. É isso.

**Sérgio:** Quando você olha para a sociedade, você estava falando a respeito do seu marido, que está desempregado agora por conta de toda questão de doença. Quando você olha assim para a vida e vê pessoas que têm muito mais dinheiro que você ou que têm outras condições que no fim, como você se sente com relação às outras pessoas que estão, algumas nem tem mais condições econômicas, e as vezes sociais e educacionais, e também aquelas pessoas que estão, que têm menos.

**Josina:** Óhh Dr. Sérgio! O dinheiro é tudo na vida. Porque as pessoas falam assim, Deus é tudo. Mas isso aí a gente já sabe, então Deus não está em segundo plano ele está em primeiro sempre, porque o dinheiro é tudo, porque com dinheiro a gente não faz nada e sem faz muita coisa. E ao contrário, também, tem gente que tem muito dinheiro, tem tanto que não sabe nem o que fazer, e quem tem pouco e sabe exatamente o que vai fazer, porque está ali contando aquilo. E as pessoas têm muito e não ajudam o que as pessoas têm porque ajuda. Então é uma coisa reversa. Parece que vai para trás, né? E eu acho que é por isso que ela tem muito dinheiro, um dinheiro assim. Ela pode ser feliz no momento só, até ela ter saúde, porque ela se torna igual a um pobre miserável, um mendigo que não aquele dinheiro não vai comprar saúde, não vai servir para nada. Então, quando eu penso nisso, isso me deixa feliz, porque aí é uma coisa que está de igual para igual. O que conta só o dinheiro só proporciona aquele momento. Então, igual a um pobre, tá com câncer, tem cura. O rico está com câncer, também tem, quem que vai viver mais?. Então a estimativa de vida não tem uma conta. Então aquele dinheiro não vai servir para nada, porque se não tiver cura, então o pobre morre, o rico morre e não sabe se depois, se é gordo, se é branco, ser negro, tem cabelos lisos, tem cabelo crespo, né? Se tinha uma doença contagiosa ou não. Então eu acho que quando eu, estou falando de mim, a minha pessoa, quando eu penso nisso, eu não sei para quê tanto dinheiro é igual eu, então é assim que eu penso, é dessa forma, sem demagogia nenhuma. É isso.

**Sérgio:** Quando você pensa na sua infância, na educação dos seus pais, em tudo o que eles passaram para você? E imagine que a sua mãe ou o seu pai, você falou que não conheceu seu pai...

**Josina:** Não. Eu sou filha de mãe solteira.

**Sérgio:** Mãe solteira, ok? Então vamos ficar com a sua mãe? Que tias e os adultos que tinha ali, as pessoas? Como o que a sua mãe, por exemplo, falaria a seu respeito para melhor amiga dela? Como ela descreveria a Josina?

**Josina:** Ela tinha uma frase que ela sempre falou Eu sempre carrego toda a minha vida: “Se a Josina não fizer ninguém faz”, porque tem coisas e coisas, assim mais banais do dia a dia, desde pregar um prego na parede e até sei lá, ir pro topo do Everest assim. Então eu sou uma pessoa que eu não consigo ficar pedindo as coisas assim ou me fala aquela coisa, então vamos supor, para vir pra cá hoje a Nataly falou Você desce na Santa Cruz ou na Vila Mariana e vai. Então ela fala quando a gente sabe ler, então tudo fica mais fácil, você precisa perguntar. Aí eu vim. Eu vim no sentido Santa Cruz. Na hora que olhei para cima, a placa já estava lá, mostrando que é aquela rua que eu tinha que entrar. Então, quando a minha mãe falava isso que eu era assim, se eu não fizer ninguém faz. Porque assim, enquanto eu não fizer aquilo e ver que está feito, eu não desisto. É uma coisa que não existe para mim. Assim, se o espelho está torto e está me incomodando, ele vai ter que ficar alinhado de qualquer jeito, nem que coloque dois paus do lado, mas ele vai ter que ficar alinhado. Então é assim. E minha mãe também falava muito assim, que eu não tinha medo de nada e que eu era o tipo de pessoa que eu poderia morrer dando risada, porque eu gosto de desafiar as pessoas. E uma vez quase que acontece isso, por quê? Porque uma pessoa, um bandido foi me assaltar. E aí, na hora que eu percebi que ele ia pegar minha bolsa, eu virei para trás e falei, se você pega vou te dá um soco! Ai ele tirou um estilete. Não sei o que ele tinha na mão, se não tinha, bem ali na Praça Floriano Peixoto, no Santo Amaro, e aí na hora que ele foi tentar de novo pegar a bolsa, aí eu virei já com a mão fechada pra dar um soco nele (risos). Aí eu dou risada, porque assim foi muito engraçado. Depois eu fiquei nervosa, fiquei tremendo. Tive que pedir auxílio para os guarda lá de rua, e o cara falou assim pra mim “você é muito folgada” e falei assim, não folgada é você, que você não faz nada. Falei um palavrão e você tá querendo me assaltar uma pessoa que trabalha o dia inteiro. Então você que é folgada, aí eu ou você. Ele ainda me deu uns dois chutes, me deu uns empurrão? Então a minha mãe falava que eu tinha que tomar cuidado, porque eu sou meio impulsiva assim. Então, isso pode ser bom e pode prejudicar. E é isso. E eu acho que ela falaria que era uma pessoa destemida. E. Porque eu não tenho medo assim. Eu tenho medo, tenho medo de barata... Tenho Mesmo. Se tiver uma, e já fui quase atropelada por causa de uma saindo de um bueiro. Uma noite de verão. Acho que isso me põe medo, e é assim. Então acho que ela despreveria isso. E a minha mãe, ela nunca falou um “Eu te amo”, assim que as pessoas antigas não falava eu te amo para os filhos, né? Mas ela demonstrava o amor dela assim, defendendo a gente. No caso da minha irmã, que foram as últimas a ficar com ela, e isso é muito bom. Quando eu lembro disso assim, que ela falava “com os meus filhos, ninguém mexe” senão eu viro um bicho. Então, isso eu acho que é uma forma de amor, até maior de falar que eu te amo, que eu te amo, é só uma palavra. Agora demonstra o amor que é difícil. Isso é difícil de mostrar. Quando você ama uma pessoa, porque acho que o amor vai além das palavras, vai mostrar um comportamento, uma atitude, éhh... um gesto, né? Acho que um eu te amo está relacionada mais à atitude do que à fala. Porque fala, a gente fala qualquer coisa, né? Então eu acho que seria dessa forma.

**Sergio:** E seus irmãos. Você é mais nova?

**Josina:** Sou a mais nova de 15 filhos.

**Sergio:** 15, e seus irmãos o que é que eles fariam a seu respeito?

**Josina:** Olha, meus irmãos seria assim uma incógnita, porque eles vêm de uma família nordestina, muito ignorante, onde o irmão não podia abraçar a irmã porque podia ser uma falta de respeito. Não podia pegar no colo porque podia acontecer alguma coisa que viesse a abalar toda uma família. Então, eu cresci junto com eles, mas distante, na maneira de comportamento de afeto, mas eles também demonstravam muito amor assim por mim, é um carinho, eu lembro quando eu tinha uns cinco, seis anos, eles chegava do serviço e trazia a bala e falava que era para mim e todo mundo sentava na mesa pra comer, porque a minha mãe sempre gostou de reunir. E eu acho que eu não sei o que eles fariam não. Assim, é uma coisa que se assim tem um ou outro é igual ao meu irmão Davi, ele é o novo, não, ele é o do meio dos irmão que eu cresci junto, que no total foram só seis. O restante alguns morreram e tem dois que está vivo, que eu não conheço. Acho que ele falaria que eu sou uma pessoa boa, uma pessoa alegre, que gosta de beber cerveja, que ele nunca viu chorando, só quando a nossa mãe faleceu. Eu acho que era isso que ele falaria. Ou o Antônio que se estivesse vivo, falaria que eu era uma festeira, porque ele me levava para o samba, que ele gostava muito de samba. Então ele me levava. Então acho que ele falaria isso. E o José, que é o mais velho, o Zé, não sei que ele era muito calado, muito fechado. Então eu não saberia o que ele falaria sobre a minha pessoa. É isso.

**Sergio:** Bom, já falamos da sua mãe, seus irmãos e o seu marido o que é que ele falaria para o melhor amigo dele sobre Josina?

**Josina:** “Minha esposa é uma puta duma morenona”, falaria isso porque ele vive falando que sou muito bonita. O Edson, ele falaria que eu era uma guerreira também. Talvez assim agora, no momento que ele está, doente, ele choraria, porque ele fica emotivo muito rápido, ele se emociona muito rápido por conta da ansiedade que ele tem. Mas se fosse antes da doença, ele falaria com firmeza e engolindo o choro de emoção, de falar que eu sempre estive do lado dele pra tudo assim. É, e eu nunca questionei as amizades dele mulher, né? As pessoas falam que “você não tem medo, que seu marido é tão bonitão e tenho amiga mulher”. Eu sei. Mas como que uma pessoa vai ter um relacionamento preso? Porque o casamento para mim é uma liberdade, a liberdade de expressão, né? Então, quando a gente é jovem, a gente tem amigos e depois que casa não pode ter amigos. Por quê? Porque o amigo do marido vai falar que você é bonita, que a nossa só mulher é bonita. Mas daí eu me elogio. Eu acho que o marido deveria ficar feliz de ouvir isso, porque às vezes nem mesmo ele nota. Então, para mim, casamento é uma liberdade, porque eu tenho uma amigas que são casadas e eu fico olhando a maneira que trata os maridos, assim como se fosse um preso. Não pode ter amiga, não pode ter um

contato no celular de mulher, não pode falar com a vizinha, que usa um short curto com decote porque já acha que o marido vai trair. E, na verdade não é isso a pessoa ela se sente assim porque ela se sente inferior. Porque é igual o que eu sou uma mulher forte e que eu sou uma guerreira, eu não vou me abater porque é uma mulher ta mais sensual ou está com decote, que é uma coisa que eu não usaria. E meu marido não pode falar com ela porque está olhando. Mas ele vai olhar, mas eu também vou olhar. Então todos olham na verdade, não é só ele que vai olhar. Porque se eu chegar perto de uma mulher bonita para conversar, ela tiver com decote, a primeira coisa que a gente vai bater é o olho. Então, porque só os homens olham? O meu marido olhou para o decote e nós não olha, olha, a gente também olha. Então isso nunca me abalou assim o meu casamento, então eu conheci ele tinha 16 anos, ele tinha 17. Com 20 anos, eu tive a minha filha Michele e com 23 eu casei com ele porque minha mãe não gostava dele e não queria assinar porque eu era de menor, então esperei ficar de maior para casar e nós estamos juntos até hoje. Na verdade, são 28 anos que eu estou com ele casada, mas de 16 anos, que foi quando eu o conheci com 16 e fiquei com ele até hoje. Então a gente construiu um casamento de parceria, de amizade, de respeito, de confiança, onde eu posso ter os meus amigos desde a época da escola e ele pôde ter as amigas dele, que ele sempre conheceu na infância. E a gente nunca teve atrito, porque uma amiga chegou em casa falou assim o Edson é bonitão, ele já ficou uma vez com a minha amiga, mas quando uma vez, uma vez antes de me conhecer e se for depois e também eu não sei, também isso não me abala, porque uma coisa que aconteceu depois eu não sei então, para mim é como se não tivesse acontecido. Então esse tipo de situação o casamento comportado de casamento, de casais, que às vezes os casamentos terminam porque a mulher pode fazer tudo e o marido não. Porque ela não deixa. Igual Tem as piadas de que não pode jogar uma bola com os amigos, beber uma cerveja depois. Por quê? É isso que eu me pergunto dos casamentos que eu conheço de amigas, porque o cara trabalha e chega em casa, né? E porque de final de semana não pode se divertir com os amigos que no caso do futebol só o homem. Porque tem que chegar em casa as cinco, aí quando ele chega em casa as cinco, a mulher está assistindo televisão, talvez nem está arrumada, grita com os filhos, que é isso que eu vejo e aí o marido chega. Ficou olhando e pensando: "Devia ter ficado no jogo". Então são essas coisas. O meu casamento é um casamento assim. Não é perfeito porque não existe essa perfeição. Mas eu acho que eu conheci um parceiro supimpa e agora assim, que ele está nessa situação, que eu tenho que aguentar por ele e por mim. E para ele não se abalar, para eu não me ver abalada também. Então eu todo dia eu chego em casa e pergunto, como que você está? Como que você ficou, seu dia? Como foi seu dia? Então ele começa a chorar porque ele não aguenta aquela situação. Eu quero chorar com ele, mas eu não posso, porque se eu chorar com ele, ele vai falar assim, "nossa e agora", porque o agora dele, ele não pode mudar o meu eu posso. Então assim aí eu tento ser um suporte para ele, para ele não cair, para ele não ficar pior, porque ele ainda não tem um quadro depressivo, mas se tiver, se tiver ele nunca mais vai sair disso. Então eu

acho que eu segurando, ser esse alicerce para ele e para o nosso casamento, eu acho que ele se sente até mais forte porque ele trabalhou desde os 14 anos e agora ele está nessa situação que ele não está trabalhando, e ele adorava a profissão dele de garçom. E já trabalhou nos restaurantes bons, excelentes restaurantes, com chefes, bom, né? Com dono de restaurante. Bom, então eu acho que no momento está sendo mais difícil para ele do que para mim, toda essa situação. Então o meu casamento é baseado nessa fortaleza, na confiança, e ele sempre pôde fazer tudo o que ele quis. Eu nunca falei, não, não vai, vai mas só que toma cuidado, porque se você pode, eu também posso, né? É isso.

**Sergio:** Muito bem. Agora faltam nos filhos, né?. O que, que as suas, são quantas!

**Josina:** São três, duas meninas e um menino.

**Sergio:** o menino é o mais novo?

**Josina:** Sim, Um menino e o mais novo.

**Sergio:** O que é que eles fariam sobre a mãe deles?

**Josina:** Acho que já começo a chorar. Ahhh, é difícil Dr. Sergio, porque no começo eu já tinha falado que escutei deles muitas coisas que eu esperava assim. E quando eu relembro, eu até me emociono, porque você ouvir de um filho que você é uma coisa que você achava que você não era. Que eu nunca achei que eu era uma boa mãe. Mas também não era, sei lá, das piores. Mas ao longo dos anos deles e escutar que eu sou tudo para eles, que tudo o que eles são eles devem a mim, porque eu sou compreensiva, eu consigo, não criticar, é assim o que eles fazem. Depois você vai saber que eu estou falando, então são coisas que eu fico imaginando, talvez eles falaria que eu sou uma guerreira, que sou uma boa mãe, que sei lá. Acho que é isso. Então o fato de eu falar aqui, não criticar, é porque a minha filha perdeu o esposo para o Covid. E não se passaram tanto tempo ela já começou a namorar, ela namorou com o melhor amigo dele, então, foi uma crítica unânime assim de todo mundo que a gente conhece, o pessoal do bairro também. E ele era músico e gostava muito de tocar, ele tocava. Ele tinha um grupo que ele tocava, chamava Delírio. E aí foi uma coisa que, ninguém aceitou. E aí um dia ela chegou para mim, falou “mãe a opinião das pessoas não me interessa, mas a sua me interessa”. E falei assim, mas eu também sou os outros. E ela falou “Não, mas a senhora é a minha mãe”. E ai eu falei assim pra ela, se eu falar com sinceridade, você vai me amar? Eu brinquei. Ela falou “claro mãe”. Eu falei assim, eu quero mais que você seja feliz. Que para mim o que importa, independente de ser o melhor amigo com o pai dele, com o irmão ou cunhado, o que quer que seja. Ela fica olhando para mim. Ela falou assim “ahh mãe vai dizer isso mesmo, que a senhora pensa assim”. É, eu falei assim, porque quando a gente se põe no lugar de outra pessoa, e eu será que eu fazia a mesma coisa? Porque as pessoas fala assim, se fosse eu, fazia diferente, não fazia não, fazia igual. Porque quando você se põe no lugar, você vai fazer a mesma coisa que a pessoa faz. Agora, você só não faz se

não se coloca no lugar. Eu faço diferente. Aí você está se excluindo daquele, daquele mundo ali. Então eu falei para ela então, se eu me pôr no seu lugar, talvez eu fazia igual, ou pior é que as pessoas, elas não admitem isso. Elas não se assume que elas poderiam fazer pior. Igual uma prostituta que se prostitui para ganhar dinheiro. Ai as pessoas fala assim, mas tem tanto outro serviço porque ela não vai trabalhar, porque o dinheiro que ela ganha com os outros serviços não paga. Então, por isso que ela precisa do dinheiro, então, para que o dinheiro, para cuidar de uma mãe doente, do filho? Ninguém sabe, para ela mesmo se ostentar na beleza ou ter as coisas boas. Aí a pessoa fala assim, aí eu não falaria isso. Falaria sim, claro que falaria, é que as pessoas são hipócritas e fala que não faz mais falaria. Eu no meu momento eu falaria, para poder ter uma vida boa. E as pessoas fala assim “Então você seria prostituta?”. Sim! Ahhh eu não! Seria também<sup>1</sup> É que as pessoas tem vergonha de falar, de se assumir, de admitir as coisas. Então fica tudo atrás da hipocrisia.

Então, aí depois que aconteceu tudo isso e eles estão juntos até hoje, né? E aí teve um dia que eu falei assim pra ela, fiquei olhando assim. Aí falei um palavrão, né? E foi assim Filha, você está amando, você está... Ela ficou olhando, falou “Porque”, falei “porque seus olhos está brilhando tanto quando fala o nome da pessoa que, com o Douglas, não era assim”. Ela falou “Nossa, sério mãe.” Sim, sim. Falou, “E o que que a gente faz quando a gente ama assim”. Se entrega de corpo e alma. Se não dá certo, se entrega de novo depois de novo, de novo de novo, de novo a vida inteira. Porque o amor é uma entrega. Se você não se entregar, você não vai viver. E isso, é bem por aí.

E a Larissa? Eu falei um pouco da Michele, a mais velha de 34 anos, agora vou falar um pouco da Larissa. Hoje a Larissa tem 30 anos. É uma filha maravilhosa, muito amorosa, demonstra muito amor, mais até que a Michelle. A Michelle é meia durona assim, e só que já me deu muito trabalho na infância. Assim foi uma infância da Larissa, que, eu tinha que ficar nas delegacia fazendo boletim de desaparecimento, porque ela era bem terrível e eu sempre perguntava para ela “Porque que você faz as coisas que eu estou falando que não”. Ela falou assim, porque se eu pedir para sair a senhora não vai deixar. Eu falei assim, porque você é de menor. Então, o que acontecer com você, A culpa vai ser minha? O que vou ter que assinar para você? Eu não quero isso. Porque se você fala que eu sou uma mãe boa, que é a sua mãe, por que você faz isso? Ela, não sei mãe, porque eu faço... Depois ela teria relacionamento com o primeiro namorado e teve o meu neto mais velho, dela, o Otávio. E depois ela se relacionou com meninas com menino, como meninas, menino, meninas, menino, menina. E ficou nessa bagunça a vida dela. Até que um dia ai meu deus essa minha vida é muito engraçada. Até que um dia tinha um rapaz que morava na mesma rua que a gente, e quando viu, ela se apaixonou. Aí ele chegou para mim e falou assim Você é a mãe da Larissa? Eu falei que sou. “Eu gosto da Larissa”. Então até que esse menino foi. O nome dele é o Wellington falou para mim que estava gostando dela. Ai, olhei bem para ele e falei assim você quer

mesmo namorar com a minha filha? Ele foi eu quero? Você conhece a Larissa? A Larissa é uma bagunceira. Ela não me respeita. Ela sai de casa sem me avisar. Eu tenho que ficar na delegacia fazendo B.O. Porque ela desaparece três, quatro dias. Não sei onde ela está, e ela namora com uma menina. Aí ele fala uma coisa para que? Não vou falar aqui, mas vou resumir no que ele falou para mim e hoje em dia a gente dá muita risada sobre isso. Ele falou assim, no dia que eu pegar ela, ela nunca mais vai gostar de mulher. Eu falei, opa! Olha Wellington, se ela quiser ficar com você, por mim, tudo bem. Agora, se ela não quiser, não posso obrigar. Eu sei que namorou com ela um tempinho depois, houve um atrito com a namorada dela, com a ex-namorada. E eu sei que ela terminou com essa namorada. E chegou para mim, mãe eu vou casar com o Wellington. E aí um dia o Edson estava de folga. Ele não estava doente ainda, não tinha ficado doente e ele estava de férias. Ele faz aniversário em julho, dia 6 de julho, e aí ele, estava todo mundo reunido, que eu sempre gosta dos filhos, todo mundo assim reunido em casa. E aí ele falou assim Eu quero casar com a Larissa. Aí o Edson falou assim “Como você quer casar com a minha filha?” Ele falou assim: Por que eu não posso? Ai o Edson falou assim, “Não, pode Wellington!”; e ele falou: “Então amanhã eu passo aqui”. Isso era no domingo, quando foi segunda feira, 06h da manhã, ele estava lá para pegar todos os documentos dela pra levar no cartório pra eles se casar. E depois de um mês eles se casaram. E aí veio meus três netos. Uma benção linda! Que são umas crianças assim linda, porque ele veio de uma família branca, de alemão, quase alemão. E ai ela teve três filhos com ele. O mais velho é o Heitor. Depois vem a Isabela e a pequenininha que tem um ano com um ano e oito meses, eu acho que a Helena, e o meu neto mais velho que foi do primeiro relacionamento dela.

**Sérgio:** Então os três são dela?

**Josina:** É. E aí? E ela fala que ela é muito feliz com ele, que queria ter conhecido ele antes para não fazer tanta besteira que ela já fez na vida. E eles estão lá em casa. É assim que eu vejo que ele tem muito carinho por ela, muito amor assim, com as crianças também. Ele é um pai meio rude. Acho que pela forma que ele foi criado também é que ele não consegue assim brincar com as crianças, interagir com eles. Mas eu acho que ele é um bom pai, é essa a história da Larissa.

E o Gustavo é aquele filho que acho que toda mãe queria ter. Nunca deu trabalho, em nenhum momento assim, ele deu trabalho assim nem na infância e na adolescência, e agora que ele já está um homem que é 24 anos, ele já é um homem já. Então, quando eu olho assim para eles, ai eu vejo que realmente eu fui uma excelente mãe, porque , e às vezes eu fico pensando, é igual a Gustavo, que é menino de uma classe C, que a gente é uma classe C, né?. Então é estudou e é um o menino inteligente que ele fala assim que ele é gente porque ele puxou eu, é porque ele fala que são muito inteligentes. Aí é que começou a trabalhar novo por conta do jovem aprendiz, né? E eu corri atrás de cursos para ele, para poder ele ter uma infância de assim de aprendizado, de escola mesmo. Então ele terminou a escola. Ele faz curso de inglês, ele trabalha de entregador. Ele tirou a carta de moto,

tirou a carta de carro. Ele me ajuda em casa agora que está doente. E assim é um filho companheiro. Ele chega todo dia de serviço e pede benção. Ele me dá um beijo, ele fala que me ama, que eu sou tudo pra ele. E ele também teve a perda de um filho também, que ele se relacionou com uma menina e ela tinha um problema de ovário policístico e terminou perdendo o bebê com seis meses para sete, e o bebê estava com tamanho já considerável e com o peso, então teve que fazer todo um velório, logo depois que meu genro faleceu do convite e minha cunhada também. Então foi tudo uma tristeza sim, e no começo foi muito difícil para ele, para mim também, porque ele falava coisas que só quem é pai entende. Falava assim, ai mãe eu não vou ver meu filho crescer, não vou poder ensinar ele jogar bola. Isso tudo vai machucando a gente, que é um sentimento de dor, que é uma dor, que é ardida assim, ela não passa, hoje em dia assim, desses três anos passado, eu acho que ele está mais recuperado dessa perda, mais todo dia que é dia dos pais, assim, ele sente uma tristeza que ele sempre fica deitado e aí eu já sei o porquê que é. E eu não gosto de perguntar nem o porquê, porque se a gente sabe, não precisa perguntar, porque a pessoa não vai conseguir responder, né? Então aí já vem um choro e aí com o choro vem mais tristeza porque vai que está repetindo as mesmas coisas. E é isso Dr. Sérgio, é uma família que eu tenho assim, que todo dia que eu chego do serviço eu falo para o meu esposo obrigado pelos filhos lindos que você me deu e pela família que a gente conseguiu até hoje. É isso.

**Sergio:** Josina se você encontrasse O Gênio da lâmpada, e ele te desse a oportunidade de que você fizesse três pedidos. Qualquer pedido, de qualquer natureza. O que é que você pediria para ele?

**Josina:** Para não morrer. Eu queria ficar, porque a morte é uma coisa muito triste. É uma coisa que vai. A gente não sabe porque a gente nasce, não sabe porque morre, não se sabe da onde a gente vem. Cientificamente, isso é comprovado, mas espiritualmente não. Então, acho que é uma coisa que eu pediria pro gênio. Não assim, quando eu falo como a pergunta está direcionada a mim, então eu vou falar, eu, meus filhos e meu marido, eu queria tipo assim viver pro resto da vida, para sempre, para sempre em físico, né?. Mas eu sei que esse para sempre não existe. Quando a pessoa fala assim a pessoa não morreu, ela vai viver para sempre dentro da nossa memória, dentro da nossas lembranças. Então, esse para sempre, realmente é. Mas fisicamente não. Então, e a gente não tem uma oportunidade de se perguntar assim, será que se eu morrer eu vou encontrar com a pessoa que eu gosto, igual com mãe, com o melhor amigo, com o melhor irmão? Será que a gente vai ver essas pessoas? Então acho que a pediria isso pro gênio, pra não morrer. Acho que é isso, para viver para sempre.

**Sergio:** Muito Bem. Você descreveu a sua história, suas características. Se você pudesse mudar alguma coisa em você ou na sua história. Você mudaria, e o que mudaria?



**Josina:** Não, eu não mudaria nada. Eu queria viver tudo igual, exatamente como foi. Porque se mudasse ia ser a mesma história e ia mudar o contexto, então aí fica parecendo que seria uma outra pessoa. Uma Josina Maria de Jesus Bezerra, ia ser só Josina Maria e o restante ia ficar, como se fizesse uma falta, um buraco meio daquela história. Então eu nasci, cresci e tive a família que eu tive conheci meu esposo, tive minha família com ele se mudasse e ficou um vazio no meio. Eu não ia ter como completar aquela história, se eu mudasse essa história, então eu não mudaria nada. Acho que seria exatamente do jeito que é.

**Sergio:** Está certo! Teria algo mais que você gostaria de falar e falar sobre você? Do modo como você se vê na vida que eu te perguntei, fica a vontade.

**Josina:** Olha Dr. Sérgio, a vida é um pouco cruel com a gente. Eu acho que é, porque, porque as pessoas, elas não têm muita oportunidade das coisas, quando não se tem dinheiro, então os sonhos ficam para trás. Então eu acho que eu queria relatar esse sonho que eu tenho. Não sei se eu vou conseguir concluir ainda, talvez até pela situação, mas eu quando eu era pequena, minha mãe sempre falava que a gente tinha que estudar, que era o estudo uma coisa é obrigatório, você tem que estar pronto, acabou. E antes, quando eu estudava, eu não vou falar na minha época que minha época e a época de hoje, aquela época não era a minha época. Foi um acontecimento, um fato humano na minha história. Então, quando eu estudava, então eu gostava de saber das coisas. Eu leio muito. Eu gosto de ler, eu gosto de ver documentários. Então acho que é por isso que meu filho fala que eu sou tão inteligente, é que eu gosto de saber das coisas, do porquê das coisas. Então, quando eu fiz uns 14 anos, aí eu tive que largar os estudos para ir trabalhar em casa de família, porque a minha mãe não tinha condições de me dar as coisas. E aí, ficando mocinha minha mãe me falou, “Óh Filha eu sei que é difícil, mas você vai ter que trabalhar”. Então eu sempre trabalhei em casa de família. Eu gosto de trabalhar porque eu sou uma pessoa que eu sou difícil de lidar com o grupo, com pessoas, com um monte de gente, porque as pessoas têm opinião diferente, e quando você vai dar opinião, as pessoas as vezes não aceitam. Então eu quero que aquilo seja concluído e então é gerar um conflito ali no grupo. Então eu comecei a trabalhar e fui trabalhando e depois que conheci meu esposo, voltei para escola e terminei, porque eu queria terminar minha escola. E o meu sonho sempre fazer faculdade de nutrição. Eu queria ser nutricionista porque eu gosto de mexer com comida e gosto saber os valores das frutas, verduras. Quando tempo que cozinha. Então eu fui aprendendo, lendo. Mas se fosse uma coisa pra concluir, eu acho que o que fazia falta na minha história era fazer uma faculdade de nutrição, que na verdade não falta, na verdade tá faltando na minha história, né? Eu acho que é isso, e eu trabalho em casa de família. Sou diarista, né? Eu gosto de chegar na casa do patrão e limpar e deixar aquela casa arrumada, tudo limpo, como se fosse a minha casa. Eu tenho prazer de passar a roupa do patrão, de fazer uma comida, sabe? Aquilo me dá uma, é como se eu tivesse fazendo uma terapia ali, fazendo, arrumando a casa, como se tivesse fazendo uma terapia. Acho que é por isso que

eu gosto tanto de trabalhar em casa de família. É uma coisa também assim, é que em casa de família a gente fala diretamente com o presidente da empresa. Não tem um vice-presidente, não tem o outro, do gerente, né? É o empregado é o patrão. Então, se eu estiver indisposta, se eu tiver me sentido mal, então eu posso chegar no presidente falar assim “Olha, hoje eu trabalhei até agora, não estou me sentindo bem, é um desgaste. Então o patrão, ele vai me entender. Se eu tiver trabalhando numa firma, ele não quer saber. Vai La pro RH, o RH é uma pessoa que é igual eu, uma empregada. Ela não quer saber do meu problema porque ela também tem o problema dela. O patrão também tem, mas o problema deles em relação ao nosso, no caso do empregado, é menor, porque no nosso caso é o que, o dinheiro, é a falta do dinheiro, é o marido doente não pode comprar um remédio. Eles não, eles tem dinheiro para tudo isso. Então o relacionamento de patrão e empregado assim direto, de primeiro grau, então isso também para mim é muito bom, e eu quero dizer que amo meus patrões, a Natália, o Marcio, a dona Harumi, o Sr. Oscar, a Juliana e o Sérgio, que eu trabalho com o Sérgio também, que são pessoas que acho que estão fazendo parte da minha história, da minha vida e são pessoas maravilhosas. Todo dia eu falo para Deus assim, Senhor abençoe eles. E eu quero falar só mais coisa,

**Sergio:** À vontade.

**Josina:** Teve um dia que eu estava orando. E pedindo a Deus para abençoar aos meus patrão para que não acontecesse nada com eles por causa da violência, do roubo, de assalto, de morte, que as pessoas estão matando aleatoriamente as outras pessoas sem motivo qualquer, por causa de um celular até. E aí eu comecei pedir e aí a minha filha entrou e ficou na porta do quarto, eu não tinha visto ela, que eu estava de joelhos, com os olhos fechados. Aí na hora que eu levantei e falei “oi filha”, ela falou assim “Oi mãe, estava orando, porque você estava orando para os seus patrões?”

Eu falei assim Por quê? Porque, porque a senhora não ora assim pra gente?

Eu falei por quê? Eu falei assim, sabe por que eu estava orando para os meus patrões, porque se Deus não abençoar eles, eu também não sou abençoada. Se ele não tiver como me pagar, eles vão me despedir aí, como que faz? Então a benção não tem que pedir para mim, porque eu já sou abençoada. Então é através dele que eu trabalho, que eu sou abençoada, que as bênçãos acontecem dentro da nossa casa. Então você não pode pedir para você, você tem que pedir sempre para a primeira pessoa. Agora, quando for para a família, a gente pede primeiro pra Deus abençoar os filhos, a gente, e a mãe sempre fala assim Senhor, abençoe meus filhos, abençoe a minha casa, o meu lar, meus amigos e depois, por último é a gente. Então é isso.

**Sergio:** Bem, bonito. Bem Josina, estamos finalizando. Eu te agradeço imensamente pela sua disponibilidade e também por esta imensa sabedoria e

simpatia que é você, e trouxe tantas informações, profundas e importantes a respeito da vida, respeito da sua história, história muito bonita e muito forte. Eu te agradeço e enfim, é também na forma de uma oração, eu também peço bênçãos para sua vida, que também possibilitou que você estivesse aqui.

**Josina:** Eu quero deixar meu agradecimento também, por uma oportunidade de poder ajudar não só você, mas, é você colocando visível para as pessoas ver que posso ajudar alguém. Não um milhão, mas pelo menos uma pessoa, já é o bastante e eu nunca tive essa experiência. Eu estou me sentindo importante. Eu tô sentindo assim, a própria Gisele B, por poder estar aqui diante do espelho, que é uma coisa que todo dia eu me olho. Quando eu saio de casa, ir trabalhar e falo “Nada de preguiça, nada de desanimo, vai conversando com o motorista do ônibus que eles são muito legais. É assim que a minha vida. E, agora eu posso ver a minha imagem de várias formas através desses espelhos. Eu gostei muito. Eu estou feliz assim, de uma felicidade que é quase aquela felicidade que é melhor não falar do que falar. E eu agradeço muito a você, Dr. Sérgio, muito mesmo. E agora eu vou ficar me olhando no espelho e me achando... Ai meu Deus do céu, muito obrigado mesmo! Obrigado!

## ANEXO 2: TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO: RÔ VICENTE

**Rô Vicente:** Meu nome é Rô Vicente, eu sou uma pessoa trans não binária. Eu tenho 26 anos e crio conteúdo para o Instagram: @bixanarua.

**Sergio:** Muito bem, eu vou conduzir então, agora, uma meditação pra gente chegar... Pra gente poder trazer a nossa presença pra esse lugar, mais ainda, mais profundamente... Vou convidar você a fechar os olhos... Mantenha contato com a sua respiração, com todo o seu corpo... Traga toda a sua presença... Na tela da sua imaginação, pense agora que nesse espelho está passando um filme e você está atentamente observando todas as cenas, de todas as pessoas que você foi e ainda é! O filme da sua vida. Você observa o título. Você se vê na sua primeira ou última ou mais distante memória que você tem a respeito de você mesmo. E então você percebe que esse filme vai passando lentamente pela sua primeira infância, suas memórias. Deixe sua mente livre, deixe que a tela do espelho revele todas as imagens, sobre toda a sua trajetória, sua alegria, sua tristeza, sua forma de ver o mundo desse enxergar, de se ver as pessoas de suas relações. Aos poucos, você vai chegando ao momento atual da sua vida. Até quem você é hoje, quem você vê no espelho, quem você se construiu como pessoa e aos poucos, no seu tempo, você pode abrir os olhos devagar. Rô, quando você se olha no espelho que você vê?

**Rô Vicente:** Eu vejo uma pessoa em constante reconstrução, acho. Que muitas vezes foi colocada uma palavra que me definiu assim durante toda minha infância, que foi o bicha, que hoje eu uso exatamente isso para me descrever como uma pessoa política, assim. Então eu vejo uma bicha em constante construção de um gênero que, que é desconstruído.

**Sergio:** Você tem um canal, “Bixanarua”, é isso?

**Rô Vicente:** Sim, é um canal e um Instagram e “Bixanarua” foi exatamente uma forma de, de entender quem eu era. Eu criei exatamente para entender quem eu era em sociedade assim, para poder me empoderar de alguma forma de quem foi colocado pra baixo durante toda uma adolescência. Então, o primeiro xingamento que eu escutei na minha vida foi o bicha e depois disso eu entendi, eu demorei muito tempo para entender o porquê que isso me afetava assim. E aí depois, quando a gente começa a entender que o bicha é quem eu era mesmo. Sempre foi o que eu quis ser, aquilo começa a se transformar de um personagem que inicialmente foi muito mais uma criação, persona personificada. Assim, uma criação de empoderamento pra internet e começou a se tornar um gênero para mim assim, eu comecei a usar a palavra bicha para como empoderamento pessoal, empoderamento do meu próprio gênero, e aí começa a desconstruir esse gêneros binários que me foram colocados durante a vida.

**Sergio:** Você coloca como sendo alguém em construção.

**Rô Vicente:** Sim.

**Sergio:** Mas nesse momento da sua vida, certamente você já deve ter mudado os conceitos a seu respeito. Mas nesse momento, o que é ser bicha para você?

**Rô Vicente:** Ser Bicha, eu acho que é brincar exatamente com esse masculino que nunca vai ser 100% masculino e o feminino que também nunca vai ser 100% feminino. Eu sinto que é uma grande mistura dos gêneros que não vão se corresponder 100% ao que a sociedade espera. Então, acho que ser bicha é estar à margem da sociedade automaticamente, mas também pertencesse a esse, a essa construção pessoal que a gente pode acabar fazendo dentro do nosso corpo e ir para a sociedade assim, eu acredito muito que a construção do meu corpo, a construção do meu gênero, acaba sendo um ato político, socialmente falando.

**Sergio:** Como você se descreveria se você pudesse falar a seu respeito para uma outra pessoa ou para você mesmo?

**Rô Vicente:** Acho que eu me descreveria sendo uma pessoa muito forte, só que só até a página dois, porque eu tenho uma teoria de que eu consigo eu consegui criar essa bicha, essa figura da bicha má, da empoderada, que é muito dona de si, exatamente uma forma de proteção. Então eu me descreveria como sendo uma pessoa muito tímida e frágil ao mesmo tempo, mais ou menos ao mesmo tempo que isso acontece, eu não deixo isso muito ir além, não deixo isso ser demonstrado para as outras pessoas, porque na realidade eu tenho que estar com essa figura mais empoderada, com essa figura mais autêntica, dona de si mesma, que muitas vezes vai ser ser desconstruída na segunda página, mas inicialmente eu acho que essa figura precisa existir, para que a segunda figura dessa pessoa mais tímida, mais frágil possa também existir.

**Sergio:** Diante disso, o que você coloca, como você descreveria a sua história de vida?

**Rô Vicente:** Eu acho que eu descreveria com muitas oportunidades! Se a gente for comparar com tantas outras pessoas trans e LGBTs que existem no Brasil, eu tive muitas oportunidades de conseguir conquistar vitórias, conquistar caminhos bons para minha trajetória. Eu tive apoio dos meus pais, eu tive apoio dos familiares, eu tive apoio de amigos muito próximos a mim. Eu sempre tive uma rede de proteção muito grande, então tinha grandes oportunidades, mas ao mesmo tempo de grandes lutas. A oportunidade ela não inibe a luta. Então, uma coisa não, não destrói a outra, não, não é capaz de distorcer a outra. E é ao mesmo tempo que eu acho que eu tive muitas oportunidades, eu tive um processo muito interno de entendimento, então, acho que a luta foi muito mais interna comigo mesma, entendendo quem eu sou e entendendo como é que eu poderia demonstrar isso para as outras pessoas. E até hoje eu acho que é uma luta não só interna, mas interna, eu acho que vai ser eternamente, porque enquanto eu me identificar com uma pessoa não binária, eu acho que que essas questões elas vão se permear sempre dentro de mim e tudo bem se permear, eu acho que isso é o que faz esse gênero fluído, é o que faz essa construção acontecer. Mas também é uma luta externa, como uma luta externa de empoderamento de poder falar, de poder reivindicar esse gênero, a não binariedade é uma questão muito grande pra muitas pessoas e que é uma questão que é construída, que precisa ser explicada, que precisa ser trazida sempre, sempre a pauta, explicada para muitas pessoas. Então eu entendo que hoje é uma luta mais de reivindicar espaços assim e eu, enquanto eu ainda tiver forças energias para

reivindicar esses espaços, eu vou continuar reivindicando até, enfim, não conseguir mais, né?

**Sergio:** Quando você fala sobre esse trabalho do externo, interno permanente, mas esse do externo, que seria o que podemos dizer que é mais político?

**Rô Vicente:** Talvez sim, acho que é político e informativo.

**Sergio:** Político, informativo isso. Você considera este ato como um ato também de alquimia das próprias dores em luta, em missão, em sentido de vida?

**Rô Vicente:** Acho que sim, por alguma parte assim, eu entendo que a não binariedade, ela está em um campo, principalmente hoje em dia, de progresso muito grande, e a gente está tendo pautas que são levadas em consideração no nosso gênero, mas que ao mesmo tempo tem outras pessoas que com destaque, inibindo a nossa luta, desmerecendo as nossas dores e reivindicando um outro espaço de outros avanços sociais que precisam ser reivindicados, que precisam acontecer. Mas, o que eu acho que é a grande questão hoje é ta dentro da comunidade. Então, vejo que a não binariedade, ainda é uma questão muito grande. Esse gênero ainda é uma questão muito grande para a própria comunidade. Então, enquanto a gente não conseguir desmistificar essa gênero, para as pessoas que pertencem a essa comunidade, talvez os avanços vão ser cada vez menores, assim, socialmente falando. Mas acredito que muitos avanços sociais, eu acho que a gente está caminhando para um espaço muito, muito melhor de acolhimento para esse gênero.

**Sergio:** Você falou que o que foi teve um certo privilégio se a gente for pensar em termos de Brasil e de mundo, apoio dos familiares, amigos e que a sua questão, a sua luta, foi muito interna, de auto-conhecimento. Uma palavra que eu estou colocando aqui você não pôs, mas provavelmente é isso...O que você poderia falar que é confortável para você falar a respeito desta nessa sua busca interna, o que você poderia trazer dessa trajetória pelo lado de dentro da pele?

**Rô Vicente:** Eu não sei. Eu acho que tem tantas camadas do gênero aqui que acabam passando internamente, que eu acho que o que eu fico, algumas dificuldades de falar sobre isso e identificar não é nem me expor, mas a identificar sobre essas, essas questões que que perpassaram e que passam diariamente no meu corpo. Mas eu vejo que o que o autoconhecimento, que , que as pessoas, não só eu, mas que todas as pessoas buscam diariamente, me ajudou a entender hoje o que é, o que eu quero com o meu corpo e que é uma cobrança social das pessoas. Então, acho que a maior questão hoje para mim, e eu acho que foi uma questão em todo o processo de me descobrir como uma pessoa trans não binária, foi exatamente essa essa divisão de entender o que é uma cobrança minha, o que faz sentido que eu estou querendo colocar no meu corpo, que eu estou querendo expressar no meu corpo e o que é uma cobrança social assim. Então, por exemplo, por muitos momentos que eu passei na minha vida, eu me senti cobrada a pensar na hormonização e, começar a me hormonizar. Mas, eu entendo que não é uma vontade minha até hoje. E, enfim, isso pode ser uma vontade mesmo daqui a algum tempo daqui a alguns anos, mas hoje em dia não é uma vontade, mas eu entendo que há uma cobrança social de eu não me organizar. Então a cobrança de pessoas que estão na comunidade de outras pessoas trans ou de pessoas que não estão na

comunidade, de homens cis-gêneros e heterossexuais que eu me relaciono. Então isso tem uma divisão, é eu acho que o grande divisor de águas para mim é entender o que é uma cobrança social, que é uma cobrança de outras pessoas que estão sendo colocadas em cima do meu corpo e que é o que é realmente o que faz sentido para mim, o que é que eu quero realmente fazer com meu corpo. E uma das coisas que vem acontecendo nos últimos anos foi incômodo, por exemplo, com os meus pelos. Eu comecei, eu nunca tive disforia com pelos assim nunca foi uma realidade para mim. Mas ao decorrer dos anos eu comecei a ter uma disforia de me incomodar, de ver pêlos no meu corpo. Acho que também foi uma cobrança social? Acho que foi, mas foi uma cobrança social que eu consegui aceitar, que eu quis aceitá-la dentro da minha existência. Então foi algo que, que hoje eu faço questão de tentar entender até que ponto isso me incomoda mesmo, até que ponto estava vontade com os meus próprios pelos. Enfim, acho que um dos pontos principais a entender essa divisão do que é uma cobrança para as pessoas e do que faz sentido para mim mesma.

**Sergio:** Essa cobrança ela vem através de falas que dizem sobre você ou o que querem que você se transforme naquilo que eles estão dizendo?

**Rô Vicente:** Eu acho que não só fala, trabalhar com rede social, trabalhar com a exposição do minha imagem faz com que as pessoas se sintam à vontade para fazer esse tipo de cobrança também automaticamente. Mas acho que não só falas, há relações né? Criar relações com as pessoas, eu entendo o quanto as pessoas ficam, se sentem mais próximas a mim para poder não só falar, mas também expor algumas questões que são, que estão passando dentro delas, dentro de rodas, de amigos, enfim. Então eu acho que não só falas, falas acontecem, mas eu também entendo que ações, propostas, aberturas são, são caminhos também, que eu sinto que que podem acabar sugerindo a essas outras, essas outras intervenções no meu corpo.

**Sergio:** Você falou da palavra “bicha”?

**Rô Vicente:** Sim.

**Sergio:** Também que você transformou no título do seu canal, no tema do seu canal. Você conseguiria traçar um paralelo entre o que significou ser bicha naqueles primeiros momentos da sua infância, talvez na adolescência? O que é aquelas palavras, o que esta palavra suscitou em você e o que ela é hoje?

**Rô Vicente:** Eu costumo dizer que a gente que, nós que somos LGBTs, a gente não é muito bem colocado, explicado isso quando a gente é criança. Então eu cresci sendo uma criança muito afeminado assim, porque eu tinha muita liberdade de viver bem dentro de casa. Então meus pais nunca, nunca tiveram algum tipo de restrição com que eu brincava, com quem eu brincava. E eu e meu irmão, eu sou de uma família, de três filhos, eu sou do meio e eu tenho irmã mais nova, eu, o mais velho e o meu irmão, a gente era muito diferente, sempre foi muito diferente. No outro encontro, ele foi sempre masculino e muito tímido. Eu era exatamente o oposto. Eu era essa criança que eu brincava, que era extravagante, que eu gostava de falar com as outras pessoas e tudo mais. E eu tinha essa facilidade de entender quem eu, quem era, de chamar a atenção das pessoas assim, de conseguir chamar a atenção

das pessoas e criar novas amizades. Quando eu entrei na escola, eu fui e foi ali um momento onde eu deparei com a primeira, a minha primeira violência. Assim, o ensino fundamental foi um tanto quanto caótico para mim, principalmente porque era a minha primeira convivência com outras crianças. Era entender que eu precisava, me identificar com um gênero específico e entender o que era homem, e eu acho que foram as primeiras vezes que eu tive uma cobrança para poder ser homem em sociedade, assim. E eu me lembro de essa palavra bicha ter escutado ela logo no primeiro, no primeiro ano, na primeira série do ensino fundamental, onde eu sofri um ataque de garotos e eu me lembro daquela palavra sendo repercutida dentro desse ataque, assim e eu não, não ligava muito essa palavra a algo ruim ou algo violento, porque eu nunca tinha escutado ela acho. Então, depois daquele dia, eu comecei a tentar entender o que, por que sofria, aquele tipo de violência, por que aquilo tinha acontecido comigo e por que que aquela palavra era usada contra mim e aí dali até o oitavo ano, foram coisas, foram momentos assim de me esconder, assim eu voltei a... Eu era, eu consegui construir uma pessoa que eu não era na escola, tanto que a minha mãe tinha uma, ela tinha um medo muito grande que quando eu fosse para a escola eu tivesse muitas expulsões de advertências e tudo mais, porque eu sempre fui essa pessoa, essa criança extravagante e muito, muito faladora, que enfim era um grande inferno dentro de casa. Então ela também esperava que isso fosse repercutir na escola, mas pelo contrário, na escola eu era exatamente o garoto oposto, eu era a pessoa mais quieta, que tinha pouquíssimos amigos, que falava com pouquíssimas pessoas que tinham ótimas notas, porque para mim aquelas 6 horas dentro da escola tinham que acabar o quanto antes. Então nem eu nem passava pela cabeça, por exemplo, repetir de ano. Imagina ter oito anos, mais um ano daquilo não poderia existir assim. Isso tudo de uma forma muito não muito falada, acho que era auto-guiada, eu nunca pensei muito nisso, eu, quando eu tinha, quando eu era criança, eu fui fazendo de acordo com o que eu achava que tinha que ser feito. Então, por exemplo, no primeiro ano eu me lembro de tentar parar de chamar a atenção, então eu não falava muito, no segundo ano eu comecei a entender que falar, só não falar não era suficiente, eu tinha que começar a podar a forma que eu, que eu me tratava, que eu me movia, então as formas que eu andava, as formas dos meus trejeitos, aquilo também chamava a atenção. Então, no meu segundo, terceiro ano, foram os anos que eu comecei a entender o que eu não poderia me mover em quais momentos eu deveria ficar apenas parado dentro da sala. E aquilo foi repercutindo cada vez mais ao decorrer das quarta, quinto e sexto ano. No sétimo pro oitavo, eu comecei a entender exatamente o que eu era, quem é que eu era como pessoa, porque aquilo incomodava tantas outras pessoas e o porquê que eu estava inibindo algo que era natural na minha existência, é bom também deixar terminar um parâmetro de que as questões de sexualidade nunca foram muito não aprofundadas comigo, assim, minha mãe sempre falou sobre sexo comigo, então eu sabia da existência de pessoas LGBTs, eu sabia da existência de o que era ser heterossexual, que era ser gay, lésbica, eu sabia muito mais do que qualquer outro aluno dentro da sala de aula. Por acaso, eu tinha amigos que falavam, querendo saber sobre isso, e eu falava sobre isso, mas eu não me via ainda como LGBT não me via como um garoto gay, naquela época, eu sabia da existência disso. Eu sabia da importância de respeitar esses outros gêneros e sexualidades. Eu não tinha uma cobrança minha mesmo, eu não me via dentro disso, por mais que tudo aquilo estivesse ocorrendo, eu ainda não me via dentro disso. No oitavo ano, eu entendi que eu entendi que comecei a entender que eu era gay, que eu era um garoto gay, porque, enfim, com 15 anos, dos 14 para os 15



anos, eu começo a ter mais e mais atração sexual para as pessoas, eu vejo que não é uma atração por mulheres, então aquilo começa a me atrair mais por homens, eu vejo que as amizades que eu tinha com garotos, os poucos garotos que era amigos, não era porque eu gostava apenas da amizade é porque me atraía fisicamente por eles? Então aquilo começou a me trazer por dentro, assim questões que começaram a permear, no sentido do que que eu vou fazer agora, será que eu posso falar que eu sou um garoto gay nesse momento, assim, para a minha mãe? E aquilo nunca foi uma questão para os meus pais. Eu sabia que isso não ia ser uma questão pra eles, Mas eu me lembro muito bem de naquela época de, por exemplo, está passando aquela aquele garoto que foi violentado com a lâmpadada na Paulista e aquilo repercute muito pra dentro de mim, tipo eu vou ser o próximo garoto. Eu posso ser essa pessoa, o que vai impedir disso acontecer comigo se me assumir como um garoto gay. Então eu começo a trazer outras questões assim pra dentro de mim, no quanto eu não, eu não poderia não empoderar nesse processo, então não teria como me assumir como gay e não levantar essa bandeira, fingir que nada tinha acontecido. E aí, do oitavo para o primeiro ano do ensino médio, eu entendo que foi aquele processo de trocas, né? Eu ia trocar de escola, eu ia ter novos amigos, eu ia ter outras pessoas que iam me conhecer. Então sabia que aquela figura que foi construída durante oito anos no ensino fundamental, ela já era datada, aquele garoto tímido, afeminado, que era esculachado por outras pessoas, que sofria bullying, eu não tinha mais como recuperar isso, não dava mais para pra poder falar para aquelas pessoas que eu não era, que eu era gay, que me empoderar desse processo. Não conseguiria fazer isso. Mas tendo a oportunidade de mudar de escola, de mudar amizades, isso ia ser mais fácil porque eu ia começar a construir uma figura que eu era, a figura que realmente era escondida durante oito anos. Então, com 15 anos, dos 15 para os 16, eu comecei a, foi o momento que me assumi para meus pais, para minha mãe em específico, para meu pai demorou um pouco mais tempo, mas falei pra minha mãe que era gay, ela não teve nenhum tipo de problema com isso. Eu entrei para o teatro, o que foi quando eu comecei a minha formação em artes cênicas e também entrei no ensino médio, numa outra escola, um pouco mais longe da minha casa e comecei a configurar quem quer que eu ia ser, e eu falo configurar porque aí sim foi uma forma que eu quis. Eu Entendi, eu peguei as rédeas disso, eu falei “Tá, nesse momento, quem eu vou ser?” Durante oito anos eu construí uma figura, meio no automático para poder me adequar àquelas pessoas agora, durante, daqui pra frente eu quero construir algo porque eu quero ser, eu quero construir essa figura que eu vou bancar ela daqui pra frente, para poder me empoderar disso, e eu nem sabia que isso poderia se transformar por exemplo, numa identidade de gênero para frente, sabe? Naquele momento, eu só queria me empoderar de quem eu era, então entender que eu era um garoto gay, ponto. Ainda me via como um garoto, ainda me via, como, como essa figura masculina e o afeminado, ele ainda estava muito escondido mais ainda ele não era. Ele não era mais um incômodo tão grande, eu acho, ele ainda estava ali escondido, mas não era o incômodo tão grande mesmo no meu dia a dia como era, como ficou nos oito anos. E aí, a partir disso, eu comecei a assumir como um garoto gay e depois, no mesmo ano, eu tive um namorado que eu também acho que foi completamente planejado, eu precisava namorar uma pessoa que fosse um pouco mais velha que pudesse me buscar na escola, para que essa figura do garoto gay, ele fosse colocado para aquelas pessoas do ensino médio, para que aquelas pessoas pudessem entender que xingar não ia fazer mais sentido, a palavra bicha ela tinha que começar a mudar de sentido pra mim, porque para aquelas pessoas

esse não é mais... Não ia fazer mais sentido nenhum me xingar daquela forma.

**Sergio:** E que sentido tinha nesse momento, dos 15 aos 16 anos?

**Rô Vicente:** Dos 15 aos 16 anos, eu acho que o bicha, ele começou a passar, a sair dessa forma pejorativa, a passar uma forma de “tá bom, eu sou esse aqui, esse garoto gay”, o bicha, ele tinha essa figura do garoto gay. Ponto. Então eu comecei a usar isso como uma forma de empoderamento. No ensino médio, eu me lembro que eu fui o primeiro garoto a me assumir gay e com isso teve outras pessoas que também se assumiram LGBT na mesma escola, enfim. E aí depois da minha formação, quando ela já estava no terceiro ano, com 18 anos, ali foi quando a palavra bicha começou a fazer um outro sentido, assim, quando eu comecei a entender que poderia ter outras outras visões para além do meu, da minha sexualidade e se ligar realmente ao meu gênero. Até aquele momento, até os meus 18 anos, 18, 19, eu tinha uma, uma certeza muito grande de que eu era homem, de que eu era um homem gay, que eu poderia ser um homem afeminado, mas ainda assim eu era um homem. Dos 19 para os 20, eu estou ainda fazendo teatro, eu me formei no teatro com 22 e nesse meio tempo, dos 19 para os 20, eu comecei a fazer outras, outras peças, outras coisas que pudessem fazer experimentações de outras vestimentas assim, e aí o meu gênero ele começa a ser construído de uma forma estética, eu começo a entender outras roupas, ao decorrer de personagens que me são colocados dentro da escola. Então eu me lembro de ter um personagem que brincava muito com essa, com essa construção do gênero dentro da vestimenta. Então que colocava roupas femininas e masculinas e construir essa forma andrógina de vestir assim. E ali foi a primeira vez que eu me senti completamente à vontade. Vestido daquela forma. Eu lembro de estar com short muito curto, com uma meia calça rasgada, com cropped, e aquilo me deixou a vontade. Do tipo eu estou bem aqui. Eu poderia não estar bem, mas eu fiz uma peça para muitas pessoas e eu me senti completamente confortável me vestindo daquela forma e ali criou-se um empoderamento, agora não mais o empoderamento para as pessoas mas um empoderamento para mim, né, de entender que eu poderia me vestir daquela forma. Então eu passei por algum tempo assim, me vestir dessa forma dentro de casa, cortando as minhas próprias roupas de usar em casa para poder me acostumar de viver dessa forma. Porque eu acho que eu nunca fui, eu era tão acostumada a tentar me colocar no masculino que também eu não me aceitava, não me via 100% dentro dessa pessoa que eu me sentia muitas vezes feio, eu não me sentia bonito, não me sentia atraente. Então eu não tinha esse, eu não me sentia completamente à vontade, mas ao mesmo tempo, eu também não entendia o que era a vontade do meu corpo que eu podia ser, quais eram as opções que eu tinha. E não era por falta de pesquisa, não era por falta de, de pessoas, mas era por falta de empoderamento mesmo, eu não me sentia à vontade de estar nesse espaço, dentro dessa androginia, da vestimenta, do gênero, né? Então, quando eu começo a me desafiar dentro dessas vestimentas dentro de casa, eu entendo que tem uma vontade muito grande de começar a expor isso de outras formas. Então, com 20, com 22 anos, com 22, eu me foco no Macunaíma, na escola, o que é onde eu fiz artes cênicas. Assim que eu saio da escola, eu criei um coletivo chamado Coletivo Artístico “Queer”, que é um coletivo voltado à temática LGBT de intervenções de rua, intervenções artísticas, e as primeiras intervenções artísticas que eu fiz foram de rua. E a primeira intervenção artística que eu fiz se chamava “Bicha na rua”, que era exatamente essa construção de gênero não binário. Então eu brinquei de uma forma

muito fluída, assim com a minha vestimenta, com os meus trejeitos e, ao mesmo tempo, com os estereótipos masculinos. Então com barba, com pêlos, com essa brutalidade no masculino que ainda está no meu corpo, que eu quero que continue, que é que eu não rejeito de jeito nenhum. Mas aceitando também essas outras formas que sempre estiveram no meu corpo, que sempre foram colocadas por outras pessoas de uma forma pejorativa, mas que finalmente estava sendo aceita por mim e a partir daquele momento que com os 22 anos quase 23, a palavra bicha começa a se tornar a sair de um homem afeminado de um homem gay para a bicha, para a bicha trans, para bicha travesti, para esse empoderamento de gênero que eu não tive durante toda a minha vida e aí dali, dos 20, 22 anos até hoje eu uso o bicha como uma forma de quase empoderamento político e socialmente falando. E aí, quando me falam de gênero, eu coloco esse gênero não binário como uma pessoa trans não binária, mas politicamente falando, eu ainda me vejo como uma bicha, como uma bicha trans.

**Sergio:** Você fala bastante a palavra empoderamento. Sim, eu queria ouvir de você, se for possível, o que é empoderamento para você.

**Rô Vicente:** Acho que empoderamento para mim são duas coisas. A primeira, a parte de se entender, a pessoa que você é. Então, muitas vezes com pessoas pretas, pessoas trans, pessoas LGBTs, elas precisam se empoderar, ou seja, entender quem elas são, para poder se aceitarem, E o segundo, o segundo passo para mim, o empoderamento é uma parte de luta, uma luta política e social de enfrentamento ao seu, ao preconceito que você deve sofrer socialmente falando. Então tem essas duas camadas, empoderamento de você, de você entender, essa de quem você é o segundo dessa camada de enfrentamento de preconceito que muitas vezes se você quer acabar usando as palavras pejorativas que são usadas contra você a seu favor, a sua visibilidade.

**Sergio:** Se alguém falar chamar você de bicha, se você está passando na rua e alguém que você não conhece não é um amigo, não é uma amiga, gritar de modo jocoso “Bicha”, como é que fica isso pra você hoje?

**Rô Vicente:** Eu costumo dizer que se a gente fosse se estressar com as violências que sofremos diariamente, meu terapeuta ia ser muito mais caro, com muitas mais terapias por semana. Mas hoje em dia eu levo isso de uma forma tão... Ahhh!! Eu não sei, acho que até de bom humor, então eu não consigo mais, eu entendo que eu preciso saber quais lutas eu quero lutar, quais lutas eu quero comprar, se for uma violência, que vai chegar e partir para um ato de violência assim, para algo maior, obviamente que eu vou ter que corresponder isso de alguma outra forma e aí, de uma forma de proteção, enfim seja chamando a polícia, seja realmente tendo que responder isso de uma forma agressiva. Mas se for só mais um xingamento de mais uma pessoa que passa na rua e que me xingou, aquilo é na verdade, se eu puder responder, eu vou falar assim. E aí, cadê a novidade, qual foi a novidade que você me contou amor? Eu sei que eu sou isso. Eu sei que, eu falo exatamente sobre isso, mas o que tem acontecido nos últimos tempos, assim de me chamarem de bicha exatamente por conta do Instagram, e isso eu fico muito feliz de quando me chamam de bicha por conta do “Bixanarua” por conta do Instagram, por conta do canal do YouTube. Então isso também tem sido uma, um local, até que as pessoas às vezes nem sabem o meu próprio nome, elas não lembram que eu me chamo Rô,

elas lembram do “Bixanarua”, então me chamam de bicha por conta desse nome que eu dei para o meu trabalho. Mas para resumir, eu acho que não me afeta mais tanto, eu compro, eu sei as lutas que eu quero comprar, sabe que é essa específica, a do bicha não é mais uma luta que quero comprar, é algo que eu sou, o que vai ser, que vai existir dentro de mim. Então, se mais uma pessoa se incomoda com essa insistência, é mais o que ela tem que fazer com isso. Se ela quiser discutir sobre isso, se ela quiser aprender sobre isso, eu estou aqui para conversar. Se ela não quer, se ela só quer colocar para fora mais um xingamento ou querer mais um, querer me atacar de alguma outra forma, ela vai estar gastando uma energia que eu não vou corresponder, que não me ataca mais, que não me atinge sabe.

**Sergio:** Confesso que me chama a atenção o nome “Bixanarua” e fico pensando no contrário disso, “bicha em casa”, “bicha dentro”, porque rua é um lugar de fora, evidentemente, quando você colocou esse nome na peça, no coletivo, lá, no seu canal, enfim, nos lugares onde você produziu ações, você tinha essa idéia de “Bixanarua”, ser uma expressão política do lado de fora da bicha na sociedade.

**Rô Vicente:** Jamais! Foi um nome muito claro, assim, qual a intervenção? “Ai, Rô vai estar andando de vestido no meio da Vila Madalena. A gente fez intervenção aqui na Vila Madalena, então na Vila Madalena, ali no Beco do Batman, enfim, as fotos foram tiradas nesse momento. Então o que é isso, é uma bicha na rua, ponto né?” Foi esse nome que foi colocado assim como “Bixanarua”. Esse nome, ele demorou muito tempo para se tornar, por exemplo, o nome do canal, o nome do Instagram, ele foi nome de uma intervenção. Ele começou a chamar “Bixanarua”, que era escrito com “CH” a intervenção é escrita com “CH” e é aí depois de muito tempo, acho que uns dois anos, fazendo já, trabalhando com rede social e trabalhando com o coletivo na rua, eu comecei a usar isso como o meu Instagram. Eu comecei a colocar isso como o nome do canal, o nome do meu Instagram, porque eu entendi a potência política, aquilo, que aquilo tinha em algum momento. Tanto que, durante a pandemia, até o “Bixanarua” continuou, mas tinha o sub-nick “bicha em casa”, porque, para conscientizar as pessoas dizem se as pessoas ficarem em casa.

**Sergio:** Ahhh, tinha o “bicha em casa”? Olha só! Eu não tinha visto, eu falei sem querer!

**Rô Vicente:** É, mas foi durante, durante a pandemia, assim porque eu comecei a criar conteúdo voltado a também entender o quanto a gente poderia criar conteúdo dentro de casa. Enfim, e aí o “Bixanarua” eu entendi que algum tempo depois dessa expressão política, hoje em dia eu sei o quanto o quanto abre embasamento pra outras questões assim, do quanto o “Bixanarua” pode ser exatamente esse sair do armário, esse se empoderar de si mesmo e de estar na rua e ocupar espaços que não são, não são ocupados por nós, mas essencialmente, isso não teve. Todo esse processo não se foi ou não é mais objetivo do ... , Rô vai estar na rua como bicha, então “Bixanarua”.

**Sergio:** É você fala 22 anos você está com quantos anos agora?

**Rô Vicente:** 26, vou fazer 27 anos.

**Sergio:** Vai fazer 27. Só para ter ideia do tempo que você mencionou. Sim, muito bem Rô, se a sua mãe estivesse falando com a melhor amiga dela, o que ela falaria sobre você?

**Rô Vicente:** A minha mãe, fala sobre mim bastante. Ela, a minha mãe. Ela não teve um processo muito difícil assim sobre, sobre mim. Ela foi sempre muito objetiva. Minha mãe é uma pessoa muito objetiva. Ela não é uma pessoa muito carinhosa. Ela é capricorniana, ela é direta, ela sabe o que ela quer, ela sabe o que ela fala e ponto. E então pra ela, por exemplo, eu, eu me lembro de me assumir pra a minha mãe, com 15 anos como garoto gay, eu nunca falei pra minha mãe sobre o meu gênero, ela me acompanha nas redes sociais, ela sabe quem eu sou ela, ela sabe o que é que eu expresso assim e ela me apoia em todos os processos. A ela eu falo, que os meus pais, a minha família em geral, eles ainda me tratam muito no masculino e eu não, eu não me incomodo com isso não, nem um pouco, porque eu ainda me vejo no masculino, em muitos aspectos. Mas, eu vejo exatamente essa questão do gênero fluído estar no meu corpo de às vezes estar mais feminina, onde às vezes está mais masculina e tudo bem. E por isso que eu realmente atendo pelos pronomes masculinos e femininos, femininos e masculinos. Isso me representa e eu acho que o fato dos meus pais e da minha família continuarem me tratando no masculino é o que faz exatamente ser essa pessoa não binária, sabe? Porque se em algum momento eles pararem de me tratar, de me tratar, no masculino, talvez eu vá deixar de pertencer. Talvez a essa parte masculina que ainda está dentro de mim, que eu ainda quero que é que continue, ela em algum momento vai deixar de ser esquecida assim, e eu preciso ter alguém ali comigo, diariamente, falando que eu ainda sou esse garoto, que ainda sou essa pessoa que está ali com essa fluidez de gênero nos dois, nos dois ambientes, nos dois gêneros, masculino e no feminino. Então eu acho que a minha mãe falaria bastante sobre o meu trabalho com qual comunicação, provavelmente eu acho que ela falaria sobre as minhas redes sociais um pouco, do quanto esse trabalho repercute para as pessoas, o quanto eu gosto de me vestir dessa forma. E ela provavelmente por mais que resumiria essa conversa seria: “nossa Rô faz muitas coisas, eu não consigo resumir o que ele faz”, então ela sabe que eu faço muitas coisas que eu trabalho com muita coisa, mas ela não sabe resumir e nem eu sei resumir muitas vezes o que eu trabalho, o que exatamente com o que eu trabalho hoje em dia. Mas eu acho que seria basicamente com a conversa girando em torno do meu trabalho assim.

**Sergio:** Então você trabalha com outros, com outras atividades de comunicação também.

**Rô Vicente:** Sim, sim. O Instagram, ele não dá, o Instagram para mim, hoje em dia ele ainda não dá uma repercussão financeira, uma repercussão de visibilidade. Eu acabei de bater 10.000 seguidores ali no Instagram e tem esse processo de de estar as pessoas, estar enxergando agora, então, durante, eu comecei a criar conteúdo para as redes sociais com 20 anos, hoje em dia estou com 26, durante seis anos, quase sete anos eu fiz, eu comecei a entender o que, qual era o meu local exatamente de criação de conteúdo. Então testei muitas coisas. Eu fiz muitas coisas e muitas coisas deram errado, muitas coisas deram certo. Obviamente, durante todo esse tempo eu colhi muitos frutos, dei muitas entrevistas, eu consegui chegar em muitos lugares importantes, mas eu vejo que só agora, no final do ano passado e o

início desse ano, que as coisas estão começando a tomar uma outra proporção nas redes sociais, que eu estou começando a acessar pessoas, que está começando a tomar uma outra, uma outra camada de visibilidade, assim, que eu quis chegar durante todo esse tempo, é, que eu estou colhendo um outro tipo de fruto agora, então hoje em dia eu ainda trabalho, eu tenho uma oportunidade de trabalhar apenas com comunicação. Então eu trabalho com comunicação para redes sociais, e para um lugar específico, que é uma ONG chamada “Todes”, então eu sou especialista de comunicação nessa ONG e é uma ONG voltada à comunidade LGBT, que teve também um processo muito importante na minha vida para entender como uma pessoa trans, eu conheci a Todes em 2018 e nesse, em 2018 foi o ano em que eu fiz uma formação deles, que chama “embaixadores”, uma formação de líderes LGBTs. Essa formação durou seis meses, ela é totalmente online, porque a Todes não existe fisicamente, é uma ONG totalmente online. E dentro dessa formação a gente fez, eu conheci outras que também eram LGBTs. Eu tinha um consenso até 2018, eu tinha muitos amigos que eram da comunidade, mas eu não tinha esse senso de comunidade esse pertencimento de comunidade, sabe. Então, em 2018, eu comecei a entender e a pertencer a uma comunidade, porque essas pessoas começaram a se aproximar muito de mim. Apesar de serem uma formação nacional e de estarem espalhadas por todo o Brasil, a formação ela foi finalizada aqui em São Paulo presencialmente, então foi, foram três dias de imersão, aonde eu comecei a me sentir mais acolhida, onde eu comecei a me sentir pertencente realmente a uma comunidade. E aí, em 2018, para frente, eu, eu comecei a me entender oficialmente como uma pessoa trans né? E aí reivindicar esse espaço como uma pessoa trans não binária. E aí a criação de conteúdo começou a ser mais forte nas redes sociais em 2018, então foi esse processo de empoderamento que me fez querer falar mais sobre, sobre, sobre mim mesma, de alguma forma do meu gênero, dessa construção de áreas para as redes sociais.

**Sergio:** Nós falamos da sua mãe, mais tem o seu pai, tem mais dois irmãos, né? O que eles diriam sobre você para os melhores amigos deles.

**Rô Vicente:** Sim... O meu pai não diria muito sobre mim não viu, porque eu e meu pai não temos uma relação muito próxima. Não é nem pelo fato de eu ser um, uma pessoa trans. Foi um fato que é uma criação mesmo mais distante, assim, meu pai, por mais que ele more com a gente, por mais que ele tenha nos criado com a presença física dele, ele nunca foi uma pessoa muito próxima, nunca, nunca soube da nossa criação, de nosso crescimento ele nunca acompanhou esse processo de, de ir à escola, de reuniões. Ele nunca esteve presente, até porque ele trabalhava muito e trabalha muito ainda, né? Então não sei, eu acho que ele falaria de mim ou um pouco do meu trabalho talvez, ele não sabe exatamente que eu trabalho com o que eu trabalho mais ele talvez fale do meu trabalho com comunicação, com uma ONG e se limite a isso, não se aprofunde mais pra além disso. Agora, meus irmãos, eu tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Eu acho que tem processos diferentes. Meu irmão, ele teve um processo de entendimento junto comigo sobre isso assim, ele e, a gente também nunca foi muito próximo, meu irmão, são exatamente sete anos de diferença de cada um de nós, porque minha mãe é capricorniana, e até nisso ela pensou, então são sete anos diferentes de cada um de nós.

**Sergio:** Sete pra cima e sete pra baixo?

**Rô Vicente:** Sete pra cima e sete pra baixo. E aí, um irmão, ele tem um pouco mais de 30 hoje, e ele teve esse processo de entendimento também de mim, do tipo enquanto eu estava me entendendo com um garoto gay, ele também está entendendo como, o que ele poderia fazer para me proteger, porque eu sempre vejo o meu irmão sempre me protegendo de algumas formas da sociedade, mas nunca tão direto, ele nunca falou comigo que estava me protegendo, nunca, me protegeu de uma forma muito objetiva, mas ele me protegeu do jeito dele. Então, provavelmente ele deve ter defendido em algumas rodas de conversa de amigos. Isso deve ter acontecido. Eu me lembro de ele namorar, uma vez, uma garota, que não gostava de mim, então acho que ele já deve ter brigado algumas vezes com essa ex-namorada. Acho que já deve ter acontecido sobre isso. Hoje em dia, eu acho que meu irmão ele provavelmente conta bastante, deve saber falar da minha existência para outra, para amigos dele, falando exatamente sobre a comunidade LGBT, eu vejo que ele, é o Rafa, é a pessoa que mais me acompanha nas redes sociais, ele é sempre o primeiro que curte meus Stories, estar ali acompanhando sempre que eu posto, então acho que ele também, ele usa a a criação de conteúdo que eu faço para as redes sociais de uma forma informativa. Então, talvez para levar esses assuntos para rodas e lugares, debates que não existiriam assim se ele tivesse, se ele não tivesse um irmão que fosse LGBT, né?

Já a minha irmã, eu acho que é um outro processo, a minha irmã, ela deve usar isso muito mais com uma forma de “Aí!!! É muito legal porque eu sou pop sabe, eu tenho irmão que não é, não é hétero, não é cis. E ela deve usar isso como uma forma até de, de se colocar de se empoderar, de poder conquistar mais amizades e de furar a bolha, sabe usar isso como uma outra forma assim.

**Sergio:** Agora eu vou levar essa mesma pergunta para outros grupos. Sim, seus amigos, amigas, o que diriam de você? O que falaria sobre você?

**Rô Vicente:** Eu não tenho muitos amigos, eu conheço muitas pessoas assim, mas considero poucas pessoas amigas mesmo, próximas a mim, que eu posso, que, que está ali para desabafar, que eu vou, por exemplo, da minha conta das minhas redes sociais para responder “hater”, muitas vezes eu já fiz isso, tipo, criar conteúdo pra rede social é exatamente isso, estar exposta de alguma forma. Então, por muitas vezes eu recebo “hater” assim, quase todo dia, quase toda semana tem algum tipo de algum tipo de “hater”, de ameaça que eu recebo no Instagram? Então, às vezes, quando eu estou com uma instabilidade emocional muito grande, eu sei exatamente para quem eu posso deixar a, o meu Instagram para poder responder a esse tipo de comentário, esse tipo de xingamento. Mas hoje em dia eu tenho um rol de amizade muito, muito próximo e muito, que eu confio muito, eu conto exatamente nas mãos, são cinco pessoas assim, 5?, Gente, calma ai ... Quatro pessoas, quatro pessoas assim, três que pertencem ao coletivo, ao meu coletivo, que é a Thaís, a Ana e o PH né? Que fazem parte do coletivo artístico “Queer”, coletivo que eu fundei, e uma pessoa que está fora do coletivo, que é a Marcela. E essas quatro pessoas, eu vejo que as quatro vão me defender e vão falar de mim de formas diferentes, mas sempre com, com esse intuito de poder falar exatamente do quanto eu me empodero de mim mesma ao decorrer da minha vida. Então, acho que todas elas vão passar por um processo às vezes carinhoso, mas ao mesmo tempo de fazer de, de quase agradecimento por eu existir em algum aspectos na vida delas assim sabe, porque eu vejo que, por exemplo, dentro do coletivo, nós somos em quatro no

coletivo e aí tem a Thaís e a Ana são mulheres cisgênero, duas mulheres bissexuais e o Ph, ele é um homem cishétero assim, ele não pertence à comunidade e o Ph sempre fala o quanto ele, o quanto a existência, a nossa existência ou a minha existência na vida dele ajuda ele entender outras, as outras camadas de luta que ele não teria acesso se ele não tivesse uma pessoa trans do lado dele, se ele não tivesse uma pessoa que quisesse trazer esse tipo de pauta. E eu acho que essa pauta ela precisa ser trazida para essas pessoas que não estão na comunidade, porque a gente só a gente só vai conseguir avançar para nossas lutas quando a gente conseguir acessar essas pessoas, porque elas são a raiz do problema, foram pessoas cisgêneras e heterossexuais que criaram a transfobia, que criaram a homofobia. Para poder acabar com ela, a gente precisa acessar essas pessoas. A gente precisa mostrar o quanto isso não está certo assim. O quanto isso é violento, quanto essas pessoas estão morrendo no decorrer da vida.

E é exatamente, acho que por isso que tenho o PH tão próximo a mim, não só porque eu confio muito nele, eu gosto muito do PH, mas também é um processo de, de acesso né? É a pessoa que eu mais acesso dentro e fora da comunidade, é a pessoa que eu consigo dialogar e entender o que não é, o que não é dialogável assim. O que ele não entende? Qual é o termo que eu estou usando o que ele não vai entender, então o que essas pessoas também vão acabar não entendendo. Então eu acho que essas quatro elas fariam de mim sempre de uma forma muito carinhosa, mas pontuando muito o empoderamento, pontuando muito o quanto eu luto para reivindicar esses espaços de gênero, dentro da sociedade assim, a Marcela, por exemplo, é uma pessoa que sempre fala sobre isso comigo, do quanto ela traz isso para a família dela, do quanto a minha, a família dela aprende comigo muitas vezes, porque eles me seguem nas redes sociais. Essa pauta não seria uma, uma pauta que ela falaria pra eles, se ela não me conhecesse, né?

**Sergio:** Bom, agora faltou um namorado.

**Rô Vicente:** É que eu não tenho né? (Risos) Por isso!

**Sergio:** Bom, mas pensando nos que você já teve, né? O que eles fariam a seu respeito?

**Rô Vicente:** Então eu tive três namorados, né! Eu tive muito azar, eu tenho azar com homem, né? A gente tem que ter azar com alguma coisa na vida, e foi na parte amorosa que nasceu meu azar. Eu tive três namorados, o primeiro namorado, eu namorei com 15 anos e como eu disse minha história, porque eu, e foi uma forma muito planejada, porque eu me assumi e eu queria namorar logo em seguida, porque eu falei, cara primeiro, eu não sei se eu gosto realmente de homens, porque eu nunca fiquei com homem, e, segundo, que eu preciso colocar isso como verdade, isso não pode ser um boato, “ai não, ele é um garoto gay e nunca ninguém viu ele com outro garoto”, não, isso precisava ser real assim. Então, meu primeiro namorado é que eu considero o melhor namorado que eu tive, foi a forma muito planejada, tão planejada que eu nem gostava dele, então era uma coisa assim do tipo eu quis namorar com ele, exatamente para poder configurar essa pessoa, essa bicha que eu era sabe, pra poder vender essa figura de bicha para as pessoas. Então namorei com ele durante seis meses, assim eu tinha 15 anos, ele tinha 25, meu primeiro namorado foi dez anos mais velho do que eu e a gente namorou



durante pouquíssimo tempo, durante seis meses, e ele, mas ele serviu muito pra mim, de vender essa figura que eu queria vender, dessa bicha, de começar a me empoderar dessa pessoa que eu era. Ele também foi importante pra entender o que eu queria, como relacionamento. Eu queria sim, namorar uma pessoa tão prestativa, quanto ele foi comigo, eu queria conseguir criar uma relação honesta com essas pessoas, mas para isso eu teria que gostar dessa pessoa.

E não era, não era assim com ele, né? Então esse término foi muito caótico, exatamente porque eu entendi que eu não estava, que eu não queria namorar com ele, eu só queria namorar com uma pessoa, só queria ter uma pessoa ao meu lado para poder vender essa figura que eu que eu queria montar, que eu era. Depois, logo depois, eu tive um namoro muito rápido, de dois meses e aí, já com 18 anos e ele tinha 30, na época, eu tinha 18 ele tinha 30, 31 e foi um namoro muito rápido, mas foi o namoro que mais me, me mexeu em algum momento, com a sexualidade. E aí eu começo a entender que a minha preferência de homens mesmo sabe, o que me chamava a atenção em homens e aquilo, aquela relação foi que foi necessária para isso, que o que me chama a atenção em outros homens, fisicamente, psicologicamente falando mesmo, sabe? Então, a primeira relação me alimentou para o relacionamento, o que eu queria no relacionamento e a segunda me alimentou pra o que eu queria nesse companheiro, que esse companheiro poderia ter para para se relacionar comigo. A terceira relação foi a mais longa. Foi durante um ano, um pouquinho, e foi com certeza mais caótica, assim, e com muitos, muitas questões, por ele ser uma, eu estava numa relação muito abusiva, né?

Então essa relação era, era muita música da parte dele, aonde ele conseguia me controlar de uma forma quase que psicológica assim, me moldando a algum tipo de estereótipo que ele queria estar dentro do meu corpo, mas também foi a relação mais profunda que eu tive. Foi, foi um ano namorando uma pessoa com 45 anos, eu tinha 22 na época, então ele tinha 44, 45, foi uma pessoa muito mais velha do que eu. Foi uma pessoa que tinha muitas outras relações, que tinha muitas histórias, mas que dentro da nossa relação a gente conseguiu criar inicialmente uma relação muito bonita, muito, muito aprofundada, onde eu consegui me libertar de algumas amarras que eu tinha dentro de relações afetivas, mas ao mesmo tempo, na segunda camada, no segundo momento da relação eu comecei a entender o quanto aquilo estava sendo, eu estava sendo controlada dentro dela, porque eu fui naquele momento, com 22 anos, que eu comecei a entender que não era, a entender o meu próprio gênero, a entender que eu era essa pessoa trans, não binária. Dentro de uma relação com um homem que me via apenas como um garoto. Então ele, ele conseguia moldar dentro da relação, as limitações que ele tinha com o meu gênero. Então, por exemplo, as roupas que eu usava, a forma que eu me tratava, tudo aquilo era moldado de uma forma muito carinhosa, muito afetiva, que nem eu reparava, que ele estava conseguindo me limitar de alguma forma de pesquisa de gênero assim, então ele começou a me limitar ou ao que eu poderia ser. E eu só comecei a entender isso depois que eu terminei essa relação. Então, eu acho que os três, eles provavelmente falam, devem falar de mim para as pessoas, sempre com essa forma de, de dizer eu não sei se de ter um orgulho de ter me conhecido, talvez não sei, mas de orgulho de acompanhar algum processo de empoderamento, porque todas os três tiveram,

eles acompanharam esse processo; o primeiro namorado com o processo de modelamento de sexualidade onde eu estava ali me colocando como um garoto gay. O segundo namorado, na segunda relação, naquele processo de entendimento como uma pessoa afeminada, eu estava me entendendo como uma pessoa afeminada

e colocando isso pra fora. Foi ali onde eu comecei a entender mais, sobre, quase que eu poderia acessar esse feminino no meu corpo e ele deixava também eu me acessar esse feminino no meu corpo.

O terceiro e último ele, ele teve o total esse empoderamento do gênero, né? Tanto, que ele acompanhou tanto esse empoderamento, que ele conseguiu de alguma forma controlar isso e limitar essa pesquisa para mim. E depois que eu saí dessa relação com 22, quase 23 anos, que eu saí dessa relação que eu comecei a realmente pesquisar sobre isso, a me aprofundar cada vez mais e a experimentar outras coisas no meu corpo, eu entendi o quanto aquela relação estava me, quase me adoecendo por dentro, foi o foram, foi um ano de namoro, assim que eu me sentia muito feio, que eu não conseguia me olhar no espelho muitas vezes, que eu não conseguia me sentir atraente e, eu não entendi o porquê exatamente. Talvez muitas vezes eu colocava exatamente pelo fato de eu estar sem trabalho naquela época, de se ter uma autoestima muito baixa. Mas no fundo era exatamente porque eu não estava conseguindo acessar aquilo que eu era, porque eu não estava conseguindo desabrochar quase sabe, saber, poder acessar a real pessoa que eu fui durante anos assim.

**Sergio:** Bom, se você pudesse falar com você mesmo agora. Pudesse não que pode, né? É uma suposição. É, e se você pudesse fazer três pedidos a esta pessoa que estava à sua frente, que não sou eu, é você mesmo, que pedido você faria para ela?

**Rô Vicente:** Eu acho que o primeiro de não desistir, eu tenho um texto no meu Instagram, que ele está com um destaque, que o título dele é desistir de ser trans. E eu provoquei exatamente isso: se eu desistir toda transfobia acaba? Se a gente se juntar todas as pessoas trans do mundo, se desistir e se adequar a esse gênero binário, esse gênero que é colocado para gente socialmente falando, a transfobia vai acabar. Todo, toda a nossa violência vai acabar. Vocês Finalmente vão aceitar os nossos corpos dentro da sociedade. Eu duvido muito assim. Eu acho que provavelmente essas pessoas vão conseguir achar uma outra mazela para colocar o nosso corpo de novo dentro das margens da sociedade. Então, a primeira coisa que eu pediria, pra não desistir em nenhum momento, eu acho que penso em desistir muitas vezes, acho que sim, eu penso em desistir diariamente, acho que penso diariamente. Pensar, nossa, se eu apagasse tudo, esquecesse de tudo, trocar o meu guarda roupa e voltasse a ser aquele garoto gay de 18 anos lá para trás, sabe, onde eu era só afeminado, sabe gente, eu não reivindicava esse espaço, mas eu sei que ainda assim não vai ser eu, ainda assim, alguém ainda vai me colocar nesse grau de violência, né? Então, acho que o primeiro de tudo eu pediria para não desistir. O segundo pedido, talvez é, para não me cobrar tanto. Eu sei o quanto eu consigo fazer as coisas bem feitas e o quanto eu consigo, o quanto eu sou profissional, o quanto eu sei, o quanto eu estudo, o quanto eu coloco para fora tudo isso que eu pesquiso, que eu estudo, então, às vezes eu me cobro muito a perfeição disso e eu tenho que começar a entender que a perfeição ela é inexistente, ela não vai existir, ela nunca vai ser alcançável. Então, enquanto eu conseguir desconstruir essa perfeição que as pessoas querem que eu tenha, eu vou ser provavelmente uma pessoa mais feliz assim, de não me cobrar sempre, de sempre saber de tudo, de poder estar nesse espaço de discussão, sabe de construir em conjunto.

Eu acho que o terceiro, é de ter um pouco mais calma também. Eu vejo que agora, como diz, o Instagram, o “Bixanarua”, acabou de bater 10.000 acessos, 10.000 pessoas estão me seguindo Instagram. Esse número foi um número que eu quis por tanto tempo, que eu procurei por tanto tempo, que eu queria tanto que, acessar mais pessoas, conseguir alcançar mais pessoas, que muitas vezes eu deixei pra lá as coisas que eu conquistei, né? Às vezes, as várias entrevistas que eu dei para a Folha de São Paulo, para o Estadão, para pesquisas de documentário, de TCCs, de doutorados, as várias vezes que me chamaram para dar entrevistas pra Lives, enfim, para várias coisas que eu fui, que eu conquistei, exatamente por contestar que o conteúdo que as redes sociais, por estar pesquisando sobre isso. E eu acho que agora eu consigo ver com mais calma todo esse processo, sabe? Do quanto foi necessário fazer tudo isso para chegar até aqui, para conseguir conquistar outras coisas que vão ser conquistadas daqui pra frente. Então eu pediria para ter mais calma, que as coisas vão acontecer no seu tempo assim, que as coisas vão ter, que vão, vão acontecer na hora certa, quando elas tiverem que acontecer e que nada vem por um acaso, né?

**Sergio:** Olhando ainda para o espelho, pode olhar pra mim também claro! Diretamente. Sabe aquela frase da Branca de Neve da bruxa malvada “espelho, espelho meu..” Complete a frase “Espelho, espelho meu...”

**Rô Vicente:** “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bicha do que eu?” Olha até rimou gente! (Risos). Amei!

**Sergio:** Boa! Tem algo mais que você gostaria de falar que nós não mencionamos aqui que você acha importante?

**Rô Vicente:** Acho que o eu, eu costumo sempre dizer e sempre finalizar com, com umas questões que tudo o que eu coloco nas minhas redes sociais, que tudo o que eu falo sobre mim é uma visão muito pessoal. Eu acho que o gênero tem essa, essa individualidade da gente tem uma visão muito pessoal nossa, então pode ser que outras pessoas trans não binárias quando fizerem vierem falar sobre isso, vão ter uma outra visão, vão conseguir falar sobre outras questões, porque sim, essa construção é coletiva, ela não está dada em pedra, não está sendo uma construção o que foi pesquisada agora, ela tem anos e anos de existência, então a gente está aqui pesquisando e construindo em coletividade e isso vai se construir e se desconstruir ao decorrer da vida assim. Então, o que eu coloco aqui é uma visão muito pessoal, as convicções minhas. O que eu coloco no Instagram são discussões que eu quero que sejam abrangidas pelas pessoas que me seguem e por outras pessoas, mas que também são pontos de vistas que eu coloco sobre um assunto que eu tenho, né? Por mais que seja um ponto de vista com embasamento, com pesquisa, ainda assim é um ponto de vista. Então, acho que deixar muito objetivado isso, que tudo o que é colocado, que é falado por mim é um ponto de vista é uma vivência minha, vem de vivências pessoais e que a gente está aberto a discussões, a construir em coletividade isso.

**Sergio:** Enquanto você falava, eu falei que era o último, mas, não vai ser, eu menti para você (risos). Imagina que eu vou pedir que você escolha duas idades, uma do passado e outra do futuro. Pode dizer o número...

**Rô Vicente:** Tá, o do passado eu acho que 18, 18 não; 20, 20, uns 20, 20, e no futuro 30.

**Sergio:** O que você diria para Rô de 22, e pra Rô de 30?

**Rô Vicente:** A Rô de 22: “Pode ser calma, tá tudo certo, vai dar certo! Você está indo para o caminho certo. Isso mesmo, essa saia que vc vai colocar ao sair de casa vai causar alguns rebuliços, você vai escutar mais xingamentos do que você já escutou, mas tudo isso é um processo de empoderamento. Então se empodera de quem você é, para que amanhã essas outras pessoas que te acompanham, que te seguem, que te olham também possam se empoderar das pessoas que elas são, né?” E a de 30, acho que a de 30 eu perguntaria se deu certo tudo. Se rolou, sabe? Porque eu acho que eu estou construindo uma coisa que, que eu vou ver daqui pra frente é que eu quero me orgulhar assim, né? Então eu perguntaria para ela tipo: “Deu certo? A gente caminhou para o lado certo, se realmente foi, foi o momento certo de se desafiar, de se, de se criar outros tipos de conteúdos mais, mais polêmicos e mais desafiadores do que você estava querendo antes?”. Enfim, perguntaria isso.

### **ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO: T'ANGEL**

**T'ANGEL:** Eu sou a T'Angel, eu tenho 41 anos, me entendo enquanto uma monstra, uma pessoa trans, não binarie, trabalho com educação na periferia de Osasco e com a arte, sobretudo, com a arte da performance.

**SERGIO:** Então eu vou... Pra gente começar a enxergar plenamente a T'Angel, eu vou fazer uma pequena meditação para gente trazer a nossa presença aqui. Tá bom?

**T'ANGEL:** Claro.

**SERGIO:** Eu vou pedir que você feche os olhos, inspire profundamente, mantenha a atenção na respiração... Sinta todo o seu corpo e usando a sua criatividade imagine que nesse espelho que está na sua frente esteja passando um filme, um filme que tem o título com o seu nome e então você passa a ver desde a sua primeira ou última memória, de quando era um bebê ou criança muito pequena... Você bem pequena, crescendo, passando o filme da sua vida, da sua existência, deixe que o espelho lhe traga toda sua história... Seus amores, suas dúvidas, suas dores, suas convicções... Veja você crescendo no tempo, em busca de si mesmo... Formando a pessoa que você é hoje... Aos poucos, você vai chegando ao momento atual, na idade em que você está... E naquilo que for possível, você vai deixando as memórias e abrindo os olhos vagarosamente... T'Angel quando você olha para esta pessoa, que está no espelho, que é você, quem você vê?

**T'ANGEL:** Uau! Vejo uma pessoa que eu precisei brigar muito para poder sustentar e reivindicar. Então, foi um processo de batalhar constante para a afirmação dessa vida, da forma que ela se manifesta.

**SERGIO:** Que histórias essa pessoa tem para contar?

**T'ANGEL:** Muitas! (Risos). É, acho que é isso... Quando eu fui desenhando a..., bastante com a criatividade, essas memórias todas, desde as primeiras nesse processo de transformação, tem, tem essa marca de uma pessoa que que ela é marcada pelas diferenças. E como que você consegue aos poucos, se afirmando enquanto potência de vida, mesmo, em expansão de vida, dentro desses lugares que não estão mal com as diferenças. Então, por isso que eu falo de batalha, porque é isso. Eu venho de uma família conservadora, pobre de periferia, fundamentalista religiosa e embora sempre me ofereceram todo tipo de afeto e estrutura, ainda que dentro da pobreza e das suas limitações, quando chegava nesse lugar, das minhas diferenças, daquilo que eu era ou do que eu estava me transformando também, tinha uma dificuldade ali, para poder oferecer suporte mínimo, mesmo de "olha estamos com você e não importa o que você seja, está tudo bem", sabe. Então acho que é isso. E quando eu fui desenhando as memórias,

tem esse lugar, mesmo, de quebrar e se refazer, quebrar e fazer, o que eu acho que é reflexo de uma batalha mesmo. Nem sempre a gente ganha e perder também importante para poder se reconfigurar. Então, eu acho que um pouco de tudo isso.

**SERGIO:** Se você falou da diferença, como é que foi para você ser diferente?

**T´ANGEL:** AAAhhh!!! Tinha uma questão que era isso, não tinha plano B, né! Mas tinha uma tentativa de você se enquadrar naquilo que tinha vendiam como verdade, possibilidade. E então você se anula muito. Você se oculta muito, você silencia muito, você se sabota muito ou se autocensura demais para se preservar, para sobreviver. E é uma coisa que você vai fazendo, inclusive inconscientemente. É um instinto de sobrevivência mesmo e que eu fui ter, me apropriar desse conhecimento, muito tempo depois, quando eu já estava com outra casca e é isso. Então você tem uma questão também de infância, porque, embora eu tivesse marcado ali no meu corpo algumas diferenças, ainda era uma criança que todo mundo queria ter perto, porque é uma criança silenciada, uma criança que não questiona nada, não questiona o mundo, qualquer coisa é o silêncio. Então as pessoas querem ter pessoas que não falam perto, que não questionam nada, porque as pessoas gostam de pessoas que são domesticadas. E eu era uma criança domesticada e aí tinha outras questões. Era uma criança branca, sem deficiência. Então as pessoas automaticamente queriam estar perto. E aí o meu ciclo de infância era casa, igreja, escola e nessas instituições esse corpo era um corpo que tinha ali essas correções, porque dava sinais que não era normal. E, e aí tinham ali as pontuações: “Olha, não faz isso, não senta assim, não fala assim, não brinca com isso, isso não é para você, está errado, está errado”. Então você vai incorporando isso até se dar conta que isso não faz sentido e você começa a escapar. Então, para a gente, enfim, desse lugar da diferença que eu venho e não venho de um lugar só, mas de um que é muito forte, é a margem que vai puxando a gente como lugar mesmo de acolhimento para a gente poder se re-fazer. E para mim foi mais ou menos assim. Então a infância teve esse lugar de correção, de domesticação, ao mesmo tempo de um corpo que as pessoas querem ter perto, porque essa criança angelical que todo mundo cria, como padrão universal, perdão, gente que eu, um microfone que... O corpo quer falar... (Risos)... Então tinha, tinha esse padrão de uma criança universal e tal, mas eu tinha consciência que aqui não era lugar de segurança algum, não é à toa que eu me ocultava demais lá, tentava me camuflar, tentava fingir que era normal tentava um monte de coisa, falava pouco. E é, é uma marca que carrego até hoje. Eu tenho um desafio para falar. Não é aqui que a gente está num lugar seguro de conversa, mas, por exemplo, escola, universidade, cursos, eu sou a pessoa que não fala e ainda eu acho que é uma marca desse momento, que a minha fala era ocultada por uma forma de proteção mesmo assim. Falar, e como eu falo com o corpo inteiro e a voz afeminada, era uma forma de me poupar de algumas violências que eu não tinha estrutura para lidar, não sabia lidar, ou não entendia o que as pessoas estavam dizendo naquele momento. Acho que é isso.

**SERGIO:** Quando você percebeu que começou a falar então.

**T´ANGEL:** Na adolescência né, adolescência é esse lugares esse momento que é um vulcão de emoções, de hormônios e de expansão da vida mesmo, né? E então, tudo aquilo que eu abafava escutava, eu falo “Ops! Acho que eu não quero mais deixar dessa maneira. Eu quero dar vazão, eu quero que as coisas saiam de mim, assim”. Junto com isso, eu começo a me encontrar com esse universo da modificação corporal e que foi para mim um encontro fundamental, que é onde eu vou entender que eu tenho um corpo e que esse corpo é potente e até então não via assim. Então tem esse movimento mesmo de entender que agora a coisa pode deixar fluir e que eu tinha um corpo e que eu tinha um corpo que ele era potente, é... Então tem esse movimento da modificação corporal, tem esse movimento da própria adolescência de questionar tudo. E tinha também esses encontros já com pessoas parecidas. Então já começo a sair da periferia e ir para outros lugares que tinham pessoas como eu e para a noite, para a festa e ir para essas rotas de fuga mesmo assim, pra poder se perder e se encontrar (risos). E aí, na adolescência foi esse momento, e para mim é o lugar de, de grande reflexão assim porque, e eu sempre falo em aula e palestra que eu vou dar... Eu era a criança dócil, que todo mundo queria ter perto e de repente eu vejo uma monstra na adolescência, é muito aquela metamorfose do Kafka, e então, de uma hora pra outra você acorda e o seu corpo? Ele já não é mais bem vindo em lugar nenhum, nem na igreja nem em casa, nem na escola, nem no trabalho, nem na rua. Então, esse corpo que ele é um monstro e tem que ser repellido, tem que ser colocado num quarto escuro, um grande inseto e eu também demorei para poder elaborar isso da forma que eu elabora agora. Então eu me entendo enquanto uma monstra hoje, eu acho que para além de todas as marcas que eu tenho, acho que me auto declarar monstra é o que mais se aproxima daquilo que eu consegui elaborar para a minha vida até aqui e é isso, vem desse, desse lugar mesmo, dessa transição infância e adolescência e ao mesmo tempo, de romper com essa repressão e opressão que me roubava a fala, que me roubava um corpo, que me roubava uma vida, que nos roubava uma vontade de viver inclusive, né? Foi um desapego.

**SERGIO:** Você esta dizendo que hoje você é uma monstra?

**T´ANGEL:** Eu sou uma monstra. Eu me reivindiquei monstra.

**SERGIO:** E qual a diferença em ser monstra hoje e ser monstra dita pelas pessoas antes da sua adolescência, antes de você assumir que sou monstra?

**T´ANGEL:** Tem uma questão de apropriação mesmo, é de elaborar um repertório para sustentar isso. Acho que, igual quando eu falei, eu ouvia coisas na minha infância que eu não entendia exatamente o que queria dizer. As pessoas sabiam de coisas que eu não sabia, né? Obviamente o que cada qual está num tempo. E aí eu era uma criança e aí ouvia coisas de gay, de doença, de perversão. E eu ficava, gente o que essa pessoa ta dizendo? Não entendia. Então eu não tinha uma sexualidade definida e as pessoas já tinham definido por mim e manifestavam isso por meio de violência. Então é isso, esse lugar de “olha que monstra, ela é uma

pervertida!”, E eu falo “caramba! Eu não sei o que vocês estão dizendo ainda”. Na adolescência esse lugar também de “péra lá gente! Tava tudo bem até agora eu podia ficar aqui, agora eu não posso mais. Antes me convidavam para ir em casa, agora não me convidam mais”. Então é isso! Tem quebras muito significativas que a gente vai entendendo ao longo do processo. E é aí, eu me quebrei muito, me quebrei muito em muitos lugares. Costumo dizer que eu morri muitas vezes pra poder me reelaborar, me reconfigurar mesmo. E aí essa re-elaboração, essa reconfiguração, ela veio em formato de uma monstra, apropriada, reivindicada, ressignificada, porque normalmente a gente tem também essa associação do monstro, da monstra, com aquilo que é perverso, e aí a gente vem com uma outra proposta, vocês diziam que eu era agora eu estou dizendo que eu sou, tenho outro lugar e muito próximo também do que o próprio *Queer* fez . Assim, o *queer* era uma palavra estritamente ofensiva, desumanizadora. E as pessoas... Ops! Estão falando tanto que a gente então a gente é *Queer* mesmo. Então é uma afirmação mesmo, dessa vida. Então, no meu caso, dessa vida monstruosa, as pessoas olham, elas não conseguem entender muito bem o que é, homem, mulher, é humano, não é humano, é marginal, o que que é, é doente, que é esse corpo? As pessoas ficam confusas quando me veem e de novo, na maioria das vezes, essa confusão se manifesta por meio de violência, segregação, exclusão. E aí eu estou dizendo ops! Não quero participar dessa festa. Eu sou uma monstra mesmo e tá tudo certo assim. Eu quero reelaborar também outros contextos, outras possibilidades e lugares que as pessoas não precisam ficar com medo de com medo de freqüentarem e serem quem elas são. De novo batalha, tem que brigar para poder construir isso, assim. Pra si e para as outras pessoas, como quem veio antes de mim fez também. Então é um processo de filme, de eco, que vai sendo construído.

**SERGIO:** O que faz uma monstra nos tempos de hoje? Uma monstra no conceito atual.

**T´ANGEL:** É que é isso? Eu acho que, que são narrativas e possibilidades. No meu caso, essa grande afirmação da diferença, no meu entendimento. Assim, se a gente pega lá, enfim, a origem da palavra monstra, aquela que mostra, então, mostrar uma possibilidade de diferença numa configuração de mundo que extermina as diferenças. Que lida muito mal com as diferenças. E isso é, para mim, é uma virada de chave. E as pessoas que também carregam algum tipo de diferença, elas se sentem automaticamente também não contempladas, mas, enfim, percebem algum sentido nisso, nessa afirmação elas conseguem também se autoafirmar, assim como comigo foi também quando eu via, quando eu era adolescente ou mesmo criança, que eu via algumas pessoas esquisitas. Adoro a palavra esquisita. E falava uau! Isso faz tanto sentido pra mim! Essa corporalidade, essa possibilidade, essa festa que é esse corpo. Hoje eu acho que tem um pouco disso comigo e, mas assim, o grande resumo é que é uma vida muito simples. No meu caso, uma vida muito simples trabalhar, estudar, pagar os boletos, é tentar desfrutar a vida, desfrutar o tempo desfrutar os momentos de escutar as pessoas, viver em harmonia com tudo



diferente, entendendo que se é parte muito de mim assim, tentar transformar não só externamente, mas internamente também porque esse mundo é isso, é uma configuração muito perversa. E aí eu vou mudando algumas chaves em mim para poder melhorar enquanto mostra, enquanto ser, e trabalhar também, entendendo que, que, que é uma missão que é colaborar para que essa configuração de mundo ela seja hackeada. Então eu trabalho com educação, não à toa, trabalho com arte, não à toa. São lugares que têm um poder de transformação muito forte. E é aí onde eu fui me encontrando e conseguindo retornar inclusive para esses espaços, depois de me reelaborar. Talvez se eu seguir esse caminho normativo da vida que espero normalmente, que é escola, a universidade, trabalho, não teria conseguido, não teria estrutura para dar conta. Então eu precisei pensar em parar de estudar, terminar os estudos de uma forma muito precária, ir pra rua, ir pra noite, para viver com o mundo, com gente como eu. Depois de um tempo, ir para a universidade já com uma outra cabeça, com uma outra estrutura pra aguentar o baque da universidade, para depois ir para a escola e falar, porque a escola é um lugar muito violento. O Paul B. Preciado, que é um filósofo espanhol, trans, ele vai dizer que a escola é um ringue de batalha que vence quem faz o sangue correr. E eu tenho plena consciência disso porque vivi aqui um lugar que me desumanizou e voltar para esse espaço, sem ter uma casca, sem ter um repertório, outro repertório, uma malícia mesmo. Não agüenta, porque o tempo passou, mas essas violências ficaram ainda cristalizadas. Eu vejo adolescentes e crianças passando por violências que nem eu passei de tão graves que são. Então eu vejo a ausência de corpos trans, travestis, nas escolas. Isso é gritante, é um barulho pra mim assim, sinaliza muita coisa, que a gente mudou, mas não mudou tanto, melhorou, mas não para todo mundo, então como a gente consegue por meio da monstruosidade, porque a humanidade falhou, a humanidade, ela tem falhado, enfim, sucessivamente. E então eu acho que talvez a monstruosidade seja isso, um lugar que consiga fazer de fato uma, não talvez uma transformação, mas uma grande provocação para que a gente saia da inércia, que tem muita gente junto uns contra os outros. Não dá para ficar esperando mais. O nosso tempo de vida é outro, né? Nosso tempo de vida é curto. Se a gente espera, a gente morre e não vê a coisa acontecer. Eu tenho consciência disso.

**SERGIO:** Você falou de missão... A tua missão, pelo que eu pude perceber, você transformou a sua própria dor, assumindo os nomes que te foram colocados e, de uma certa maneira isso virou uma bandeira para você, um sentido de vida. Trabalhar na direção de implantar consciências com relação à diversidade. É isso?

**T'ANGEL:** Também, também... Eu acho que se for pensar em bandeira, eu acho que essa grande bandeira da vida mesmo né? Das vidas no plural, porque é isso, é uma falha constante, a gente pensa e quando pensa, não pensa em tudo, alguns grupos a gente tem falhado, alguns grupos de pessoas a gente tem falhado demais assim. Então, eu sei que a própria presença do meu corpo no espaço institucional, ela já gera um ruído ali, as pessoas elas se incomodam, elas não, elas não aceitam de bom grado as que têm um corpo como a meu dentro de uma escola, por

exemplo. Mas e minhas crianças, quem protege as crianças? É curioso que quando eu era criança, ninguém pensava em me proteger. E é isso também, de novo Paul B. Preciado que vem questionar quem protege a criança *Queer*, e a gente pode pensar, *Queer* e pensar as outras diferenças, inclusive nas crianças com deficiência, as crianças, quilombolas, indígenas e por aí vai, assim. Então o meu trabalho, isso em escola, enfim, chãos, né? Porque além da escola que eu trabalho de forma fixa, eu tenho circulado por outras escolas. Então, é isso é levar esse corpo com esse repertório que foi sendo construído para a gente poder mexer nessas consciências, tentar olhar aquilo que não está ali e olhar também aquilo que está ali, porque a gente tem o, o, que é uma marca da nossa falha nessa configuração de mundo, é sempre no outro. Então a gente vai falar de alguma violência que envolve algum grupo de pessoas, envolve alguma diferença é sempre fora parece, sempre na casa do vizinho, é sempre na escola do vizinho, é sempre em outro país. E às vezes está ali, na sala de aula ali com a gente, na sala das professoras, com a gente. Como que a gente consegue elaborar mais essa consciência para olhar. E talvez olhar pra si também, porque está dentro da gente, com a gente, a gente vive num mundo com essa configuração perversa. A gente vive num país muito violento, construído em cima de violência. Não é possível passar ilesa por isso, assim você tem uma marca dessa gente também. E aí a gente tem que falar e falar, porque eu não quero isso. Não quero carregar essa marca. Não quero continuar filmando essa violência. Não quero sustentar esse tipo de pensamento. E dói, né, uma coisa você apontar o dedo para outra pessoa, outra coisa você olhar para si, falar eu tenho que tirar isso de mim. Tenho que melhorar isso em mim. Exige humildade, exige lidar com dores que a gente às vezes não quer lidar. Mas é um trabalho fundamental, que a gente demorou já para fazer. Então, enfim, tento, acho que a minha luta, o meu trabalho, o meu esforço é pra tentar. Eu acredito muito na micro-política. Eu acredito muito nas micro-ações, nos micro-afetos, enquanto potência catalisadora de transformação. Então, de repente, eu vou fazer uma performance que tem dez pessoas assistindo. Se uma sair mexida com alguma coisa, aconteceu, tá ok, se numa sala de aula que tem 40, tinha uma pessoa, consegui olhar a uma outra diferente dela e diferente dela, obviamente, mas com tranquilidade, sem se sentir agredida ou ofendida, tá ótimo já. Então eu acho que isso eu não tenho aquela coisa da branca salvadora, aí eu vou salvar... Não, nada disso assim. Mas eu gostaria de, e faço isso, de tentar melhorar um pouco dentro daquilo que eu consigo, dentro daquilo que eu estudei, que eu trabalhei e que eu vivi, que é uma troca né, viver é uma grande troca, viver em sociedade, uma grande troca, e aí esse lugar é o meu lugar de contribuição. Assim eu posso contribuir com isso pra um lugar que eu estudei. É um lugar que eu vivo e é um lugar que a gente falhou, então vamos tentar trocar isso. Talvez por isso que estou aqui hoje para trocar... (risos).

**SERGIO:** T'Angel, quem são os outros?

**T'ANGEL:** Os outros, os outros são os outros. É tudo aquilo que está fora da gente, a grosso modo, assim. Mas a gente pode pensar os outros também, como aqueles

que não fazem parte de determinado grupo, se a gente for pensar. Então a gente está pensando na comunidade LGBTQIA+, são as pessoas que não estão dentro dessa comunidade, pensando na comunidade indígena são as pessoas que não são indígenas e por aí vai. O que eu penso é que os outros não precisariam necessariamente ter uma relação antagônica ou de guerra. Como a gente vive. Mas o mundo não foi configurado assim. Ele não foi construído assim. Infelizmente né!, Então cabe a nós, assim como quem veio antes da gente brigar para que isso seja transformado. A gente avançou em muitas questões, mas sabe tem muito para fazer e a gente tem muito trabalho e acho que a gente retrocedeu muito nos últimos anos. A gente tem visto coisas que a gente não deveria ver mais, porque é isso foram erros muito graves que a gente viveu e morreu. E a gente começa a ver de novo essas coisas surgindo com simpatia por uma grande massa de pessoas, e aí, eu acho que péra lá, a gente tem que voltar um pouquinho mais para conversar de novo e conversar mesmo. Eu acho que a gente, inclusive, que perdeu a capacidade de conversar. É muito difícil diálogo hoje, as pessoas hoje estão bem fechadas nas suas bolhas e qualquer idéia aqui que venha, que seja uma divergência, normalmente gera um conflito, então... Eu amo conflito, primeiro eu sou professor, eu lido com a divergência o tempo inteiro e eu sou uma monstra, então o conflito faz parte da minha configuração de ser também assim. E assim como eu acredito na micro-política, acredito no conflito para que a gente consiga sair desse lugar de inércia mesmo, ainda que seja uma inércia da consciência. Então é isso, os outros são os outros e somos nós também (risos).

**SERGIO:** Olhando ainda para essa pessoa aí no espelho, pra esta monstra, como você descreveria a sua história?

**T'ANGEL:** Hummm! Acho que a primeira palavra é essa que eu já falei que é da batalha, a primeira coisa trata disso. Tem uma questão que me incomoda bastante assim, que quando a gente olha para algumas diferenças, as pessoas elas gostam muito do discurso da superação. Olha lá, ainda mais no nosso país, que essa coisa da meritocracia, cola bem a superação e eu acho uma grande cilada e uma grande bobagem. Então, eu acho que é isso que eu penso, a minha história, é uma história de batalha para poder de fato se afirmar e continuar com vida, de encontro também é uma história de encontros muito poéticos, a poética da vida é maravilhosa, que potencializa mesmo a experiência passageira por aqui, assim. Então, batalhas, encontros, poesias, cair, levantar, dançar muito. A gente tem que dançar muito pra dar conta. E eu acho que é isso, assim... Eu sou muito criativa, então enfim, tenho que ter poesia na vida, senão não dou conta. O mundo é feio, é perverso, e aí a gente precisa encontrar esse lugar de péra lá! Vamos fazer uma poesia disso aqui, que é isso? Lamber a ferida mesmo. Lamber ferida, é pegar a dor lá de dentro, e falar olha, vamos conversar um pouquinho, como a gente consegue ressignificar isso? Como a gente consegue levar isso para o outro lugar e trazer potência né? Sair desse lugar também, da dor? A dor é um campo que me interessa muito, mas ao mesmo tempo não como uma prisão, como um lugar de trampolim. OK, ela

existe, ela faz parte da vida, mas ela não me define, ela não me aprisiona, ela me leva para outros lugares assim, e aí é isso, vai dançando com todas essas peças montando uma coreografia caótica, caótica.

**SERGIO:** Imagina agora que a sua mãe ou o seu pai, ou mesmo todos da sua família, eles estão conversando com os melhores amigos deles, sua mãe e seu pai. Não sei se você tem irmãos, irmãs. Algo sobre você, o que elas fariam a seu respeito?

**T'ANGEL:** Pensando agora?

**SERGIO:** Você pode colocar no tempo antes e talvez agora.

**T'ANGEL:** Se for pegar a infância, isso! Era o anjinho da família. E era isso. Na adolescência: “gente! Não vai ser ninguém, deu errado, a gente se perdeu, deu ruim”. E aí na fase adulta já é: “péra lá! Mudou, mas não mudou, a gente achou que não ia acontecer nada e tá indo”... E aí se você pensa agora, agora, agora, eu acho que é um lugar, um olhar de orgulho assim. Eu acho que é porque, apesar de tudo, eu continuei viva, que eu acho que já é uma grande rebeldia nesse sistema, continuar com viva. E continuei com uma vida potente assim, que é isso, na quebrada os meus amigos morreram, assim, uma vida torta então não esperam muito da gente. Aí, ainda depois da adolescência, eu fui pra noite, eu fui pra para esse lugar, que era o lugar da marginalização mesmo. Então a expectativa era zero. Então vê que teve esse movimento todo pra chegar agora, trabalhar com educação, continuar estudando, produzindo arte e ter um reconhecimento por isso, acho que daria lugar de orgulho. Dar... O meu pai já é falecido, a minha mãe também; a minha mãe, ela pôde acompanhar um pouco mais o processo, mas eu vejo pela minha irmã, pelos meus sobrinhos e sobrinhas. Tem esse lugar de olhar como: “Hummm! Que legal a tia esquisita!” E aí eu fui a primeira pessoa da minha família a ter universidade, a ter pós-graduação. Não tem outra referência, assim... Olhar para onde eu saí e chegar onde estou chegando, onde eu estou agora assim, é um grande movimento. E eu não consegui sozinha, consegui justamente porque eu tive essa base na minha família. Sei que se dava mal com a minha diferença, mas ao mesmo tempo me dá o suporte, casa e comida pra poder dá conta, mesmo depois, na adolescência e na fase adulta, não entendendo, a minha mãe morreu sem entender, o que eu acho ótimo, não tem que entender mesmo, nem eu entendo, se ela conseguisse eu ficaria surpreso. Mas ela tinha esse lugar de apreço. Não gosto do que você faz, eu não entendo o que você faz, mas eu percebo que faz sentido pra você. Era mais ou menos isso, assim. Não com essas palavras, mas o gesto, a coisa acontecia assim, e é isso... Então é uma forma de apoio também, de estar ali, né? E é assim que eu consegui, talvez não tivesse essa estrutura, não tinha dado a sorte que dei, com os meus amigos não tiveram a mesma sorte. Então é isso. Então acho que tem essas camadas todas. Tem a criança anjinho; adolescente, meu Deus! Pane no sistema; na fase adulta que falar que está tudo bem e acho que agora né, madura, uma jovem senhora, ahh ela é esquisita, mas, deu certo. Ela virou alguém.

Que é isso, por muito tempo tive muita raiva da minha família. Tinha uma raiva porque também me roubavam a humanidade e me roubavam a vontade de viver assim. Era um lugar que não me ofereciam segurança. E aí é difícil assim você ouvir algumas coisas que te afetam assim visceralmente, né? Muito conflito e tinha raiva, tinha muita raiva, que acho que é um sentimento que também faz parte. E é depois de um tempo amadurecendo, eu fui entendendo que a minha família era tão vítima quanto eu, o sonho da minha mãe era ser professora, ela conseguiu fazer só o primário, porque na época delas mulheres não podiam estudar, e ainda hoje alguns países as mulheres não podem estudar, mas estamos falando do Brasil, há alguns anos atrás minha mãe não podia estudar e o sonho dela era ser professora. E aí é isso. Meu pai também baixa escolaridade, vivendo na periferia. E aí vem a igreja e come o cérebro dos dois. Então, de repente, tudo é pecado, é demônio, tudo é espírito. E é aquele ensinamento básico de amar aos outros, como a si próprio, não tinha. Chegava assim, a gente ama todo mundo, vai até, até ali na terceira vírgula. E aí você fica péra lá! Vai tanto na igreja, todo dia. Então tanta santidade. Mas chega nessa parte mais básica da relação, falha! Então eu tinha raiva, tinha raiva. E aí depois entendi que eram vítimas como eu, dessa configuração de mundo e falei vamos lá! Vamos melhorar! E aí é um processo maravilhoso, que é esse, de desconstruir e de reconstruir, aquilo que eu falei de criar outros contextos. Eu fui entender depois também, porque eu falei, eu saí da periferia e ia pra centro e ia para outros lugares, ia para a exposição, quando estava estudando. Tinha acesso a coisas que minha família não tinha. Então, para mim era mais fácil lidar com algumas coisas. Tinha uma questão de geração, mas tinha questão de acesso também, é minha família não. E olha que continuava ali no nosso bairro e igrejas só. Então o mundo que, que havia era esse, bem limitado. Então é óbvio que é até conflito sim, mas a nossa relação ela foi gradativamente transformando conflito em afeto. Afeto nunca deixou de existir, mas o conflito constante também dá uma estranhada, num lugar ruim, mas a gente foi passando, assim, e aí a gente foi passando por esse processo de transformação, entendendo que era isso assim, era só uma manifestação da vida, diferente talvez daquilo que eu esperava das expectativas que eu criei, mas era uma manifestação da vida. E viver isso é muito, muito forte. Porque a gente faz isso, a gente diz que não é capaz de mudar, não vai conseguir mudar porque já tá velhinha... Muda, muda... A minha Vó, tinha, sei lá, 85 anos, tinha 75, 80 anos e me olhava com amor, sabe assim? A gente sente amor no olhar da pessoa assim, e vivia isso com o meu pai, com a minha mãe. Então eu tive a chance de ter esse grande conflito e usá-lo de uma forma, pela professora e usar de uma forma pedagógica para poder melhorar as relações. E elas só foram transformadas porque eu tinha muito amor, amor genuíno que não é... Eu acho que tem uma coisa sanguínea obrigatória quase... "Ahhh! Tem que amar porque é do mesmo sangue!" A gente não ia, não foi por esse caminho a seguir. Tem que amar porque era a genuína coisa que tinha uma história. A gente queria se cuidar. A gente queria aprender, a gente queria entender. E aprender dói também. Aquilo que eu falei antes, tem que olhar para si e perceber que tem que mudar alguma coisa que

você tinha como uma verdade absoluta. É um processo dolorido que leva tempo. O meu tempo foi mais rápido porque, como eu falei, eu tava fora, tava nas margens já, minha família não, foi preciso de um pouquinho mais de tempo, mas deu tempo. É uma pena quando eu percebo que tem pessoas que não conseguem ter tempo ou porque desistem ou porque o tempo é mais sagrado e leva a pessoa embora, ou porque surge uma outra eventualidade e é essa experiência de transformação, ela é impossibilitada. É lamentável, o grande privilégio de poder viver, poder viver assim. Da mesma forma que eu carrego as dores, eu carrego valores também. Longe de uma visão binária. Mas, enfim, é isso (risos)

**SERGIO:** E os seus amigos, amigas, o que fariam sobre T'Angel?

**T'ANGEL:** Nossa!! Ahhh! Eu não sei, eu não sei, eu não sei... Eu penso que, assim, o meu ciclo de amizade mais próxima é a minha família, na verdade. Minha família acabou. Minha vó morreu, minha mãe morreu, meu pai morreu. Tenho minha irmã, meus sobrinhos, assim... E tenho o meu ciclo de amizade muito próximo que é a minha família. Inclusive porque quando a minha família não sabia lidar comigo, não tinha ainda conhecimento, não tinha estrutura, eram essas pessoas que me acolhiam, que me davam o ombro, que davam colo, que me ajudaram a não desistir, que me incentivavam, que me empurravam para ir pra frente, para ir pro alto. Então é uma história muito, muito bonita. Também é assim. Eu não sei o que eles diriam assim. Mas, eu tenho a presença dessas pessoas comigo. E aí eu acho que isso diz tanto também, pensar que eu tenho amigos de 20 anos, 25 anos e que a gente tem esse prazer, ainda está nesse espaço, às vezes em silêncio. Mas, só a presença ali, naquele quentinho do coração, sabe? Eu acho que isso diz muito, muito, muito. Eu não sou uma pessoa fácil, né? (risos) Sou uma pessoa um pouco difícil, um pouco complexa, e essas pessoas não desistiram de mim, muito pelo contrário, não sei o que diriam. Eu acho que eu não me importo muito com o que diriam, mas saber que estão comigo até hoje talvez seja melhor do que qualquer palavra, que a presença, essa presença da forma que ela se manifesta, ela é crucial, assim, porque é uma história, uma história, uma história de mesmo assim, de famílias, uma família que foi sendo construída e a gente ouve muito que não pode se apegar ao amigo não, porque na hora do perrengue o amigo some, fica doente para você ver... E eu assim não tenho o que falar na alegria e na tristeza, mesmo nos dias mais sombrios, assim, tem sempre uma mãozinha ali dizendo vamos sair desse buraco, vamos continuar, quando tem alguma coisa também, com muita iluminação com fogos de artifício, glitter, muito glitter, tem lá as mãozinhas, batendo palmas também. Fulano, isso a gente está aqui com você. Isso é poderoso, poderoso. Gostaria que mais pessoas e eu sei que tem muita gente que vive isso, pudessem desfrutar disso assim, com a potência que tem. Não sei o que seria de mim sem essas pessoas, talvez não estaria aqui agora. E, o que eles dizem, é o que eles dizem (risos).

**SERGIO:** O que é ser uma pessoa difícil... Que você falou complexa?

**T´ANGEL:** Ahhhh! Eu sou complexa porque enfim, acho que primeiro tem essa coisa do silêncio. Eu sou uma pessoa mais... Eu preciso do silêncio. Eu preciso, eu preciso da solidão ali para escrever, para criar, pensar. E as pessoas não entendem, não essas pessoas que eu falei agora, mas as que tem dificuldade de entender isso. A gente vive numa sociedade hiper agitada, hiper-conectada. Então, quando alguém falar péra lá! Precisa ficar em silêncio. E para mim o silêncio é libertador, é importante. A minha solidão também é fundamental, assim eu preciso ter, assim. Acho que eu não teria criado nada do que eu criei até aqui, sem ter esses momentos. Não é? Não é eterno, não é para sempre, mas em alguns momentos eles chegam com mais força, outros momentos mais leves. Mas tem ter esses momentos assim, e sou péssima com comunicação, então ok, é isso é Whatsapp, Facebook, Instagram, Twitter e tudo e tem hora que eu não dou conta. E eu percebo que as pessoas não dão conta, que é muita coisa mesmo. Mas aí tem gente que se incomoda e isso. Tem uma dificuldade também de visitas, essa coisa de ficar indo constantemente assim, justamente porque eu preciso desse outro tempo. Gente, eu não consigo viver sem contemplação sabe, igual eu cheguei aqui, tinha um jardim e eu fiquei parada ali uns cinco minutos olhando eu falei... Caramba! Eu amo. Não é a toa que eu tenho também um monte de planta dentro casa, porque é isso, é um... É uma conexão que precisa acontecer dentro daquilo que eu sou, sabe? E isso me acompanha desde sempre. Minha mãe me perdia em casa. Quando ela me encontrava eu tava num canto, mexendo com caixa de papelão, criando alguma coisa, cantando uma música que não existe, é isso. Então, tem esse lugar aí de dificuldade em que as pessoas se decepcionam, eu já percebi também, alguns se decepcionam, porque veem na rede social a imagem, a super explosiva, brava e blá, blá blá, blá! E aí começa a conversar e de repente tô num dia que eu quero mais ouvir. Eu adoro ouvir as pessoas. E aí eu quero ouvir, só quero escutar... E aí as pessoas: “Mas, vc não fala!” (risos). Mas, pra mim é importante escutar também. As pessoas falam demais e escutam pouco. Eu quero te ouvir só. Ou espera que eu esteja virando cambalhota e eu quero ficar no chão, deitada, curtindo um sol e ouvindo o passarinho cantar! Isso é complexo! (risos).

**SERGIO:** Bom, agora faltou amores...

**T´ANGEL:** Amores.

**SERGIO:** O que amores atuais ou do passado, fariam a seu respeito?

**T´ANGEL:** Uhh! Depende da fase também penso assim, é talvez tenha amores que não vão querer falar sobre... Que eu não fui uma boa pessoa. Aquela coisa de toxidade também está na gente, né? Em alguns momentos a gente tem que olhar para isso. Eu tenho, não sei o que acontece, mas, grande parte dos relacionamentos amorosos se transformam em amizades, então também tenho a sorte de ter pessoas que eram amores e continuam sendo amores, em outro lugar agora, no passado, e eu acho incrível. Até um tipo de maturidade importante você conseguir também reconfigurar essas relações para um outro lugar do afeto, do amor, assim. E do

presente, eu não faço ideia, não faço ideia também. Também acho que não me importa muito, acho que a presença, eu pensando muito na presença, enquanto palavra, enquanto palavra que age, mais do que ficar pensando no que diria, assim... Mas, olha! Eu acho que é bem por fase mesmo, tá gente! Teve momentos que eu não era muito legal assim (risos). E ainda hoje tem momentos que a gente não tá bem, né? Não é uma coisa linear, é um caos, é um caos, é um caos... É isso! Por sorte, a grande maioria está até hoje comigo em outros níveis de amores aí.

**SERGIO:** Muito bem, deixa eu pegar minha cola agora que eu já esqueci (risos)... Muito bem! Se você pudesse falar para aquela pessoa do passado e para uma pessoa do futuro... Eu vou pedir que você me diga um número do passado de uma pessoa que você foi, aquela garota de dez, 12, 15, não sei. E também para a T'Angel do futuro. O que você diria para esta pessoa do passado e para a do futuro?

**T'ANGEL:** Uauuu! Acho que para a do passado, eu não sei, eu não sei... Vou fazer o exercício, mas eu penso mais em dizer... É isso né, é muito agora. Nesse momento, eu posso dizer agora assim, mas bem num exercício de criatividade, eu vou pegar lá meus sete anos assim que é início de fase escolar, mas eu entrei antes no pré, mas é isso, por essa fase aí. Que as manifestações de que seu corpo é errado começa a aparecer com mais frequência e mais força. Eu diria para essa pessoa que, primeiro que ela tem um corpo e que esse corpo, ele é potente e para ela explorar ainda mais, Nossa! Imagine se eu soubesse disso lá, eu poderia ter se tornado uma grande bailarina, uma grande... Sei lá o que! Assim, mas o sistema não me permitiu, a gente perde, perde... Então, enfim, eu acho que tem que partir disso a partir desse corpo, da potência, desse corpo, para poder potencializar a vida, sabe? Que ela não é uma, uma configuração de ser que está fora de alguma coisa. É porque, mesmo que estivesse, estaria tudo bem, que ela importa, que essa criança importa. Então eu acho que é isso. Gente! Como eu neguei meu corpo, vocês não tem noção. É muito, muito, muito radical. Enquanto que esse corpo ele foi.. por conta da religião sobretudo, que o corpo é esse lugar de pecado, de vergonha que nós temos que esconder assim. E é quando você é um corpo dissidente ainda, tem esconder muito mais, você tem que ocultava muito mais, para aparecer, ter uma passibilidade de normal, de normalidade, que é uma farsa. E essa criança ela não sabia na verdade nem adolescente, demorou muito. Então é isso. E pra, do Futuro. Calmaria, calmaria, calmaria, é o que eu diria, Desfruta, desfruta, desfruta, o tempo está acabando. As pessoas tão indo embora, então desfruta com calmaria. A gente está aqui agora, desfruta! É isso que a gente tem. E eu imagino que, que essa pessoa do futuro já vai estar com isso mais latente do que agora, inclusive. Mas é isso, acho que a adolescência, a juventude, meio que tira, pelo menos pra mim, tirou um pouco dessa consciência. Sim, que as coisas acabam, que as pessoas vão embora, o tempo ele é, ele esta o tempo inteiro caindo areia assim. Então não adianta você achar que as coisas vão ser eternas, que vão durar para sempre, que mesmo as dores elas vão ser pra sempre e tudo ali ou um caos de transformação o tempo inteiro. E nisso a gente perde muita gente. No meu caso que tem, se esse,



esse lugar das diferenças, a gente perde muita gente é muito cedo. A gente vê a galera caindo, desistindo e caindo, desistindo e caindo e você falar não dá para ser assim, e é assim. Então, aprender e tem aprendido com muita dificuldade assim, a lidar com essas perdas, mas, sobretudo a desfrutar o presente. Acho que a perda ela vai acontecer. Queira ou não, mas enquanto não perdeu desfruta, investe pra ver, abraça, diz que ama, chora, come chocolate, toma açaí e o faz que quiser assim. E acho que é isso aí.

**SERGIO:** Então vamos a pessoa do presente pra ver...

**T'ANGEL:** O que eu diria pra pessoa do presente...

**SERGIO:** De frente pro espelho, hein!...

**T'ANGEL:** Meu Deus!... Continuar, continua... Segue o baile, segue o baile... Eu acho que eu já vivi mais tempo do que eu esperava, e que esperava também. Então eu já estou até subvertendo a estatística e a expectativa das pessoas e a minha. Então, a partir disso é continuar e o que vier é lucro, hehehe! E está tudo bem assim, eu acho que é muito bom perceber assim, que muita coisa que você brigou lá atrás não foi em vão e é óbvio que não foi sozinha, nunca é, mais assim, tá ali no meio dessas brigas todas, abrindo janelas, abrindo portas, abrindo possibilidades, isso é incrível. Isso é incrível. E eu espero quando eu falo continuar é essa vontade mesmo de continuar fazendo isso enquanto tiver força e energia para continuar, quero muito continuar produzindo tudo isso, mexendo esses conhecimentos, assim nas artes, na educação, nesses encontros, eu não acho que é muito importante, muito importante para mim e imagino que pras outras pessoas também.

**SERGIO:** Se você pudesse fazer três pedidos para pessoa que você é hoje, que pedido você faria pra T'Angel?

**T'ANGEL:** Três pedidos? Não desista! Sonha mais! E vá ver o mar! Vá ver o mar, vá ver o mar, por favor, me leva pra ver o mar... Estou desde 2019 sem ver o mar, então, enfim, eu preciso ver o mar. Que é essa conexão acho que enfim, separaram a gente dessa natureza e para a gente ter essa conexão, esse processo de cura também. Sempre que eu passava por alguma coisa muito marcante na minha vida, eu ia pro mar assim, e com a pandemia e tudo mais eu acabei não indo, então, esse ano eu preciso reparar esse erro da minha vida. Então leva essa pessoa para ver o mar. Por favor!

**SERGIO:** Você faria algo diferente do que você já fez?

**T'ANGEL:** Não, nada, nada. Zero arrependimento assim. Curioso até, porque eu fui no aniversário do meu melhor amigo, agora em abril e que estava essa velha guarda que a minha família, e a gente estava conversando sobre a adolescência que a gente fez um monte de cagada, tudo adolescente, claro, era a galera da cagada. E aí a gente falou cara, mas, zero arrependimento. É algo geral e unânime. Ninguém

se arrepende. Acho que tudo aquilo mesmo as cagadas, mesmo as cabeçadas, moldaram a gente, deformaram a gente no melhor sentido da palavra deformar. Levaram a gente e me levou para o lugar que, que é fundamental para aquilo que eu sou. Então o erro também faz parte daquilo que eu sou, a falha faz parte daquilo que eu sou, eu sou um grande fracasso, né? E e isso, então zero arrependimento não faria nada diferente. Só quero fazer mais, eu quero ter tempo. A vida já me deu bastante tempo de novo. Eu acho que eu já passei do que eu não esperava, do que esperavam, mas eu gostaria de ter um pouquinho de tempo a mais pra poder entrar em outras brechas, mexer um pouco mais na, nessas estruturas, tentar mexer um pouco mais nessa configuração de mundo, sabe, não à toa estou estudando pra isso. Eu acho que continuar estudando é uma forma de você ir mexendo nessas estruturas tão fixas e rígidas. Então é isso: zero arrependimento, nada de mudança; só que queria ter um pouquinho mais tempo para poder brincar mais, brincar mais, bagunçar mais.

**SERGIO:** Tem algo mais que você? Gostaria de falar que eu não mencionei, algo que você queira deixar um recado?

**T'ANGEL:** Acho que não. Acho que, talvez sim, talvez, é isso, assim como a gente fez agora de frente para espelhos. Esse exercício de reflexão, que as pessoas possam fazer isso mais vezes, encarar, encarar os próprios erros, as falhas, os próprios preconceitos. Assumir que também tem preconceito, assumir que a gente lida mal com as diferenças, que a gente maltrata as diferenças, a gente mata as diferenças, e a partir desse exercício, não importa qual seja seu lugar no mundo assim, mas tentar trabalhar de uma forma que seja aliada e que colabore para que essas violências elas possam ir gradativamente diminuindo. Mas a gente precisa de novo sair desse lugar de inércia que a gente está. Eu sei que tem muita gente numa zona de conforto incrível e que acha que o mundo é aquilo, só que é injusto demais essa pessoa estar numa zona de conforto, enquanto as outras estão tomando paulada na cabeça e garrafada, então péra lá, continua no seu conforto, mas vamos refletir também como você consegue colaborar para que essa pessoa não tenha paulada na cabeça. Sair do próprio umbigo, por mais desconfortável que isso seja, sair do próprio umbigo, então, parar para refletir, conversar, ouvir, meditar sobre tudo isso que a gente está conversando aqui é fundamental para a gente sair. Já é um movimento de saída da inércia e eu espero que as pessoas façam isso em algum momento da vida. Acho que só isso.

**SERGIO:** Agora eu fiquei com mais uma pergunta... Qual foi o momento em que aquela pessoa que não falava começou a falar? O que deflagrou, qual foi a chave, qual foi o momento de mudança?

**T'ANGEL:** Então eu penso que, talvez assim, se a gente for pensar em processo, o ponto de partida foi ganhar esse corpo, esse corpo que ela era negado e odiado, ele foi resgatado e apropriado, re-apropriado. Então tem esse lugar, e é a partir daí que resgatar esse corpo é também afirmar essa vida, você começa a mexer já em alguns

lugares, as pessoas, elas começam a querer ouvir sobre isso, e aí acho que foi um processo meio de ok, então vamos falar um pouco sobre isso. Acho que é mais ou menos por aí. Então ganha um corpo, ganhar não, brigar para ter esse corpo. Ninguém me deu esse corpo, né? Muito pelo contrário. E potencializar essa vida é falar pera! Eu tenho algo para dizer também. E a partir daí é isso, então, começar a usar no meu caso, as línguas como arma também, como forma de mexer nisso tudo que a gente está falando nessa configuração de mundo, e aí vem as artes, vem a educação e... Então, eu uso as línguas, mas uso o corpo inteiro para poder falar. E às vezes eu não falo nada, o meu corpo em certos lugares, ele já está dizendo muita coisa, né?

**SERGIO:** Em termos não conceituais, mas em termos objetivos. Nesta fase em que aquela pessoa começou a falar, o que aconteceu, você pintou o cabelo? Você começou a falar? Você deu palestras? O que objetivamente aconteceu?

**T´ANGEL:** Aconteceu...? É isso, eu tinha começado a me apropriar desse corpo, modificá-lo.

**SERGIO:** Modificá-lo, sim.

**T´ANGEL:** Sim, e aí isso gerava incômodo e questionamento, e as pessoas, elas queriam ouvir. E aí era um tipo peculiar de conhecimento, de saberes, de experiência, né? E a partir daí eu começo a falar, falar desse corpo, e aí outras coisas vão aparecendo, eu vou criando esse repertório também para poder falar de uma outra maneira. Mas começa disso, então as pessoas vêm, querem ouvir e aí a palestra, é aula, eu começo a trabalhar com educação antes e trabalhar com a educação, o que já é esse momento de troca, de explicar e de conversar e de mostrar e de falar, de forma bem objetiva, assim. Depois eu só potencializei.

**SERGIO:** Tem alguém que te inspirou?

**T´ANGEL:** Para falar...?

**SERGIO:** Sim, para essa tomada de decisão, para modificar o corpo...

**T´ANGEL:** Não, pra modificar o corpo, é... Enfim, tinha pessoas que tinham modificações e que me..., A estética, sobretudo a estética na época, mexia, gente é isso, sabe! Faz tanto sentido para mim. E basicamente foi isso; falar exatamente não tinha muito referencial, quando eu começo falar eu começo a falar de modificação corporal, né? Não tinha muito referencial assim? Então, depois de um tempo aí você começa a ver os nomes de pessoas que estudam, o que fazem...

**SERGIO:** Você falou do Paul B. Preciado, né?

**T´ANGEL:** É o Paul, Muito recente... 2012

**SERGIO:** Porque é recente mesmo...

**T'ANGEL:** Tinha no campo da modificação. Tinha Faquim Mussafart, Ster Arck que é um artista australiano, tinha o Lucas Espira, que é um artista da França. Então, que era uma galera que tava ali intervindo no corpo, mas também trabalhando com arte, trabalhando com performance, dando aula, dando palestra e isso me instigava, provocava. Eu não queria trabalhar fazendo as modificações corporais. Eu queria estar na parte da leitura, da pesquisa, da troca, né? Então, então eu fui para esse caminho, não é a toa que eu me formei em história. Então tem esse caminho todo aí...

**SERGIO:** Eu tenho só mais uma pergunta, eu prometo que é a última. É interessante observar você falando sempre da palavra, né? E o seu corpo, além das imagens, tem palavras propriamente, né? Como você percebe as palavras que estão no teu corpo, não só as palavras escritas em forma de palavras, mas as imagens e toda a imagem que você passa. Que palavras o seu corpo diz?

**T'ANGEL:** Uauuu! Se a gente pensa de uma forma bem assim, é, prática, muito do meu corpo está falando de amor, mas é tão chocante para uma grande parte das pessoas que elas não conseguem ver nada disso... Elas vem um grande borrão e está tudo bem, né? Mas assim o amor está bem distante, mas eu acho que para mim em primeira pessoa é isso, e está escrito, mas ao mesmo tempo pra além da escrita, pegando bem o conceito Guarani-Kaiowá, que é "A palavra, é a palavra que age", além da escrita é isso, me apropriei do meu corpo, intervi nesse corpo como um processo de amor próprio, de cura, de lamber ferida, de "olha, é seu, é você, então cuida!". E essa é a minha forma de cuidar. Essa forma de expressar amor por mim mesma, assim, é, e acho uma pena assim, que as pessoas parem na camada mais superficial, e resume da pior maneira possível tudo isso, assim, sabe? Não se dê nem a chance de se aproximar para tentar romper algumas ideias estereotipadas que têm, fica no lugar da doença, do demônio, da marginalização, e param ali, sabe, é uma pena sim. Mas quando conseguem quebrar essa camada e chegar um pouquinho mais próximo, aí tem um outro lugar que é bem curioso também, que é uma surpresa, porque olham a imagem e falam, uauuu! E aí eu abro a boca e a gente conversa 5 minutos, o povo fala "Gente que tem algo errado, porque eu imaginava que você era uma pessoa super agressiva, que tem um lugar ali em você, que é de conforto, de tranquilidade." Mas é isso a expectativa da pessoa sobre mim. E aí, quando sai desse lugar também do choque e da surpresa, e se aproxima mais, e vê que é uma pessoa como qualquer outra, né? As pessoas perguntam muito, mais e os alunos e alunas, como que ficam, com você desse jeito? Gente eu sou só mais uma professora, tem essa surpresa do primeiro dia. A gente tem uma primeira aula ali que eu explico porque tem que explicar, eu acho que faz parte, há material pedagógico também, mas depois é só a professora, sabe, que vai dar prova, vai puxar a orelha quando precisar, que vai ter ali as desavenças em algum momento, é mais uma professora. Porque saiu desse lugar, primeiro, aquela camada ruim, a segunda da surpresa e a outra que é mais uma pessoa assim, né? E é isso acho que quanto mais se aproxima, vai quebrando muita coisa assim.

**SERGIO:** Tal qual a madrasta de Branca de Neve. Eu sempre me confundo. Acho que assim, do espelho. Então eu vou pedir que você complete a frase olhando para o espelho “espelho, espelho meu...”

**T´ANGEL:** Ohhhh, meu Deus! “Espelho, espelho meu...” Estou com a frase da bruxa na cabeça, ahhh! “Espelho, espelho meu... É possível quebrar esse Zeus?” Acho que é isso... E foi pra rima mais simples, né? Mais simplista. “Espelho, espelho meu, é possível quebrar esse Zeus?”

**SERGIO:** Muito bem!... Eu quero te agradecer imensamente. Foi incrível! Adorei, adorei bastante nossa conversa, você ter vindo, ter estado disposta a vir, e no feriado, eu fico super constrangido de tirar alguém no feriado, enfim, enfim, muitíssimo obrigado mesmo!

## ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO: CÉSAR TREVISAN

**Cesar:** Meu nome é César, atualmente César Augusto Pedrosa Ortega Trevisan. Eu tenho 28 anos, eu estudo Filosofia numa escola à maneira clássica. Eu gosto, ahh! Sou pai de dois gatos atuais, e ali, pequenininha é pai e filho. Moro sozinho há quatro anos, eu gosto, ahh! Eu amo nadar, eu nado até a mar aberto, adoro nadar, pular de cima da escuna, eu Jogo tênis de mesa, tô resgatando uma experiência de pequeno que é jogar xadrez nessa escola, e como se fosse a minha turma ali, mas eu tenho, tem aluno que já superou o mestre muito antes ai, tem aluno que joga muito mais que eu, mas está sendo legal essas interações. Gosto de macarrão ao molho branco. Eu sou vegano e já fui crudívoro, que é só comer coisa crua, nada que vai ao, ao forno e minha cor preferida é o laranja, eu não sei se deu pra perceber e... Quando eu era pequeno não imaginava que eu ia ter a barba ruiva, porque o meu cabelo era castanho avermelhado, mas era mais castanho que avermelhado. Quando eu comecei a ter um bigodinho loiro, foi da hora, é isso.

**Sérgio:** Nós vamos ter uma conversa agora e nós vamos nos comunicar através do espelho. Ok? E você vai responder conforme você queira, da maneira que você queira. Inclusive, você pode não responder também, normalmente sempre olhando para o espelho, mas quando você quiser, você também pode olhar para mim, não tem problema, tá bom? Pra a gente chegar plenamente aqui, eu vou pedir que a gente faça uma pequena meditação para a gente chegar em um ambiente, para estarmos aqui plenamente. Tá bom? Vou pedir que você feche os olhos, por favor... Vai chegando nesse ambiente, mantendo contato com o seu corpo, com a sua mente ou com o seu coração... Nesse momento então, eu vou pedir que você pense que nesse espelho que está na sua frente, está passando o filme da sua vida, desde o momento em que você está agora e você vai retornando no tempo, deixando que as imagens apareçam... Toda a sua história, todas as suas dores, todas as suas alegrias, os seus momentos de indecisão. Veja o menino que você foi um dia. O adolescente que você foi se apresentando, os principais eventos, ou até mesmo aqueles eventos mais tranquilos de bem estar, de tranquilidade... E você vai olhando também para aquela criança que você foi um dia e tudo o que aconteceu com ela e todas essas pessoas que foram e que ainda é você. Até você se tornar um bebê, uma criança no colo da sua mãe... E a partir desse momento, então, em que você se vê como criança, você deixa que a fita da sua história siga todo o seu crescimento... Deixe que apareça as imagens até chegar na idade que você está agora... Você então vai se aproximando da idade atual e no seu tempo, você abre os olhos bem devagar... César, quando você olha para o espelho, quem você vê?

**Cesar:** Uma pessoa muito forte, que se preocupa da onde veio e pra onde vai, que tenta fazer da sua força, que seja base até mediante fraquezas. (Chorando).

**Sérgio:** De onde você veio? Quando você fala que você se preocupa, de onde você veio e para onde você vai, de onde você veio?

**Cesar:** Minha ancestralidade mais próxima, com certeza é a minha avó, minha mãe, meu pai, mas eles carregam física e energeticamente né? De alma deles, é, propósitos de vidas que tão unidos ao meu, então, a minha ancestralidade tem a ver com qual missão eu vim cumprir na Terra. E essa missão é um mesclado do que eles vieram cumprir e como que eu me identifico dessa mensagem que eles trouxeram. Então, eu vim de um propósito de vida, de algumas mensagens.

**Sérgio:** Esse propósito de vida pode ser revelado? Você pode falar algo sobre isso, ou é um segredo?

**Cesar:** Não ele..., ele tem a ver com o que é verdade para mim hoje, o quanto essa verdade pode me libertar do que forem..., por mais que pareça redundante, que forem mentiras, que me afastam de quem eu sou de verdade, e que é uma, que eu estou constantemente tentando descobrir e que as pessoas que se sentem felizes comigo e me lembram que eu estou aqui também para ser feliz, quando elas estão num momento de busca de verdade delas e eu no meu, existe felicidade, existe plenitude entre os dois. Então eu acho que é isso que eu busco, querer olhar no olho, querer não falar tanto com a cabeça quanto com o coração. (chorando.)

**Sérgio:** Quem é você?

**Cesar:** Eu sou aquilo que eu gosto de fazer. Eu não sou um conjunto de letras que são os símbolos, que emitem um som e uma vibração, que toda vez que se manifesta eu volto o meu cenho, meu centro, para descobrir se o universo me chama. Eu sou muito mais o que nesse universo manifestado, quando me chama eu me congrego com aquilo, tem a ver comigo. Então, as coisas que eu gosto, eu gosto de fazer coisas com pessoas que me deixam leve e deixa elas leves, desde conversar sobre coisas da minha, da minha..., da minha vida, que são simples, e tiram um sorriso. Tudo o que for bem humorado, eu acho que tem muito a ver comigo, desde uma piadinha besta, até também o chorar pra caramba, para poder falar sobre as dores da vida e eu jogar tênis de mesa e..., sei lá..., às vezes sair um pouco da zona de conforto e olhar para alguma superaçãozinha, e falar assim: “Está vendo! As superações trocam de roupa, mas não trocam de essência”. Já é uma superação nascer todo molinho e não ter morrido durante esse tempo e isso é uma coisa minha e de todo o ser humano, minha com algumas cirurgias envolvidas, mas de todo ser humano porque não vem com manual a vida, enfim, então tudo isso que parece ser diferente, mas tem uma união por baixo. Tentar falar dessas coisas e com leveza me chama.

**Sérgio:** Você falou das cirurgias? Você passou por várias cirurgias, isso?

**Cesar:** Sim. A primeira com dois anos de idade, foi, eu vou falar o nome do técnico lipomieleningocele, lipo de gordura, mielomeningocele é uma falta de ácido fólico

no quinto mês de gestação, então é congênita, ahh..., normalmente nasce com uma fenda medular e é constatado até no exame do pezinho ou em ultra-som. Mas no meu caso foi uma raridade, em 95, mês de nascimento e não tinha nem cirurgia na barriga nessa época. Enfim, eu nasci com essa malformação e com dois anos de idade foi feito um descolamento de medula óssea que permitiu continuasse desenvolvendo a parte motora e ortopédica também. E aí então a primeira foi neurológica aos dois de idade vieram mais ou menos umas 15 cirurgias ortopédicas pelo crescimento indeterminado dos, dos membros inferiores principalmente; e escoliose que é o desvio da coluna, a parte ortopédica, tem na coluna e ele é estimulado por uma monoparesia, né? Paralisia seria da cintura para baixo os dois membros, monoparesia pegar mais um dos membros, e aí, devido a essas cirurgias foram muitas sensações de reaprender, renascimentos, porque que, nunca pude tomar Rack, então nunca assisti uma cirurgia por causa da coluna, né? Então, eu era sempre o passa em 5 segundos, mais foram de 3 a 5 horas, às vezes até 7 horas de cirurgia, parecendo um segundo porque te induz ao coma ali, e aí, são sensações muito diferentes da, de você estar sendo cuidado até os 18 anos de idade, pela sua mãe e por outras pessoas conhecidas, né? Vida de hospital, ela mexe com a gente bastante, então..., Isso me fez e fez a minha mãe, bastante, ela nunca falou como um peso; então parte da idéia que peso pode vir de mim, por mais é o que me moveu até para ver isso de existência, de perguntar de um coração tão sincero o que eu vim fazer aqui? Porque é uma pergunta, na verdade, que eu pareço começar respondendo, mas eu me faço constantemente, porque ele se renova né? É isso.

**Sérgio:** Você se sente um peso?

**Cesar:** Eu sinto que..., vem esse sentimento sim, eu sinto, e vem esse sentimento toda vez que eu não tenho consciência e capacidade de perdão, consciência..., de que hoje eu mais facilito o meu caminho e das pessoas, do que atrapalhar, até pra pessoa que sempre me acompanhou, que foi minha mãe e meu pai nos bastidores. É..., Mas perdão é a questão de tipo, eu não tinha consciência, que criança já nasce com consciência, ela se adquire pela convivência, por ter um..., algum desenrolar de história física agora, que ative a memória dela agora, pra ela poder dizer que ela tem alguma coisa, para trabalhar sobre, então primeiro vem a obra e depois vem a contemplação dessa obra e acho que a história de cada um é assim e então, perdão e consciência, busco os dois cada vez mais.

**Sérgio:** Você está trazendo o perdão. Você teria alguém ou algo a quem pedir perdão ou a perdoar?

**Cesar:** A todas as pessoas que eu sei que eu posso ter magoado (Chorando), porque se elas aceitam o perdão, elas também não vão se perdoar por ter confiado, criado um ideal de mim que eu não sou, eu não sou obrigado a cumprir pra ela, e que eu não podia dizer pra ela quem eu era porque eu estava me descobrindo também, então, se ela aceita esse meu perdão, todas essas pessoas tá? Tirando um



pouco o foco tipo, do meu pai e da minha mãe, porque eu acho que eles têm um grau de consciência e vínculo sincero comigo, que eles vão me perdoar, sabe... Deles eu não duvido disso, mas das outras pessoas que podem estar com..., tipo ex namoradas, irmã, minha irmã, todas essas pessoas, se elas aceitam esse perdão elas vão conseguir também se perdoar por ter se magoado na época e aquilo que foi sofrimento, se virou alguma forma de trauma, eu acho que com consciência agora, da forma certa que é perdão, com consciência agora elas vão conseguir seguir a vida delas e eu não sei o porque eu penso isso, mas imagino que inconscientemente alguma coisa me puxa pra isso, então pode ter sim, algum vínculo com alguma dessas pessoas, principalmente ex-namoradas, porque assumindo postura de homem e não entendendo nada de masculino e feminino, mas já tomando frente, assumindo posturas, então, hoje eu estou nesse processo assim de desconstrução para reconstrução, não assumir mais posturas de mimetismo, não mais...

**Sérgio:** Você passou por um processo bastante extenso pelo que você conta de cirurgias, né? Quando você se olha no espelho, né? E olha para o seu corpo, o que vocêalaria sobre ele?

**Cesar:** É eualaria que..., Se o outro merece perdão..., eu mereço meu perdão? Mereço! Já me vi sendo filmado de costas, e com vergonha de como eu estava andando, porque eu vejo a vida pelos meus olhos em primeira pessoa e me imagino como outros olhos e outros ângulos me vêem e que o padrão visual é esse, que eu tomo como referência de tudo tão belo e bonito e onde eu não me encaixo nesse belo e bonito por mancar?... Então eu não posso repassar essa injustiça de como eu me vejo e eu tenho que me ver com amor. E recentemente eu tenho me permitido cuidar mais de mim fisicamente, que isso sempre foi uma dificuldade, porque me foi tirado, isso por circunstância de saúde, porque eu não era médico, eu tinha que ter sido cuidado por quem sabia... E o que eu estava fazendo, e porque também o cardiologista não opera o próprio peito, um filho não se cria no início sem alguém que o crie. Então se hoje eu estou podendo me cuidar, eu tenho que olhar cada vez mais para o meu corpo e agradecer pelo que eu tenho, porque o que a gente não tem, o que eu não tenho, é uma infinidade de coisas, olhar para isso é desistir da vida.

**Sérgio:** Se você pudesse olhar para trás agora, como na proposta do exercício, né? E olhando para a sua história de vida, como você contaria essa história?

**Cesar:** Como contaria a minha história? Tentando olhar de uma forma panorâmica geral certo? Bom... É, esse espaço ele foi feito por alguém, essa pessoa acessou algum lugar ideal, que protege a gente de vento, de chuva, de sons, tudo isso pode ser entregue para quem for estar aqui e eu estou dividindo isso aqui, então, se eu sou grato pelo meu corpo e expandindo essa idéia de ser grato por esse lugar vendo agora, contar minha história precisa ter uma narrativa inicial de gratidão... E, do mesmo jeito que sob uma leve pressão de vir aqui, sentar na frente de uma câmera, eu mal vi o lugar enquanto eu fazia minha caminhada, como que por causa das

pressões da vida a gente faz a própria caminhada e não olha para ela, ao longo dela. Então, para mim, esse quarto tem que representar o universo da minha vida. Como eu não vou buscar, tentar entender, sentir um pouco ele, eu, eu acho que ele deve ser a origem de todas as naturezas e... Dói ver a própria natureza porque a gente não se serve de outras naturezas né? E essa é a minha visão da minha própria história e eu, a gente está tentando contar ela agora eu estou tentando falar, ninguém me conhecia até agora e nem eu, nesse momento de dar uma, essa entrevista, então se da vida e da entrevista eu estou tentando ser cada vez mais grato, a narrativa começa dessa forma e meio que chegou até ela de novo, bem cíclico, então eu agradeço.

**Sérgio:** César, o que você pensa, imagina que a sua mãe falaria sobre você para a melhor amiga dela?

**Cesar:** (chorando) Que o amor que ela sentiu pela mãe dela e sentiu vindo da mãe dela, ela tentou repassar melhorado, ela diria que ela tem orgulho, ela diria que já nasceu como um milagre, se manteve como um milagre e que foi um presente de Deus na linguagem dela mesmo, não por minha linguagem. Ela é uma mulher de muita fé, então ela começaria agradecendo a Deus pelo filho que ela tem.

**Sérgio:** Aproveitando essa pergunta, você já falou um pouco, mas o que mais você já ouviu da sua mãe à respeito... Quais são os olhos da sua mãe sobre você?

**Cesar:** Ela sempre me viu e me disse que eu era uma pessoa muito sensível (chorando), de forma indireta ela disse que eu amo muito a música, então na verdade, ela via muito origem disso no meu pai que, que sempre tocou na igreja e já chegou a ser encarregado de orquestra e ela organista e fez um tempo de piano, então, ela sempre viu muita sensibilidade em mim em relação à música e ela via que ela estava do meu lado para acompanhar todo o resto das cirurgias, mas ela tinha a sensação de que eu já estava pronto para vencer essas batalhas, e isso é engraçado, porque eu nunca me senti pronto, gente vem com uma lacuna imensa a ser preenchida, tenta preencher essa lacuna com alguém, e eu sempre tentei preencher com minha mãe. Mas ela mesmo fala com muito orgulho de mim, com muita admiração e como que eu nunca me admirei, só continuei sendo e os elogios sempre vieram de fora, então, ela sempre me disse que eu tinha muita sensibilidade e que eu simplesmente resolvia os problemas, por exemplo, no hospital, cantando alto no banheiro e as pessoas no corredor ouviam e ela ficava numa idéia de tipo, eu vou ter que ir lá conversar com as pessoas, e aí ela teve esse orgulho, mas ela também teve muita, muito trabalho acadêmico comigo, porque nas minhas fases de revolta de adolescência eu, eu dei dor de cabeça pra ela, então ela também teve alguns lamentos, por eu aprontar muito na escola, descontar em todo mundo, e as pessoas ainda viam essa sensibilidade, uma possível inteligência, ela sempre me chamou de inteligente, sempre falou que fui, sempre fui muito inteligente desde

pequeno, e crise de vocabulário mesmo. Talvez eu tinha melhor vocabulário quando era pequeno do que hoje, porque a gente aprende palavrão (risos), mas, e bem humorado pronto, também. Ela sempre falou muito, acho que o principal... Ela, ela... Coisas que ela me falou diretamente, há uma coisa que ela falou e que eu também não gostava de ouvir e que me chamava ou de Saulinho, que é o nome do meu pai Saulo, como se fosse uma réplica, uma cópia de alguém. E como eu sempre me comparei aos outros percebendo que eu não era igual, se fosse para não ser igual, não ia ser igual a ninguém, e o tom de voz era que eu era igual no defeito eu ficava p da vida, eu ficava mal, então isso ela também já falou e eu não gostei. É o que vem à mente.

**Sérgio:** Você fala de uma fase na adolescência que você chamou de revoltada. Como é que foi essa fase.

**Cesar:** Ontem eu assisti um filme francês chamado “Mommy” e fala de uma mãe que tem um filho com uma deficiência do espectro intelectual, e ele foi internado várias vezes por esse motivo e ele é muito expressivo, a atuação, o ator faz bem aquele personagem de uma forma muito explosiva. E como eu já estourei lixeiras, já dei... Eu calejei minha mão na parede pensando eu vou provocar as pessoas, eu vou me envolver em briga e eu não tenho força na perna para correr nem pra dar bica, até no chão eu tenho que conseguir dar murro, então eu calejava minha mão, então, tipo, foi, medindo os possíveis danos, mas dando vazão lado a lado com a coragem e ao ódio, virtude uma fraqueza, o ódio acaba sendo uma fraqueza e te expondo, não é a forma inteligente de lidar com os problemas, mas era a forma que eu tinha a mão lado a lado, fraqueza, ódio e coragem, eu distribuía agressões verbais, agressão no meu próprio corpo, calejando a mão, arrebatando ela na parede, dando socos e afastando as pessoas e culpando o afastamento, culpando a minha perna. Eu fiz muito isso na minha adolescência, lembro bem! Pensamentos super negativos também, tipo conteúdos negativos já não propícios a uma criança, mas já dando um jeito de sempre estar em contato com ele e nutrindo pensamentos negativos.

**Sérgio:** Naquele momento como é que você se via então?

**Cesar:** Como eu me via..., eu me via em alguns elogios, que as pessoas que estavam ainda perto de mim, apesar de eu dar motivos para ela não estarem perto, quando era tipo numa postura meio passiva e deixando eu do lado, eu acho que era por dó ou porque não estava conectada comigo, mas com quem, apesar disso, queria estar perto de mim por ser sempre destrutivo, mais criativo também, com uma imaginação muito fértil e tal, eu me via na aceitação das pessoas, principalmente.

**Sérgio:** Essas pessoas que te aceitavam e elogiavam o que elas falavam sobre você.

**Cesar:** Elas já me falaram... Que eu era doido. Que, me elogiavam, né? Eu já comecei falando “nerdade” com que elas me..., é..., é porque depende do tom,

muito bem. O tom, em tom positivo elas falavam que eu era divertido, que eu era engraçado, que eu era, que eu tinha uma imaginação extremamente fértil e, muita criatividade, muita imaginação, eu acho que era uma das coisas, que tipo, eu desenvolvia assuntos, eu trazia assuntos, eu buscava assuntos, levava assuntos, então sempre tinha assunto onde eu estaria... Então eu lembro muito de o que atraía essas pessoas, é, seria isso, então elas me chamavam, assim, de, de engraçado. Eu sempre fiz piada. Se eu não soubesse fazer uma piada, que me desculpem! E isso já foi uma piada eu acho... Se arrancou um sorriso, alguma coisa tem (risos).

**Sérgio:** E as suas piadas eram sobre o que?

**Cesar:** Hummm, sobre as diferenças das pessoas. Elas iam de um humor ácido a um humor aceitável e engraçado às vezes, ele todas muitas vezes era engraçados mas, do ácido ao, ao só divertido, ao, até leve né? Do ácido ao leve, do ácido é claro, eram sobre as diferenças que a gente via, onde as pessoas se incomodavam. Então, como eu sempre me incomodei sobre deficiência, tudo o que poderia incomodar alguém, pela diferença dele, eu ia lá e fazia piada. E são muitas tags, a gente sabe como é que funciona, essa separatividade entre as pessoas hoje em dia e acho que isso sempre existiu com formas diferentes. Era isso a minha a minha base e aí assim, ahhh, tinha um comercial, e o comercial tinha alguma, alguma frase engraçada e a frase tipo rimava ou tinha alguma palavra que fazia ressonância com outra situação eu unia as duas então brincando, e aí as pessoas falavam “Nossa, que engraçado” e ria lá, acho é que isso.

**Sérgio:** O seu pai, o que é que ele falaria sobre você? Como ele te vê?

**Cesar:** Para ser bem honesto, o que realmente é, entre eu e o meu pai, tá um pouco longe aos meus olhos do que realmente é, porque eu tive, eu tenho a sensação de uma distância grande dele. Mas quando fala, acho, que de tamanho, espaço, distância, é sempre comparado a quê, e aí eu posso estar comparando ele com a minha mãe no início da vida, e a gente está falando agora de diferenças. Eu comparava pessoas, eu me comparava às pessoas. Isso é injusto. Então eu... Prefiro ter um espaço até que vago, em quantidade de riqueza de detalhes sobre o que eu penso do meu pai, mas ele é um herói para mim, ele é um herói de uma forma diferente, que eu talvez eu não saiba ser, porque eu sou, eu sou presença e ele representa o todo acontecendo e não aparecendo. Tipo Deus, ele não aparece, mas ele está lá. E é até engraçado, porque talvez essa história não seja uma história isolada em um formato, o pai é o..., não, o homem aborta muito mais do que a mulher, na questão de ele abortar a missão família muitas vezes, mas até onde coube, ele não abortou e não quer dizer que ele não teve dificuldades. Ele teve e não abortou a missão de, por isso que eu falei nos bastidores né? Subsidiar, dar o sangue dele do jeito dele, ele apareceu nas horas que ele tinha que aparecer. Tipo o pai céu, mãe terra, matéria, e, e espírito, tipo pai céu mesmo, ele. Tiveram momentos que eu passei por situação vexatória de sujidade na rua, por necessidades físicas, e ele me deu força. Nunca ninguém entra entre o olhar que ele

deu pra mim de força, porque foi a presença, foi olhar. Então, ele diria que por eu ter toda essa coragem de falar essas coisas e de ter vivido o que eu vivi, ele não se vendo nessa coragem, porque ele sabe os medos dele e ele sabe o por que é que ele não encara alguns medos dele. E ele sabe que uma das minhas virtudes que ele admira é a coragem. Só que eu não tenho coragem de falar isso pra ele. Talvez eu tenho, vou mandar esse vídeo para ele. Não corta. (risos). É isso, ele diria que eu sou corajoso, que eu sou forte, e que eu também trouxe tantos ensinamentos para ele, quanto para minha mãe, quanto as pessoas ao redor. É isso.

**Sérgio:** E seus relacionamentos afetivos, o que é que as pessoas com as quais você se relacionou ou está em relacionamento, diria sobre você, como eles te vêem?

**Cesar:** Relacionamentos amigos e afetivos. Com certeza eu já tratei melhor os amigos do que os afetivos. Também não acho que eu sou o único que já fez muito isso, mas com certeza muita intensidade, muito apego e muito..., muito domínio sobre as situações, com certeza sobre a pessoa, muitas vezes. Mas mesmo errando, sempre mostrando eu, mesmo sendo grosso, falando “é sou grosso mesmo”. Então até para o lado ruim com essas pessoas, eu acho que eu sempre fui honesto, de mostrar mesmo. O afetivo principalmente, os amigos eu acho que sempre muito leve e acho que eu tenho baixa incidência de inimigos por incrível que pareça, não querendo me achar nem ser modesto, juro eu acho!

**Sérgio:** Mas, o que a pessoa do relacionamento falaria pra melhor amiga dela, por exemplo, sobre você?

**Cesar:** Tiveram mais de um relacionamento sério, né? Relacionamento sério quando fala é tipo afetivo e querendo casar, o sonho do casamento, sabe?

**Sérgio:** Sim, afetivo e amoroso.

**Cesar:** Isso! Quanto mais passou o tempo, se a pessoa me visse hoje, ela provavelmente nem me reconheceria, visual e posturadamente, né? A minha postura. Então, eu acho que quanto mais antigo esse relacionamento que o primeiro, por exemplo, começou aos 14 anos, nós ficamos quatro anos juntos, é..., provavelmente ela não saberia muito o que dizer, só que se a gente está tratando do passado, ela diria que era alguém muito alegre, muito energético, muito entusiasmado, divertido, brincalhão, honesto, tal tudo com todos. Mas, também diria que era uma pessoa manipuladora, destrutiva e que até assustava assim, beirando a uma bipolaridade mesmo, de tipo como ele pode ser o herói e o vilão ao mesmo tempo, sabe, da vida do outro. As pessoas mais recentes veriam outras virtudes que eu não explorava nessa época, tipo assim, mais generosidade do que na época que eu era bem egoísta, avarento, fechado, mas a gente também está falando de uma criança. Mas, precisei tentar pensar nessas coisas para, para não ser mais elas, porque quando a gente não pensa, eu acho que elas existem até hoje e a gente nunca pensa nelas, enfim, a pessoa, eu acho que, se ela não mudou para ficar

parecida com, com quem eu conversaria hoje, por questão de afinidade, talvez não, nem conversaríamos nem nos conectaríamos, porque eu era uma outra pessoa na época. Se ficou vago, pode ser porque eu não sabia nem o motivo pelo qual estava com essas pessoas na época. As mais recentes era porque eu sentia que ela podia, os meus últimos relacionamentos sérios, a pessoa podia me ajudar com o que ela tinha de melhor, que era uma presença sincera e que era bom para mim e, ela o que via de bom em mim aí eu não sei, mas o que eu tinha para ela era uma presença sincera.

**Sérgio:** Cesar, imaginando que você está olhando para aquele menino, aquela criança do passado, que foi submetido a várias cirurgias ao longo do tempo, pelo que eu entendi até os 18 anos, isso?

**Cesar:** Não, eu fiz uma cirurgia ano passado, também mais uma, no total. Na verdade, eu falei que a minha mãe acompanhou mais ou menos 18 cirurgias após a primeira, com dois anos de idade, porque depois da maioridade eu acompanhei algumas sozinho. Mas a soma de todas, incluindo a do ano passado, foram 21 cirurgias.

**Sérgio:** Mas olhando para esse menino do passado, aquela criança, talvez a criança de dois anos ou um pouco mais? O que você diria para aquela criança?

**Cesar:** Se hoje eu, com, que se eu não soubesse minha idade, quantos anos eu teria agora? Se hoje eu, porque o tempo é relativo, me olhasse no início da minha caminhada, pequeno, e acreditando que as crianças ouvem e sentem o que a gente tiver passando ali para elas, dessa idade em diante... Eu diria pra ela ouvir mais a intuição dela e menos os pensamentos, porque, com certeza, muitos pensamentos que não eram desse César é, bombardearam ele, bombardearam e, a que depende de nós e que não depende, é na nossa cabeça passam coisas que não são nossas, por uma sede de referência, que vem da alma desse César, referência, referência, referência... Então eu ia pedir de verdade pra ele ouvir um pouco mais o coração dele. Isso.

**Sérgio:** Muito bem, e o César do futuro, o que é que você pediria pra ele ou diria pra ele?

**Cesar:** Botas propulsoras a jato (risos). Eu pediria para ele iniciar um projeto em que fosse concluído em tempo recorde. Mas que assim ele dedicasse a vida dele com tudo o que ele tem de melhor e que o ao redor possa oferecer para resgatar o máximo das virtudes dele, superar o máximo das fraquezas dele e passar da melhor forma isso para o máximo de pessoas que ele puder.

**Sérgio:** E o que seria isso?

**Cesar:** Um projeto para o César do futuro? Acho que a forma mais humana que ele mesmo sabe que funciona, que é a educação, boca a boca que começa em

conversas, começa em..., começa e está continuando porque os, a nossa educação inicial, pai, mãe ou quem faz esse papel de tutor inicial, já faz isso e isso já nos constrói. E do zero ao seis está fazendo maior diferença na nossa vida de idade, né? E a gente mal se lembra, mas é o nosso start, a gente tem uma história, então já começa aí. É um projeto que seja educacional e humano, de verdade ali, onde tem pessoas compromissadas do fundo do coração delas, não corrompidas por *status*, matéria, dinheiro, como tipo um salvador de almas mesmo que não caia para o cunho religioso atual.

**Sérgio:** Muito bem, e para o César atual, faça três pedidos para o Cesar atual, o que é que você pediria para ele?

**Cesar:** O Cesar de agora, é pediu tem que entregar, igual ao iFood, a gente pede mesmo e tem que entregar... Continuar não se distraindo com as formas das coisas e das pessoas que te encantam assim nos olhos, que te dão vontade de parar de olhar essa... As entrelinhas das situações ou as entrelinhas da própria vida, um. Dois: seja mais artístico e menos racional, porque eu trabalho no financeiro, então César, mais arte, já faz muita arte, mas mais arte. E três: vai mais em, de encontro com as pessoas que você ama e que fizeram parte dessa sua vida e história que você só valoriza pra valer mesmo, só põe a frente quando alguém te pergunta ou quando você está numa conversa com o outro, então vai mais ao encontro das pessoas que você ama de verdade, seu pai, sua mãe e sua irmã.

**Sérgio:** Você falou que no hospital você cantava e você disse também que sua mãe falou que você é sensível, e sensível à música. Se você pudesse falar em uma música que representa você, qual seria?

**Cesar:** Tá, só de você não me pedir uma palhinha já está ótimo, tá? Obrigado por não me pedir... ahhh, não...

**Sérgio:** Mas eu posso pedir isso depois... (risos)

**Cesar:** Pode né, putzzz! Não, não, não... Então o seguinte, uma música que representaria hoje, o hoje né? Essa é a pergunta. Uma música que me representaria hoje, é isso?

**Sérgio:** Ou a sua história...

**Cesar:** A minha história ou hoje a minha história? "Se um dia eu pudesse ver meu passado inteiro e fizesse parar de chover", essa, não vou continuar senão eu não consigo (risos). Não lembro o nome tá? Só essa...

**Sérgio:** Muito bem, deixa eu pegar minha cola agora.

**Cesar:** Boa...

**Sérgio:** Eu acho que é "Primeiros Erros"

**Cesar:** “Primeiros Erros” ... Depois os acertos (risos).

**Sérgio:** Muito bem, você, na sua história, você faria algo diferente, se você pudesse reescrever?

**Cesar:** Se eu pudesse reescrevê-la, se eu faria algo diferente... Eu colocaria mais decisão na vida, porque eu estava indecisa até agora, eu que eu preciso, colocaria mais decisão na minha vida, em vários momentos eu, essa, a decisão me salvaria de sofrer, mas várias coisas aconteceriam também porque sem o sofrimento não seria o que eu sou hoje. Mas eu imagino sim, que a decisão somaria e melhoraria, como um todo. Sim, decisão seria mais decidido.

**Sérgio:** Tem algo mais que você gostaria de falar que nós não mencionamos aqui, algo que você gostaria de deixar como mensagem?

**Cesar:** Do mesmo jeito que eu tenho tentado falar mais com o meu coração, sair disso do que, o que eu vou falar e se o outro entende o que eu estou falando ou não, por estar escolhendo as palavras que pareçam rebuscadas, que isso seja o motivo de eu merecer ser ouvido, não, eu diria para mim mesmo, e eu diria para as pessoas falarem mais com o que o coração delas de verdade diria, porque quando eu era pequeno eu não tinha um monte de histórias, mas eu falava, falava, falava e as pessoas gostavam de mim como criança. Então o que eu falava? Eu falava com o coração, com uma inocência, uma pureza e eu quero resgatar essa pureza, cada uma cada vez mais em mim, e eu pediria para as pessoas junto comigo falarem com o coração delas.

**Sérgio:** Muito bem, César eu te agradeço imensamente por estar aqui. Agradeço por ter vindo. É, eu vou pedir só que, eu vou pegar aqui para você esse espelho e eu gostaria que você com ele em mãos, pudesse responder à seguinte pergunta: Você repete o que eu vou dizer e completa ok?

**Cesar:** Ok.

**Sérgio:** Espelho, espelho...

**Cesar:** Espelho, espelho meu... Existe alguém mais chorão do que eu? Sim..., e não. O choro é uma forma de limpeza, limpeza é purificação. E é isso!

**Sérgio:** Obrigado.